Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 6

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR

Provérbios 22.6: garantia, incentivo ou ênfase em uma vida estruturada? – David W. Smith

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

A Glória de Deus é o Alvo do Aconselhamento Bíblico – John Piper

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Aconselhamento Bíblico de Crianças – Earl L. Cook
Ajuda aos Pais de uma Criança Irada – Michael R. Emlet e David A. Powlison
Como Ajudar uma Criança Enlutada – Judy Blore
Como Aconselhar a Criança Adotada – Julie S. Lowe
Apenas um Adolescente – David Powlison
Dê ao seu Adolescente uma Visão da Glória de Deus – Tedd Tripp
Comunique-se com os Adolescentes – Tedd Tripp
Quando os Filhos Partem – Wayne A. Mack

ILUSTRAÇÕES PARA O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Como os Bons Desejos Transformam-se em Maus Desejos – Robert D. Jones

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O Que é "Sucesso" para os Pais de um Adolescente? – Paul D. Tripp

RESENHA

Pastoreando o Coração da Criança, Tedd Tripp – resenha por David A. Powlison

Christian Counseling & Educational Foundation
RESTORING CHRIST to COUNSELING & COUNSELING to the CHURCH

Coletâneas de Aconselhamento Bíblico

Volume 6

A Palavra do Editor

Provérbios 22.6: Garantia, incentivo ou ênfase em uma vida estruturada? - *David W. Smith* . 03

Bases do Aconselhamento Bíblico

A Glória de Deus É o Alvo do Aconselhamento Bíblico - *John Piper* 05

Prática do Aconselhamento Bíblico

Aconselhamento Bíblico de Crianças - *Earl L. Cook* 24

Ajuda aos Pais de uma Criança Irada - *Michael R. Emlet e David A. Powlison* 35

Como Ajudar uma Criança Enlutada - *Judy Blore* 51

Como Aconselhar a Criança Adotada - *Julie S. Lowe* 63

Apenas um Adolescente - *David A. Powlison* 77

Dê ao seu Adolescente uma Visão da Glória de Deus - *Tedd Tripp* 83

Comunique-se com os Adolescentes - *Tedd Tripp* 91

Quando os Filhos Partem - *Wayne A. Mack* 105

Ilustrações para o Aconselhamento Bíblico

Como os Bons Desejos Transformam-se em Maus Desejos - *Robert D. Jones* 119

Perguntas e Respostas

O Que É "Sucesso" para os Pais de um Adolescente? - *Paul D. Tripp* 126

Resenha

Pastoreando o Coração da Criança, Tedd Tripp - *resenha por David A. Powlison* 137

Provérbios 22.6: Garantia, incentivo ou ênfase em uma vida estruturada?

David W. Smith[1]

Os artigos do volume 6 das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* destacam o aconselhamento de crianças e adolescentes. O assunto faz-me lembrar de um texto bíblico que os pais (e os conselheiros) reivindicam freqüentemente como uma promessa de que o treinamento nos caminhos do Senhor desde os anos mais tenros assegura que mais adiante (se não para sempre), quando aquele filho se tornar adulto, ele seguirá esse caminho. Provérbios 22.6 diz: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele". Este texto é de fato uma garantia de uma "bondade final"? Embora seja verdade que muitos textos bíblicos (por exemplo, Deuteronômio 4.9 e 6.6) instam-nos fortemente a treinar, desde cedo e com persistência, as crianças e os adolescentes nos caminhos de Deus, também é verdade que Provérbios 22.6 não tem a intenção de ser uma garantia absoluta e inviolável de sucesso. Conforme destacado por Dr. Sid S. Buzzell em *The Bible Knowledge Commentary*,

> Um provérbio é um instrumento literário pelo qual se liga uma verdade geral a uma situação específica. Muitos dos provérbios não oferecem garantias absolutas porque expressam verdades que estão condicionadas necessariamente por circunstâncias prevalecentes. Por exemplo, os versículos 3-4, 9, 11, 16, 29 não expressam promessas com cumprimento *sempre* obrigatório. Embora os provérbios sejam em geral e costumeiramente verdadeiros, algumas exceções ocasionais podem ser notadas. Isso pode acontecer devido à vontade própria ou desobediência deliberada de um indivíduo que escolhe

[1]David W. Smith é atualmente professor de aconselhamento bíblico em *The Master's College*, Santa Clarita, Califórnia, após ter residido no Brasil durante trinta 30 anos, investindo no ministério de aconselhamento bíblico no *Seminário Bíblico Palavra da Vida* em Atibaia, SP.

> andar pelo próprio caminho: o caminho da estultícia em lugar do caminho da sabedoria [...]. O indivíduo é responsável por isso. No entanto, e de modo geral, é verdade que a maioria das crianças que crescem em lares cristãos, debaixo da influência de pais piedosos que ensinam e vivem os padrões de Deus (Ef 6.4), permanecem naquilo em que foram treinadas.

Ainda assim, esta passagem parece servir de incentivo cintilante aos pais e conselheiros cristãos. A palavra traduzida por "ensina" significa, de fato (em seus outros usos nas Escrituras), "dedicar" ("restringir seu uso específico") ou "iniciar", e sugere "começar" ou "iniciar" o caminho de uma criança ou de um jovem "estreitando" sua direção de vida para que ele fique *distante* do mal e *com rumo à* sabedoria e aos caminhos do Senhor. A palavra "criança" נַעַר) inclui, na verdade, uma ampla faixa etária, desde um bebê como Moises (Ex 2.6) até um jovem ou jovem adulto como José, na faixa entre 17 e 30 anos de idade (Gn 37.2; 41.12,46). Enquanto que seu uso em Provérbios sugere um adolescente ou jovem adulto (1.4; 7.7 ; 20.11 ; 22.6, 15 ; 23.13 ; 29.15), os estudiosos destacam que a palavra נַעַר focaliza mais o status social do que a idade.[2] O jovem *cadete*, ou *cavalheiro*, precisava ter sua vida restringida, ou estruturada, para que estivesse preparado adequadamente para assumir sua posição. Ele deveria ser iniciado, ou treinado, para ocupar tal posição, focalizando sua vida naquelas coisas que melhor o prepariam.

A frase "no caminho em que deve andar" traduz a expressão mais literal "na embocadura de seu caminho", onde "na embocadora de" é uma expressão idiomática hebraica que significa "de acordo com". A frase resultante "de acordo com seu caminho" tem gerado diversas interpretações: (1) de acordo com o Seu caminho, ou seja, de acordo com o caminho de Deus; (2) de acordo com seu próprio caminho, isto é, conforme sua personalidade, dons e habilidades; (3) de acordo com seu próprio caminho, isto é, de acordo com sua capacidade em cada faixa etária, ou (4) de acordo com seu próprio caminho (egoísta, desgovernado) e, portanto, fazendo do versículo uma advertência contra o egocentrismo solidificado na idade madura como conseqüência de uma dedicação desenfreada ou uma iniciação ao egocentrismo na juventude. Buzzell, em *The Bible Knowledge Commentary*, oferece uma solução satisfatória para o dilema:

> Visto que "caminho" em Provérbios não significa personalidade nem fase da vida, é preferível dizer que "caminho" significa um caminho apropriado, o caminho do sábio, um viver piedoso que é enfatizado com freqüência em Provérbios - basicamente, o caminho da sabedoria. É desse padrão apropriado de comportamento ou estilo de vida piedoso que ele não se desviará quando ficar mais velho, ou seja, quando crescer (alcançar a idade adulta).

Portanto, Salomão parece dizer que o jovem deve ter sua vida "restringida" e focada para que ele possa andar sabiamente. Seus pais, professores ou mentores devem "dedicá-lo" desde cedo a esse caminho de sabedoria e nele focar de múltiplas maneiras. Ainda assim – relembrando que os provérbios bíblicos são ver-

[2]Ted Hildebrandt, *"Proverbs 22:6a: Train Up a Child?"* , GTJ: V9 #1:3-19, Spring 1988.

dades gerais e não garantias absolutas - a vontade do jovem está envolvida nesse processo: ele pode mesmo assim escolher rejeitar os caminhos de Deus. Geralmente, no entanto, o jovem que é criado paciente, firme e consistentemente na "disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6.4), persistirá nesse caminho quando ficar mais velho. Dr. John MacArthur, em sua *Bíblia de Estudo*, resume a instrução de Provérbios 22.6:

> Existe apenas um caminho certo – o caminho de Deus, o caminho da vida. Esse caminho está especificado detalhadamente em Provérbios. Visto ser axiomático que o treinamento desde cedo assegura hábitos que duram a vida inteira, os pais devem insistir nesse caminho, ensinando a Palavra de Deus e inculcando-a com disciplina amorosa constantemente ao longo da criação da criança.[3]

No trabalho com crianças, adolescentes, jovens e seus pais, o conselheiro bíblico deve igualmente manter um foco constante no "caminho da sabedoria". Na prática, isso significa uma ênfase na submissão de "coração" mais do que na mera conformidade de comportamento. *Ambas – atitude* e *conduta* – são importantes, conforme Hebreus 13.17 parece indicar ao combiná-las: "***Obedecei** aos vossos guias e **sede submissos** para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros*".

Os artigos selecionados para o volume 6 de *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* ajudam o leitor a glorificar a Deus procurando dirigir o coração dos mais jovens a um espírito submisso e uma vida obediente.[4] Que o Espírito do Deus vivo nos capacite para sermos fiéis nesta tarefa!

[3]MacArthur, John Jr: *The MacArthur Study Bible*. electronic ed. Nashville : Word Pub., 1997, c1997, S. Pr 22:6

[4]Os autores presumem, por parte da criança, adolescente ou jovem adulto, uma experiência genuína de salvação em Cristo.

A Glória de Deus É o Alvo do Aconselhamento Bíblico

John Piper[1]

Em uma série de sermões em nossa igreja sobre escatologia, preguei acerca da Segunda Vinda de Cristo com base em 1Tessalonicenses 4.13-18. Paulo inicia e conclui essa porção das Escrituras de tal maneira que me ajudou a me dirigir ao meu povo e dizer: "*Isto* é o que se faz com a escatologia". Paulo inicia da seguinte forma: "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança". E conclui: "Consolai-vos uns aos outros com estas palavras". Ele inicia e termina com uma nota *pastoral*. A escatologia diz respeito a como sofrer e como ajudar os que sofrem.

Após entregar a mensagem, parei de falar e usamos algum tempo em discussão. As pessoas queriam apenas saber se a linha era pré-milenista, pós-milenista ou amilenista. Então eu disse: "Vocês estão perdendo o foco aqui. Paulo deseja que eles não sejam ignorantes acerca do fato de que Cristo está vivo. Jesus vai voltar. Estaremos com Ele para sempre. Por quê? Para que isso determine sua maneira de *sofrer*. E para que determine sua maneira de *confortarem* uns aos outros. Vocês compreendem? Notam o que ele está querendo ensinar? Ele fala a respeito de como enfrentar o sofrimento e como aconselhar os amigos que estão sofrendo. Paulo transmite às pessoas um conhecimento que derruba seu sofrimento. Vocês conseguem perceber? Para isso temos boca: 'A boca do sábio é uma fonte de vida'. O conhecimento existe para que as pessoas possam beber palavras que dão vida. A doutrina diz respeito também aos sentimentos e à maneira de vivermos e aconselharmos".

Vou lhes dar logo a minha definição de aconselhamento bíblico: "O aconselhamento bíblico é centrado em Deus, está

[1]Tradução e adaptação de *God's Glory is the goal of Biblical Counseling.*
Publicado em The *Journal of Biblical Counseling*, v. 20, n. 2, Winter 2002, p. 8-21.
John Piper é pastor da Bethlehem Baptist Church em Minneapolis, Minnesota. Este artigo é uma adaptação de uma palestra da *Living Faith Conference* (Conferência Fé Viva) de CCEF, em novembro de 2001.

saturado de Bíblia e faz uso de uma linguagem sensível às emoções de forma a ajudar as pessoas para que alcancem a plenitude em Deus, exaltem a Cristo e amem aos outros com alegria e altruísmo". Ao desdobrar esta definição, terei em mente três perguntas: Que relação há entre o deleite e a doutrina? Que relação há entre o aconselhamento e a igreja? E que relação há entre a glória de Deus e Seu amor por nós?

Aconselhamento bíblico é...

... centrado em Deus, está saturado de Bíblia e faz uso de uma linguagem sensível às emoções de forma a ajudar as pessoas para que alcancem a plenitude em Deus, exaltem a Cristo e amem aos outros com alegria e altruísmo. O que isso significa?

Em primeiro lugar, significa *ensinar a verdade*. O texto de 1Tessalonicenses 4.14-17 transborda de verdade:

> Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.

O aconselhamento bíblico não tem sentido se não for centrado em Deus e saturado de Bíblia. Não muito depois da morte de James Boice, R. C. Sproul contou-me que numa das últimas conversas que teve com ele, Dr. Boice disse-lhe: "Estamos rodeados de pastores que dizem que as pessoas não precisam de ensinamento nem de conhecimento, mas precisam ser abraçadas, precisam ser ouvidas em silêncio, precisam ouvir histórias e compartilhar experiências". James Boice está absolutamente correto acerca do menosprezo da ênfase no ensino. As pessoas precisam desesperadamente de ensino acerca da natureza de Deus. Elas precisam muito de uma cosmovisão bíblica e centrada em Deus. É *antes* de uma calamidade como a de 11 de setembro que devemos estabelecer os fundamentos para que a Igreja creia de forma concreta na soberania e na glória de Deus para que ninguém diga "Não faz sentido", nem cale sua boca sem ter nada a dizer. Isso é aconselhamento bíblico – quer seja oferecido do púlpito, quer no escritório ou numa conversa informal com o vizinho. Minha opinião acerca da natureza do aconselhamento é que ele tem tudo a ver com o conhecimento, as nossas palavras, a doutrina e a natureza de Deus – comunicados de forma a causar mudança no coração dos ouvintes.

Baseio-me em 1 Tessalonicenses 4.13-18 e, evidentemente, em toda a Bíblia. Considere o que diz Romanos 15.4: "Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, *mantenhamos a nossa esperança*". Tudo que está escrito tem o propósito de dar esperança e caminha do conhecimento escrito em direção ao temor no coração. Considere também o Salmo 19.7-8: "A lei do SENHOR é perfeita, e *revigora* a alma. Os testemunhos do SENHOR são dignos de confian-

ça, e *tornam sábios* os inexperientes. Os preceitos do SENHOR são justos, e *dão alegria* ao coração". O ensino traz vida, o testemunho torna sábio e os preceitos produzem alegria. Caso não façam isso, algo está errado! Você está fazendo algo errado! Os preceitos produzem mudança nas emoções. A pregação atinge as emoções com a doutrina. João 15.11 diz: "Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a *alegria de vocês seja completa*". Falar, pregar e aconselhar têm tudo a ver com alegria. O caminho é da mente para a sua boca, da sua boca para a mente de outra pessoa e então para aquele coração, onde produz alegria que transforma a vida.

Minha segunda preocupação é acerca de levar o aconselhamento para dentro da Igreja. Afinal, onde mais ele poderia estar? É possível que ele esteja em algum outro lugar e continue a ser verdadeiro?

Existem alguns obstáculos dos quais destaco, por enquanto, apenas um (voltarei ao assunto mais adiante). Entre as pessoas que me ouvem, muitas poderiam responder: "Isso não funciona" ou "Jamais vi alguém dado à doutrina que não seja frio emocionalmente!". Esse é um dos maiores obstáculos. Aqui vai minha recomendação, e quase tudo com que me ocupo na vida tem a intenção de resolver esse problema. Se o aconselhamento, como já apontei, deve ser restaurado à Igreja, o afeto deve ser restaurado à reflexão e o deleite em Deus precisa ser restaurado à doutrina de Deus. Ter prazer em Cristo deve andar junto com contemplar a Cristo, e a contrição afeiçoada deve andar junto com a convicção robusta. A comunhão com Deus precisa ser restaurada à defesa da Sua causa. Essa última frase vem de John Owen, que disse: "Mantemos nossa comunhão com Deus nas doutrinas pelas quais lutamos"[2]. Esta era a medida que ele usava para saber se estava na luta certa: "Preciso aprender a ter comunhão com Deus na doutrina". Essa frase não é interessante? É raro ouvi-la hoje em dia. É necessário voltar trezentos anos para encontrar idéias tão fortes acerca do pecado e da comunhão com Deus. "Lutando pela doutrina e mantendo a comunhão com Deus." Atualmente, numa aula de teologia sistemática, ao tratar da doutrina da encarnação, da natureza da Trindade, das duas naturezas de Cristo ou da expiação substitutiva, os alunos são ajudados para que percebam que estabelecemos comunhão com o Senhor à medida que defendemos e lutamos pela doutrina, e que algo está errado quando isso não acontece? Não deve causar espanto que muitos não queiram estar por perto de pessoas dadas à doutrina! Estas pessoas não estão tratando a doutrina da forma correta. Não estão emocionalmente ligadas à doutrina que ensinam.

Temos um problema enorme com isso nas igrejas evangélicas conservadoras. Algumas pessoas têm tanto medo das emoções que acham que estou falando em subjetivismo. Os pastores têm uma tarefa grande, quase impossível, mas precisam realizá-la. Há um mandado bíblico para serem modelos para os membros de sua igreja naquilo que os está impedindo de serem conselheiros efetivos uns dos outros. Preocupo-me com ter minhas ovelhas aconselhando umas às outras, mais do que com a minha prática do aconselhamento. Costumo aconselhar principalmente a partir do púlpito, para produzir conse-

[2] John Owen, *The Works of John Owen*, ed. William Gould (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1965 [orig., 1850-1853]), Volume 1, pp. lxiii-lxiv.

lheiros — dois mil conselheiros em nossa igreja. Veja o que diz o texto de Hebreus 13.17: "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros". Este texto contém uma ordem surpreendente para os pastores. Trocando em miúdos, ele diz que se você deseja amar as pessoas e edificá-las, ao invés de ser um obstáculo para elas, você precisa estar alegre. Será que esta é uma paráfrase ruim? Eu brigaria com qualquer estudioso por esta paráfrase: "Permitam que eles realizem o trabalho pastoral – cuidar da alma de cada um de vocês – com alegria e sem reclamações, porque isso não seria de proveito nenhum para vocês". Se o pastor deseja amar e abençoar seu rebanho, ele deve buscar a verdadeira alegria. Se ele se tornar indiferente à busca da própria alegria, ele se tornará indiferente ao amor e será incapaz de equipar sua igreja para aconselhar. Isso é pecado! O pastor será incapaz de amar as pessoas se for indiferente à sua alegria no Senhor.

Muitos conservadores, e outros mais, pecam quando pregam e falam acerca de doutrina porque negam em seu comportamento a preciosidade daquilo de que estão falando. As pessoas não saem dizendo "Essa foi a coisa mais doce que já ouvi". A aparência do pastor não indica que ele mesmo considere doce ou precioso aquilo que transmitiu, nem que ele acredite que seja algo capaz de transformar uma vida ou dar alegria. Na realidade, sua maneira de falar parece indicar que ele tem certo medo de que essa mensagem lhe traga alegria. Por que alguém iria querer ouvi-lo novamente? Todos nós queremos ser felizes, pois assim é que Deus nos criou! Desejamos a felicidade assim como desejamos o alimento. É um desejo dado por Deus que está impresso no coração humano, e Deus colocou a Si mesmo como centro de satisfação para toda alegria. O motivo pelo qual você não está feliz, se não o estiver, é porque você não chegou ainda ao centro. Os líderes alegres, que comungam com as verdades que defendem, são cruciais para a restauração do aconselhamento à Igreja. Essa é a minha segunda observação.

Em terceiro lugar, como relacionar a glória de Deus com a restauração do deleite à doutrina, a restauração do afeto à reflexão, a restauração do provar ao contemplar e a restauração da comunhão com Deus à luta pela doutrina? Mostrarei algo na estrutura da carta aos Hebreus e depois destacarei algumas palavras de Jonathan Edwards. A carta aos Hebreus dirige-se a questões importantes como "guarde firme a ousadia, receba forte alento, tenha alegria na certeza, contente-se com o que tem" (Hb 3.6, 6.18, 10.34, 13.5). Estas palavras – ousadia, alento, certeza, contentamento – estão carregadas de emoção. O livro de Hebreus fala sobre a sua alegria e sobre como perseverar na alegria e estar radicalmente disposto a abrir mão da sua vida para levar o Evangelho aonde ele ainda não chegou. Por quê? Porque o livro de Hebreus fala sobre Jesus Cristo. O inteiro conteúdo do livro trata da superioridade do sacerdócio, do sacrifício, da aliança e da obra mediadora de Cristo. Aquele fundamento glorioso, majestoso, que exalta a Cristo em Hebreus, visa produzir confiança, alegria, certeza, contentamento e o estilo de vida radical que disso resulta. Isso significa que se você pregar de forma que as pessoas comecem a se deleitar em Cristo, Ele receberá toda a glória. O livro de Hebreus está estruturado de forma que a magnifi-

cência da superioridade de Cristo alimente a confiança, o encorajamento e o contentamento. A presença penetrante de emoções positivas, que trazem satisfação, engrandece o próprio fundamento das emoções, Jesus Cristo.

Jonathan Edwards expressou-se da seguinte forma: "Deus glorifica a Si mesmo diante das criaturas de duas maneiras: 1. Evidenciando-se... ao seu entendimento. 2. Comunicando-se com o seu coração e produzindo regozijo, deleite e alegria no desfrutar as manifestações que Ele proporciona de Si mesmo... *Deus é glorificado não apenas quando Sua glória é vista [conhecida, e refletida], mas quando nos regozijamos nela...* Deus criou o mundo de modo que Ele pudesse comunicar a Sua glória e as criaturas pudessem recebê-la tanto pela mente quanto pelo coração. Aquele que testifica sua idéia da glória de Deus glorifica a Deus tanto quanto aquele que a ratifica e nela encontra deleite"[3]. Vemos e compreendemos a Cristo — doutrina. Confiamos e amamos a Cristo — alegria.

Quando se faz a pergunta "Por que Deus criou um mundo onde há uma condição de rebeldia constante?", até alguns líderes conservadores respondem dizendo: "Não sabemos". Mas nós *de fato* o sabemos! É para a *Sua glória*! Isso está claro como o sol em Isaías 43.7: "todo o que é chamado pelo meu nome, a quem criei para a minha glória". Esse mundo foi criado para a glória de Deus. Existe certamente todo tipo de complexidade e mistério nisso, mas não é necessário ficar na completa ignorância. Existem inúmeras perguntas que nós somos incapazes de responder. Contudo, não é necessário partir de uma mente vazia, pois seria acovardar-se amedrontado.

Por um lado, temos os conservadores, extremamente meticulosos com as idéias acerca de Deus e com a preocupação de ter as doutrinas corretamente estabelecidas, aos quais digo: "Amém! Estou com vocês". Por outro lado, temos os carismáticos, perdidamente simplórios com relação à sua doutrina e entregues à emoção – levantam as mãos e batem palmas, seus pés pulam e eles sentem algo diferente, caso contrário o Senhor não está naquele lugar! Também estou com eles! Odeio a separação entre os dois. Farei todo o possível, dentro das minhas forças e enquanto estiver vivo, para ajudar essas pessoas a enxergarem que elas estão dando a Deus apenas metade da Sua glória. Conhecer a Deus verdadeiramente e não senti-lO da forma devida é dar-Lhe apenas metade da Sua glória. Senti-lO da forma devida e não conhecê-lO verdadeiramente é dar-Lhe apenas metade da Sua glória. Devemos a Deus toda a Sua glória, assim como Jonathan Edwards destacou.

Para os pastores, isso significa que, independentemente das áreas de atuação escolhidas, é preciso juntar-se a Paulo em seu alvo apostólico: "Não que tenhamos domínio sobre a sua fé, mas cooperamos com vocês para que tenham alegria" (2 Co 1.24). O alvo apostólico é trabalhar com sua igreja para a *alegria* dela! Será que isso está sendo feito? É esse o seu mandato? Será que cada pastor acorda pela manhã sonhando em como trabalhar com sua igreja visando a alegria dela? Talvez alguns pensem que essa tenha sido uma escorregadela de Paulo ao escrever

[3] Jonathan Edwrads, *The "Miscellanies"*, ed. Por Thomas Shafer, *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 13 (New Haven? Yale University Press, 1994), p. 495. Miscellany #448; veja também #87, pp. 251-252; #332, p. 410; #679 (não no Volume da New Haven). Ênfase acrescentada.

sua carta e que, na realidade, ele tencionava ter escrito "fé" no lugar de alegria. E a frase soaria mais ou menos assim: "Não que tenhamos domínio sobre a sua fé, mas cooperamos com vocês para que tenham fé". Mas ele escreveu "alegria" ao invés de "fé".

Vamos a outro texto para confirmar o que Paulo diz. No primeiro capítulo de Filipenses, Paulo não sabia com certeza se iria viver ou morrer em breve. Ele desejava morrer para estar com o Senhor, ainda que soubesse que precisava ficar. Por quê? "Convencido disso, sei que vou permanecer e continuar com todos vocês, *para o seu progresso e alegria na fé*" (1.25). Isso não é impressionante? O grande escritor do livro de Romanos, insuperável na doutrina, diz que sua vida está inteiramente voltada para a alegria dos santos. Então é bom que os pastores comecem a pensar que não existe alvo mais nobre do que esse.

Até aqui, falamos acerca da natureza do aconselhamento e de como a Palavra e o conhecimento impactam o coração e os sentimentos. Em segundo lugar, falamos um pouco sobre restaurar o aconselhamento à Igreja mediante a restauração da afeição à reflexão. Em terceiro lugar, tentei relacionar isso à glória de Deus, defendendo que Deus é mais glorificado em nós quanto mais nos satisfazemos nEle. Portanto, se os pastores desejam que Deus seja totalmente glorificado no meio do seu povo, precisam cuidar para que seu povo esteja satisfeito no Senhor. A agenda que essa noção determina acerca da pregação é fantástica. Como é possível ser fiel às Escrituras e compreender a Deus de forma correta? A obra no coração só pode ser feita pelo Espírito Santo. A alegria é fruto do Espírito. Esse alvo pode deixar um pastor desesperado, pois é impossível pelas próprias forças levar as pessoas a terem satisfação em Deus. Sim, é possível fazê-las felizes na igreja contando ilustrações e fazendo-as rir para que fiquem contentes de terem ido à igreja. É até mesmo possível fazer uma igreja crescer em números, mas sem Deus e sem o Espírito Santo. Entretanto, sem Deus é impossível tornar as pessoas felizes em Deus. Desde a queda, a natureza humana está condicionada a encontrar a felicidade em tudo, menos em Deus. Saiba que você é tremendamente inadequado para atingir o seu alvo de ser um obreiro que tem alegria e busca dar alegria aos outros em Deus. É por esse motivo que somos chamados à Palavra e à oração. Deus é quem opera. Precisamos tremendamente de Seu auxílio.

Em quarto lugar, quero falar acerca do que é amar e ser amado. O que significa do ponto de vista de Deus que Ele nos ama e o que significa para nós o fato de sermos amados por Ele? O que significa para nós amarmos a Deus e ao próximo? Esse é o cerne do aconselhamento bíblico: a noção de ser amado e a disposição de ajudar outras pessoas a se tornarem capazes de amar e compreender como Deus nos ama ainda que sejamos pecadores.

Durante muitos anos tentei entender como a busca de Deus por Sua glória relaciona-se ao Seu amor por você e por mim. O que compreendo torna-se mais claro a cada ano, e ultimamente tem-se tornado mais claro ainda. Por exemplo, uma senhora me procurou depois de um culto, em prantos e angustiada com os problemas de sua vida. Num dado momento da nossa conversa, perguntei-lhe: "Se a senhora estivesse numa situação em que todos na sua família gozassem de saúde perfeita, se tivesse à sua disposição uma dispensa cheia das guloseimas favoritas,

se tivesse todos os seus entretenimentos favoritos, se não precisasse se sentir culpada por nada, será que teria prazer de estar nessa situação agradável ainda que Cristo não estivesse presente?" Ela exclamou: "Sim!". Essa é a situação na qual muitos dos cristãos professos encontram-se. As dádivas de Cristo são o motivo de sua alegria, e não o próprio Cristo. O perdão que faz sentir leves, a liberdade de toda culpa, o livramento da condenação do inferno, um casamento que caminha bem, filhos que vivem longe das drogas, um corpo saudável – tudo isso faz com que nos sintamos bem. Sinceramente, Jesus pode tirar férias. Dê-me apenas essas coisas e ficarei satisfeito. Mas creio que lá no céu desejaremos estar perto de Cristo mais do que qualquer outra coisa. É por esse motivo que levo tão a sério a questão da alegria. Se você não possui alegria em Cristo, o céu não é para você.

Sendo assim, o que significa ser amado por Deus? O amor de Deus é algo quase impossível de ser compreendido por nós após estarmos saturados por longo tempo com a idéia do amor interpretado como sendo a melhora da nossa auto-estima. Para a maioria de nós, ser amado é sentir-se muito valorizado. Essa costuma ser nossa definição básica de amor: se você fizer ou disser coisas a meu respeito que me façam sentir muito especial, então me sentirei amado por você. Caso você não faça nem diga estas coisas, não me sentirei amado por você. Nesse contexto, o amor de Deus passa a ser inconcebível e imperceptível. Deus não está preocupado em fazer com que nos sintamos particularmente especiais a ponto de distorcermos a mensagem da cruz transformando-a numa afirmação do nosso valor pessoal. Perdemos a noção do que é o amor de Deus. A cruz diz respeito à reivindicação da justiça de Deus e à glória de Deus, que Se agradou em capacitar pecadores indignos a se deleitarem nEle.

Por que Deus nos trataria com tanta bondade quando somos pecadores e por que perdoaria todos os nossos pecados de forma a podermos nos alegrar em valorizá-lO extremamente? Em todos os lugares por onde passo, faço a seguinte pergunta para descobrir se as pessoas são guiadas pela cultura ou pelo cristianismo puro: "Você se sente mais amado quando Deus o valoriza ou se sente mais amado quando Deus, pelo preço pago por Seu Filho, capacita-o a se satisfazer valorizando-O para todo sempre?". Essas são duas fontes de satisfação com raízes profundamente diferentes. Uma delas é sentir-se valorizado; a outra é ver e apreciar a Deus, e valorizá-lO. Em que está baseada a sua satisfação? Tudo em nossa cultura ensina a basear a satisfação pessoal no conceito elevado de si mesmo, que é exatamente o que Satanás deseja de nós e o que tem acontecido com todos nós desde a queda. O fato de sermos completamente transformados interiormente, de forma a termos uma nova fonte de alegria, é completamente inconcebível para o homem natural. É por esse motivo que a cruz é tolice, Deus é tolice e a Igreja é tolice para o homem natural. O homem espiritual é fundamentalmente uma pessoa cuja raiz mais profunda da fonte de alegria foi alterada do eu para Deus.

Em João 11.1-3 lemos: "Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas". Dê atenção aqui à palavra

amor. Lázaro, a quem Jesus amava, estava doente. Qual é o significado de amar? Ao receber a notícia, Jesus disse: "Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado" (v. 4). Existem duas realidades de peso nesse texto: o amor de um para com o outro e a glória de Deus. A pergunta norteadora da minha vida nos últimos vinte anos tem sido: Qual é a relação entre essas duas realidades? A passagem bíblica continua: "Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro" (v.5).

O que está acontecendo aqui não é algo isento de amor. Esse é o retrato do amor e um retrato de como Deus, o Filho, seria glorificado. Nesse momento, encontramos uma combinação de fatos completamente ininteligível do ponto de vista do mundo: "Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava" (v. 6). A expressão "quando, pois" carrega consigo tremenda teologia! Jesus amava a Lázaro. Lázaro estava doente e prestes a morrer. Não era fácil naqueles dias sofrer de pneumonia, ter dores terríveis no estômago ou nos rins e não possuir medicamentos apropriados. Não conhecemos a causa da morte de Lázaro, mas sabemos que ele estava morrendo aos poucos. Será que o Senhor iria simplesmente deixá-lo morrer? Por que Ele não o amava? Mas Jesus disse: "Eu o amo, assim como amo Marta e também Maria. Contudo, não vou resolver esse problema". Por quê? Para que o Filho de Deus seja glorificado.

Como você definiria o amor com base nesse texto? Minha definição de amor é fazer o que precisa ser feito, pagando o preço que tiver que pagar para ajudar uma pessoa a fim de que ela pare de encontrar prazer em ser exaltada e amadureça, exaltando a Deus, encontrando a plenitude em Cristo, sacrificando-se a si mesma e deleitando-se em exaltar a Deus para o benefício de outros. Jesus fez aquilo que Lázaro, Maria e Marta necessitavam para glorificá-lO. Como podemos ajudar as pessoas a se livrarem do caso de amor que têm com seu autoconceito elevado? Como podemos nos esquecer dessa coisa minúscula chamada *ego*, de forma a nos impressionarmos com aquilo para que fomos criados – Deus? Ninguém viaja até as cataratas do Iguaçu para admirar as quedas d'água e aumentar a sua auto-estima. O motivo que leva alguém a visitar as cataratas do Iguaçu é porque um sussurro da graça comum que permanece em sua vida lhe diz que elas foram criadas para algo maior, além de si mesmas, que conduz a alma à experiência de prazer mais saudável, gloriosa, focada em Deus – chame isso de adoração – que o mundo dificilmente pode imaginar. O amor faz tudo quanto é necessário para ajudar outras pessoas a amarem a glória de Deus em Cristo. O aconselhamento é uma das formas de amor mais cruciais que existem. O aconselhamento faz o que é necessário para ajudar as pessoas a amarem a glória de Deus em Cristo.

De acordo com Hebreus, a perseverança cristã é um projeto comunitário, portanto...

Precisamos do aconselhamento bíblico como sangue que corre nas veias da vida da Igreja. Podemos partilhar de Cristo apenas se mantivermos nossa confiança original firme até o fim. Essa é uma questão de vida ou morte. É possível ouvir a urgência em Hebreus 3.12-13: "Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo;

pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado". A perseverança cristã é um projeto comunitário. Reunir-se em grupos pequenos, exortar um ao outro diariamente pelo telefone, pessoalmente, por meio de bilhetes, pela internet. Isso não é glacê em cima do bolo! Não sobreviveremos sem isso.

Temos aqui uma dinâmica bilateral espantosa que envolve aqueles de nós (todos nós) que precisamos desse aconselhamento diário. Hebreus 10.23 diz: "Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel". Deus apega-Se a você; portanto, apegue-se a Ele. Paulo expressou a mesma dinâmica em Filipenses 3.12: "Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus". Apegue-se com firmeza Àquele que o segura firme. Inúmeras pessoas separam essas duas coisas. Se você é do tipo de pastor que usa a filosofia do "segure firme", a impressão que dá é que você não crê na perseverança dos santos. Se você é do tipo de pregador que utiliza a filosofia do "Ele segura você firme", a impressão que dá é que você não possui uma urgência do que precisamos fazer. A Bíblia não nos permite escolher entre as duas. Deus não soltará a Sua mão da sua e não deixará você soltá-la. Segure firme.

A perseverança na fé *acontece* em comunidade, conforme Hebreus 10.24-25 ensina. Se pudéssemos afirmar que existe um grande texto para o aconselhamento na Igreja, apontaríamos para este: "Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras". Num encontro de aconselhamento, como amigo ou como um pregador diante de seu auditório, olhe atentamente para as pessoas. Considere-as, pense nelas, conheça-as, entenda-as, penetre na vida de cada uma delas. Como é possível incentivá-las ao amor? Como é possível provocá-las para que façam muitas boas obras, tornem-se saudáveis na fé e comecem a se preocupar umas com as outras? Você precisa *considerar* as pessoas.

O texto continua: "Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns". Cresci numa igreja onde esse versículo era utilizado para impor a idéia de que as pessoas deveriam ir à igreja nos domingos pela manhã. Mas não é exatamente isso que o texto está dizendo. A frase seguinte diz: "antes, façamos admoestações". Ela nos dá o *motivo* por que nos reunimos: aconselharmo-nos uns aos outros. Isso não acontece simplesmente aos domingos pela manhã. Dentro do calendário de atividades da minha igreja, costumo pregar aos domingos pela manhã. As pessoas que vêm à igreja *podem* conversar umas com as outras antes ou depois do culto. Espero que sejam tremendamente amigáveis e que as conversas sejam boas, mas este não é o acontecimento principal do domingo de manhã. O objetivo principal de estarmos ali é adorarmos a Deus *juntos* por meio de cânticos, orações, leitura das Escrituras e a Ceia do Senhor. Fazemos isso por meio da Palavra e do poder do Espírito, e procuramos manter o quanto possível a perspectiva vertical, pois esse é um elemento importante para a vida da Igreja. Mais tarde, você sai e tem comunhão com os outros em diversos lugares: na sala de estar, no estacionamento, ao telefone. "Não deixemos de reunir-nos como igreja... antes encorajemo-nos uns aos outros": isso é aconselhamento bíblico. "...E tanto mais

quanto vedes que o Dia se aproxima." Uma das respostas à época apocalíptica é termos mais grupos pequenos e encontros onde podemos considerar e ajudar uns aos outros para que permaneçamos firmes em Cristo e nos amemos mutuamente. Isso é exatamente o que o versículo está dizendo. Haverá fatos pavorosos e terríveis antes do Dia do Senhor. Quando estes acontecerem ou se manifestarem no horizonte, mais encontros, mais encorajamento, mais aconselhamento mútuo precisa acontecer. Abram suas bocas e sejam fontes de vida uns para os outros, até mesmo para os sábios.

Gosto muito de falar sobre esse assunto para as mulheres da minha igreja. Sou uma daquelas pessoas conservadoras, fora de moda, persistentes, atoladas na lama que crêem que a Bíblia ensina que as mulheres não devem ser pastoras. Minha igreja está cheia de mulheres jovens, brilhantes, capazes de se expressar e competentes, até muito mais inteligentes do que seus maridos. Elas conhecem a Bíblia melhor do que eles. E aqui estou eu, sustentando essa visão pouco popular, mas bíblica. Elas aceitam sem problemas a minha posição, e um dos motivos é que sempre procuro abrir perspectivas acerca do que as mulheres maduras, capazes de se expressar, inteligentes e criativas podem ser. Se você, mulher (e homem também), está procurando um modelo para imitar quando chegar aos 40, 50 e 60 anos, quando as rugas se tornam bonitas, os cabelos grisalhos são uma coroa e a forma física não é mais a que costumava ser, então, considere ser sábia.

A mulher sábia é aquela que cresce no conhecimento doutrinário, lê livros de bom conteúdo, medita na Bíblia, faz cursos e possivelmente aprende grego e hebraico, ou seja, tudo quanto pode ajudá-la a se aprofundar em seu relacionamento com Deus. Ela também se aprofunda no sofrimento (toda mulher sofre), e o recebe, acolhe e aprende com ele, sem se tornar uma mulher que consegue ver apenas a si mesma e diz: "Onde está Deus?". Pelo contrário, ela reconhece que Deus tem um propósito maior, consistente, profundo e amoroso para sua vida e para toda a sua dor. Ela é sábia ao passar pelos problemas. Ela pode não pregar em público, mas é uma mulher junto à qual as jovens buscam ajuda, sabedoria e percepção acerca de como viver e conhecer a Deus. Existem milhares de mulheres jovens que procuram mulheres maduras como essas e não as encontram!

Temos nos envolvido com essa questão feminista por trinta ou quarenta anos. Tenho algumas idéias acerca da razão por que ela não funciona, mas aqui quero apenas recomendar que você faça disto o seu alvo: torne-se uma mulher sábia. Saiba como encorajar. Tenha algo útil para dizer pela graça e unção do Espírito. Compartilhe com as pessoas ao seu redor uma mente cheia de verdades bíblicas e um coração cheio de experiências pessoais. Uma pessoa sábia atravessou momentos difíceis junto com Deus, aprofundou o seu relacionamento com Ele e, portanto, é sensata acerca de como viver e de como cuidar de um marido que a aborrece porque não a toca de maneira que a agrada, não fala com ela como deveria falar e parece distraído e distante, fazendo com que ela se sinta muito só, vazia e estéril a ponto de desejar ter casado com a pessoa certa. Ela precisa de muita ajuda. Precisa ouvir algo como: "Não desista aos 35 anos, pois aos 75, depois de 50 anos de casamento, vocês olharão nos olhos um do outro com

um profundo sentimento de satisfação e dirão 'Nós conseguimos! '".

Hebreus 3 e 10 estabelecem um fundamento para o aconselhamento na Igreja. Vou expor cinco pontos que nos orientarão em nosso aconselhamento.

A perseverança, assim como a alegria, é essencial.

Você está perdido se deixar de perseverar, e o pastor que crê nisto levará este assunto muito a sério. Quando as pessoas me perguntam se prego a mensagem da salvação todos os domingos pela manhã, eu lhes respondo: "Isso é tudo o que prego no domingo pela manhã! Estou tentando salvar os santos!" (1 Tm 4.16; 2 Tm 2.9-10). "Exortem-se uns aos outros no dia que se chama Hoje" é a mensagem bíblica. Os cristãos devem exortar uns aos outros para não dar lugar a um coração perverso de incredulidade, que os conduza para longe do Deus vivo. A Palavra de Deus mediada ao povo de Deus mantém os santos salvos! O texto de Hebreus 13 e 14 equivale a dizer: "Não quero que vocês caiam. Quero que sejam exortados. Mantenham-se firmes e confiantes até o fim".

Observe o conteúdo dos textos a seguir. Hebreus 3.6: somos Sua casa se guardarmos firmemente a ousadia e a esperança. Hebreus 4.14: visto que temos um grande sumo sacerdote, devemos nos apegar com toda a firmeza à fé que professamos. Hebreus 6.18: devemos nos apegar com firmeza à esperança que nos é proposta. Hebreus 10.23: devemos nos apegar com firmeza à esperança que professamos sem vacilar. Hebreus 10.35: não devemos abrir mão da confiança que temos; ela será ricamente recompensada. O livro de Hebreus fala-nos em sua totalidade acerca de uma perseverança alegre, confiante e segura, que vive um estilo de vida radical de amor. Isso significa que se existe um coração perverso de incredulidade em alguém que você está aconselhando, é necessário alertá-lo de que o caminho que está trilhando pode não ser o do céu.

Uma missionária, com vinte e oito anos de idade, veio ao meu gabinete. Ela é casada, tem dois filhos, e acaba de voltar do campo missionário. Procurou-me para confessar que está vivendo em adultério. Seu marido deixa tanto a desejar no aspecto emocional que, na volta do campo missionário, ela recebeu a atenção de um homem e acabou tendo um caso com ele. Ela está desapontada com seu marido, sente-se muito mal com relação ao seu casamento e não pretende deixar a vida de adultério. Em resposta a tudo o que ela me contou, eu lhe disse: "Você sabe o que tem de fazer. Deus pode restaurar seu casamento. Você não precisa arruinar sua vida nem o ministério de seu marido. Hoje à noite você não vai mais procurar aquele homem. Entendido?" Ela me respondeu: "Não. Eu vou procurá-lo, sim!" Então lhe perguntei: "Mas por que você agiria assim?". "Eu preciso disso. Meu marido é ausente." Respondi: "Sabe de uma coisa, se você persistir nesse relacionamento, você não terá nenhuma certeza de que é nascida de Deus e de que está a caminho do céu". Ela olhou para mim e disse: "Você está louco! Já fui salva e estou eternamente segura. Quem sabe um dia eu me arrependa disso, quem sabe não me arrependa. Mas você não pode me dizer que estou perdida! Já confiei em Cristo!". Respondi: "Bem, você pode ou não ter confiado nEle. Isso, de fato, não sei. Mas não posso lhe garantir isso com base na sua conduta atual. Se você continuar com isso,

sugiro que você considere a possibilidade de não ser salva". Ela ficou muito brava comigo e saiu ofendida.

Estou lhe contando essa história porque recebi uma carta daquela moça dez anos mais tarde. Eles voltaram para o campo missionário. Não sei se o relacionamento adúltero continuou por cartas ou não, mas ela me mandou uma carta enorme dizendo que ninguém sabia o quanto ela lutava com o pecado sexual. Ela escreveu: "Dormi com tantos homens que você não seria capaz de acreditar. Eu achava que tinha necessidade disso. *Ninguém* jamais me disse o que você teve coragem de me dizer, e quero agradecer. Hoje creio exatamente naquilo que você me disse, e isso tem me mantido longe do adultério e ajudado a lutar". Recentemente, voltei a encontrá-la e ela voltou a me agradecer, dizendo: "Ninguém foi duro comigo como você foi. As pessoas tentavam sempre me dar uma resposta dissimulada, empática e do tipo 'Deus a ama tanto'. Ninguém me assustou como você fez". Creio que o livro de Hebreus possui todos esses alertas para dar segurança, e não para militar contra essa segurança.

A Carta aos Hebreus não ensina que a salvação pode ser obtida pelo novo nascimento, mas perdida posteriormente.

Hebreus faz um alerta severo, que provoca grande incômodo com relação a esse assunto: "para que nenhum de vocês... se afaste do Deus vivo" (3.12; cf. 6.6-8, 10.26-31). Quero afirmar a grande doutrina bíblica da perseverança dos santos, que significa que se você foi justificado, será glorificado. Romanos 8.30 traz um ensinamento incontestável acerca da perseverança do justificado. "...aos que [Deus] justificou, também glorificou". Mas isso não nega a seriedade dos alertas aos cristãos *professos*, e tenho diante de mim uma igreja cheia de cristãos professos. Dirijo-me a eles com o que a Bíblia diz: "Se vocês agirem assim, não entrarão no reino" (cf. Gl 5.23; 1 Co 6.9 e os alertas de Hebreus). Às vezes, as pessoas me perguntam: "Você acha que pode perder a sua salvação?" Eu não disse isso. Não se precipite com essa conclusão errada. Por que não tiro tal conclusão do texto quando ele diz "Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo"? Por duas razões.

A primeira delas é porque você pode se distanciar do Deus vivo de diversas formas antes de ser salvo. É possível aproximar-se de Deus, experimentar algo acerca dEle e até mesmo receber capacitação do Espírito para fazer certos sinais e maravilhas, e ainda assim não ser salvo, não ser nascido de novo. Mas existe uma segunda razão extraída do texto. Algumas traduções transmitem a idéia com precisão: "Pois passamos a ser participantes de Cristo, desde que, de fato, nos apeguemos até o fim à confiança que tivemos no princípio" (Hb 3.14 NVI). Observe os tempos verbais deste texto. "Pois passamos a ser participantes de Cristo [passado com efeito presente], desde que [uma possibilidade futura], de fato, nos apeguemos até o fim à confiança que tivemos no princípio". Algo já *aconteceu* no passado caso algo *realmente aconteça* no futuro. Podemos ficar perplexos, mas não é difícil de perceber. Você *se tornou* um nascido de Deus, unido com Jesus Cristo, participante completo de todos os Seus benefícios celestiais e eternos e, desta forma, eternamente seguro caso se apegue até o fim à confiança. Esse apego é a evidência e o sinal de que você se tornou um partici-

pante. Isso não quer dizer que você *se tornará* um participante caso se apegue. Isso deixaria tudo ao acaso. O texto diz: "...passamos a ser participantes de Cristo, desde que, de fato, nos apeguemos até o fim". Se você não se apegar até o final, isso não significa que perdeu sua participação, mas que você jamais foi participante. O significado desse versículo é que evidenciamos ser participantes se nos apegarmos até o final. Se não tivermos nos apegado, é porque não nos tornamos participantes. Sendo assim, não creio que o livro de Hebreus coloque em risco a doutrina da segurança eterna ou da perseverança dos santos.

Em contraste, Hebreus 8.10 e 10.16-17 exaltam uma nova aliança, uma aliança superior. Dois aspectos da nova aliança são citados nesses versículos: (1) "De nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniqüidades, para sempre"; (2) "Porei no seu coração as minhas leis e sobre as suas mentes as inscreverei". O que isso significa? Deus não está simplesmente dizendo: "Tudo bem, aqui está o padrão. Vamos avaliá-lo e veremos se você está qualificado para o julgamento". Pelo contrário, Deus está dizendo: "Tudo bem, aqui está a lei". A carne encontra-se com a lei e começa a rebeldia. Deus penetra de forma triunfante na rebeldia, vence toda resistência e escreve Sua lei no coração, não em tábuas, o que significa que o coração ama o que Deus diz e, conseqüentemente, é estimulado com alegria para obedecer ao seu Criador. A afirmação mais maravilhosa – a promessa da nova aliança que dá esperança e segurança, que produz perseverança e encoraja na batalha espiritual – encontra-se em Jeremias 32.40. Amo essa passagem e a repito para as pessoas a toda hora: "Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim". Se Deus não fosse assim, eu estaria próximo à ruína. "Inclinado a vagar, sinto que estou, Senhor, inclinado a deixar o Deus que amo; aqui está meu coração, toma-o e sela-o Senhor", com um voto e a promessa da nova aliança de forma que eu receba um forte encorajamento para encarar a vida. Embora este versículo diga "farei com que me temam de coração, para que jamais se desviem de mim", isso não significa que você pode se achegar a Deus de forma salvífica, tornando-se um participante em tudo o que Deus é por nós em Cristo, ser eleito, nascer de novo, chamado de forma eficaz, e depois estar perdido. Isso não pode acontecer! Existem inúmeras conversões falsas; mas as verdadeiras perseveram na fé, permanecendo em Cristo ao longo do sofrimento e da luta contra o pecado.

A perseverança é um projeto comunitário.

Volto a essa questão, pois é o motivo pelo qual o aconselhamento *precisa* estar na igreja. O escritor do antídoto de Hebreus contra o abandono da fé não disse que o pior não pode acontecer; portanto, não devemos nos preocupar se formos insistentes e enérgicos no falarmos uns com os outros. Nenhum escritor bíblico assume essa posição ou diz àqueles que são nascidos de Deus: "Você pode ser indiferente e egoísta no que diz respeito a ajudar as pessoas a serem salvas e a permanecerem na fé porque isso tudo é automático". Jamais falam dessa forma. No entanto, dizem: "Pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de

vós seja endurecido pelo engano do pecado". O aconselhamento diário mantém a fé, inspira a alegria, capacita à perseverança e estimula ao amor.

Recomendo aos pastores que preguem como se as almas dependessem de sua mensagem. E elas dependem. Se o pastor pregar a verdade e as pessoas a rejeitarem, moldando suas vidas ao redor do erro, elas estão perdidas. Não importa a confissão que tenham feito no passado. A perseverança é essencial para a salvação, e nesse momento estou argumentando que ela é um projeto comunitário. Quero que meu povo pratique o aconselhamento mútuo. Quero que as pessoas cultivem uma fala centrada em Deus, que exalta a Cristo, apaixonada por Deus e biblicamente saturada para conduzir outros a Cristo e à alegria, e para alertar outros acerca dos seus pecados. Precisamos apontar, identificar e recuperar as pessoas da falta de deleite no Senhor, da indiferença quanto às Escrituras e da falta de amor para ministrar aos outros. Tiago 5 diz: "Se você recupera uma pessoa do caminho errado em que ela está, você salva da morte a alma dela" (paráfrase do v. 20). Isso é urgente.

No domingo de manhã, a maioria das igrejas não age como se muita coisa estivesse em jogo porque os próprios pastores não crêem que muita coisa está em jogo. Inúmeras igrejas não investem muito no aconselhamento pelo mesmo motivo. Elas seguem uma teologia que diz: "As pessoas estão seguras e salvas, então não tenho certeza do que posso fazer exceto colocar um pouco mais de glacê em cima desse bolo. Pode haver um ou dois descrentes, então quem sabe eu possa me preocupar com eles como se algo estivesse em jogo". Que teologia! Não é de se admirar o fato de estarmos brincando com Deus. Não é de se admirar que desejemos apenas nos sentir bem quando estamos juntos. Não é de se admirar que dificilmente falemos sobre coisas sérias uns com os outros.

Toda vez que me coloco diante das minhas ovelhas, sinto-me como se qualquer uma delas pudesse ir para o inferno caso não desse ouvido ao que estou dizendo. Elas poderiam se perder. Há muitas vozes que competem com o que eu digo, procurando atraí-las durante a semana, distanciando-as para que amem quaisquer outras coisas que não o Senhor! No dia-a-dia das minhas ovelhas, não são muitas as pessoas que levantam a bandeira do deleite em Deus acima de todas as coisas e dizem: "Tudo é lixo comparado ao valor inigualável de Jesus Cristo. Você jamais O terá caso outras coisas sejam mais importantes do que Ele para você". Via de regra, as pessoas em nossas congregações não se alegram em Cristo. Elas amam seus novos programas de computador, o almoço que está por vir e o que está passando na TV mais do que a Cristo. Isso indica um coração faltoso.

O que vou fazer? Não vou passar a mão em sua cabeça e dizer que tudo está bem. Não é o que Hebreus ensina. Devemos firmar o ministério de pequenos grupos da igreja, considerarmo-nos uns os outros, não deixarmos de nos reunir como igreja, firmar as amizades e exortarmo-nos uns aos outros diariamente com sabedoria. Muitas pessoas perguntam (e freqüentemente eu também me pergunto): "Como um grupo pequeno que se reúne uma vez por semana pode satisfazer o 'exortem-se uns aos outros diariamente'"? Para isso existe o telefone e o horário de almoço no serviço. Deus tem permitido que vivamos numa sociedade fraturada, fragmentada, não orientada pela comunhão, onde nin-

guém conhece aquele que vive num raio de 30 metros de sua casa, mas todos conhecem alguém no trabalho. Nossas redes de comunicação não se baseiam mais na vizinhança. Recorremos ao e-mail, ao telefone e ao fax – e melhor do que tudo, à nossa presença. Se você não pode ter o melhor, pegue o telefone. Diga: "Você se entreteve com algum tipo de pornografia ontem à noite? Não? Ótimo. Vamos orar e agradecer. 'Obrigado Senhor, porque Cristo é o nosso Salvador, e porque meu amigo conseguiu superar mais um dia. Amém'". Ou então diga: "Volto a falar com você amanhã" ou "Ore por mim para que eu pare de pecar e consiga me relacionar da melhor forma com Deus e com a minha esposa". Isso deve acontecer *diariamente*.

Nosso recurso para exortarmos uns aos outros a perseverar é a fé

"Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado". A falta de fé é a questão principal. Nosso alvo no aconselhamento, na pregação ou na conversa pelo telefone deve ser fortalecer a fé. Sugiro que os pastores preguem uma série de dez a doze semanas acerca do significado da fé, pois a palavra "fé" e a palavra "crer" têm sido banalizadas e se tornaram de pouca ajuda para a maioria dos crentes. Nas vizinhanças de minha casa há um bairro mal freqüentado e uma faculdade cristã carismática, onde há pessoas excelentes no evangelismo pessoal. Todas as prostitutas, todos os traficantes de droga, todas os moradores de rua, todos os alcoólatras do bairro conhecem a história do Evangelho. Eu os encontro nas ruas e ouço: "Você pode me ajudar?". "Sim, posso ajudar. Não tenho dinheiro para lhe dar, mas você conhece a Cristo?" "Sim, eu conheço a Cristo." "Você crê nEle?" "Sim, creio nEle. Ele é um cara muito legal." O que é que vou dizer depois disso? Palavras boas, mas cobertas de uma crosta, precisam ter seu significado real recuperado para ganhar novamente vida.

Levei mais de trinta anos para perceber isso. Sempre que escrevo, estou à procura de uma forma para dizer o óbvio às pessoas de maneira que elas despertem subitamente e tenham vida em Cristo. Considere João 1.12: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome". Na linguagem que uso agora em nossa igreja, digo: "Você recebeu a Cristo como seu *tesouro* (não Senhor, não Salvador, embora eu também mencione esses dois)?" As pessoas me dizem: "Não tenho certeza". Bom, isso me ajuda, pois agora podemos falar acerca do significado de *fé*. Escrevi 400 páginas em *Future Grace* (*Graça Futura)* na tentativa de justificar e explicar o que queria dizer com esta definição: fé significa estar satisfeito com tudo o que Deus é para você em Cristo. "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede" (Jo 6.35). O ato de *vir,* que elimina a fome, é similar ao ato de *crer,* que elimina a sede. Pergunte-se: "O que é fé de acordo com João 6.35?" Crer é ir a Cristo de modo que sua alma sedenta encontre satisfação em tudo o que Deus é para você em Cristo.

Qual é a definição de fé em Hebreus? Ela é clara: "Fé é a certeza de coisas que se *esperam*". Trata-se de uma definição orientada para o futuro, e você espera por coisas *boas*. Você não espera por momentos difíceis. A fé é uma convicção sentida

de forma profunda e forte daquilo que você espera para o futuro – o próprio Cristo; não mais pecado nem sofrimento, mas a vida – está garantido. Isso é fé em Hebreus.

Portanto, o aconselhamento consiste em ajudar as pessoas a combaterem o bom combate da fé. Às vezes significa engajar as pessoas no combate, pois muitos cristãos estão simplesmente a passeio. No capítulo dois, Hebreus tem algo a dizer para aqueles que remam conforme a maré. De repente, chegam à queda d'água e se precipitam nela. É preciso remar rumo ao céu, contra a correnteza. Você tem que lutar. Não estou dizendo "Execute as obras da lei e Deus vai se agradar de você". Todos aqui sabem que o combate não diz respeito ao cumprimento da lei. Na realidade, o combate acontece para que descansemos na glória de Deus que satisfaz plenamente mediante Seu amor. Nossa alma está sempre nos conduzindo ou para a cobiça ou para o legalismo. O combate consiste em não dar espaço nem a um nem a outro. Ame, deleite-se, satisfaça-se em Cristo, desfrute dEle, valorize-O acima de todas as coisas para que a lei esteja escrita em seu coração e para que você cumpra a vontade dEle. Esse é o combate que vale a pena ser combatido. Paulo chega ao final de sua vida e diz: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (2Tm 4.7). Esse é o combate.

Ensine suas ovelhas a lutar. O aconselhamento é uma guerra. Lutaremos pelas almas à medida que nos apegarmos à verdade. "A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10.17). Isso não diz respeito apenas aos incrédulos, mas também à pessoa que caiu em adultério, ao viciado, desencorajado, ansioso e amargurado. A fé vem pelo ouvir a palavra ungida pelo Espírito. Permita-me relacionar isso ao que eu disse acerca de amar e ser amado. Tenho um peso no coração pelas minhas ovelhas, assim como o tenho por mim mesmo, de caminhar além dos princípios e versículos bíblicos em direção a Cristo. Não estou dizendo que devemos "contornar" os versículos bíblicos, mas que devemos ir "através" destes versículos em direção à Pessoa viva de Cristo, para conhecê-lO, amá-lO, valorizá-lO, desfrutar dEle, confiar nEle, sentirmo-nos *em casa* com Ele. Quero que Ele seja mais desejado do que qualquer outra coisa – esposa, marido, filhos, sucesso profissional, lazer, férias, saúde, comida, sexo, dinheiro. Ele é mais precioso do que tudo isso.

Recentemente, usei esta ilustração num sermão: minha esposa, Noel, viajou para o estado da Geórgia e fiquei dormindo sozinho por dois dias. É estranho não ter ninguém encostado em mim (ela costuma encostar suas costas nas minhas e durmo como um bebê). Ela não está. Vou me deitar com a casa vazia. Nossa filha mais nova, Talitha, está com ela. Os outros quatro filhos estão crescidos e já saíram de casa. Sozinho, com a casa vazia, com uma personalidade como a minha, despertado por longo tempo como eu estava, tristonho (você precisa entender que escrevo todos os meus livros sobre alegria porque eu a quero, não porque a tenho: meu livro intitula-se *Desejando a Deus* e não *Atingi a Alegria em Deus*), coloco minha cabeça no travesseiro e oro. É sábado à noite e digo a Deus: "Senhor, vou dormir agora, espero. Tenho que pregar amanhã cedo. Peço que o Senhor me ajude, à medida que pego no sono, a enxergá-lO tanto, a conhecê-lO tanto, a ser tão autêntico com o Senhor e o Senhor tão espiritualmente autêntico comigo em tudo o que conheço sobre a Sua Pessoa e a Bíblia, que me con-

tentarei tanto no Senhor a ponto de que se o meu coração parar de bater e eu morrer durante o sono e acordar no céu, e pensar que estava sonhando e o Senhor chegou e me beliscou e disse 'Não é um sonho', isso seja suficiente pra mim. Nada mais de Noel, nada mais de sexo, nada mais da nossa garotinha Talitha de seis anos de idade, nada mais de pizza, nada mais de pregação, nada mais de 'não seria bom termos John Piper como nosso preletor?'. Nada mais – apenas Jesus Cristo". Eu disse: "Senhor, permita-me conhecê-lO a tal ponto que tudo seria ganho. Todas as perdas seriam lucro".

Contei isso às minhas ovelhas e acrescentei: "É isso o que desejo para vocês. Quero ajudá-los a chegarem lá. Quero que conheçam e amem profundamente a Deus. Se tudo o que conhecem é uma lista de atributos e jamais passam da lista para a Pessoa de Deus, desfrutando a Sua presença, andando com Ele e dizendo como o apóstolo Paulo 'Ele esteve comigo, e pude pregar o evangelho aos gentios e à guarda romana', então não sabem ainda o que é fé. Fé significa estar satisfeito com tudo o que Deus é para nós em Cristo. Não é satisfazer-se com a pregação, com o crescimento da igreja, com o aconselhamento eficaz, mas sim com Deus, com a Sua Pessoa. Você não terá nada além disso quando partir desse mundo. Deus é suficiente para você?

Esta fé é a raiz de todo amor e das boas obras.

A fé e o amor são o que você preserva, aprofunda, intensifica e aumenta no aconselhamento um a um e nos grupos pequenos. Em Hebreus 3:13, o escritor havia dito: "Exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado". Os capítulos 10 a 13 de Hebreus mudam o foco do livro, agora, para um estilo de vida radical. No texto de Hebreus 10.24, o escritor diz de forma direta: "Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras". A pergunta é: "De onde vem um estilo de vida radical de amor?". Ele vem da fé, a fé que é salvaguardada pelas pessoas que se exortam diariamente. Como isso acontece?

Podemos observar alguns exemplos de como a fé opera o amor. Você se lembra da minha definição de aconselhamento? Ela nos leva a amarmos as pessoas com a marca saudável da fé. "Nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor" (Gl 5.6). Vamos ver como isso funciona olhando para quatro passagens bíblicas. Utilizo isso vez após vez na minha vida para testar se estou ou não amando a Cristo como devo amar, e também para testar se estou amando as pessoas. Hebreus 10.34 diz: "Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável".

A expressão mais incomum e surpreendentemente inexplicável neste versículo é "com alegria". Aqueles que se compadecem das pessoas não estão apegados aos bens que possuem. Seus bens foram confiscados, talvez as janelas tenham sido quebradas e as casas incendiadas. Eles foram às prisões visitar seus amigos cristãos e isso lhes custou muito caro. Quando viram à distância seus bens sendo tomados, eles não disseram: "Onde está Deus?". Eu já cansei de ouvir essa pergunta. Não deveria dizer isso como pastor, pois preciso ser longânime. Perdoe-me por estar cansado. Sempre terei pes-

soas vindo a mim após o culto e fazendo perguntas que venho tentando responder a vinte anos. Mas, francamente, já estou cansado desta pergunta. Eu gostaria de encontrar uma igreja ou um movimento evangélico em que as pessoas se regozijassem diante da perda de seus bens ao invés dizer "Onde está Deus?". Para tanto, deveriam estar ocupadas demais com amar a Deus e às pessoas. Não estou inventando algo nem fazendo uma afirmação pastoral retórica. A idéia está no texto bíblico. Se minha casa fosse incendiada, sabem o que eu mais lamentaria perder? Trinta e três volumes de diário. É possível repor os livros, mas não os diários que contêm tudo o que o Senhor tem me ensinado desde meus vinte anos de idade. Não quero dizer que eu não iria derramar lágrimas. É possível ter um tipo de lamento alegre ou de alegria triste. "Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram" (Rm 12.15) – ao mesmo tempo. É impossível ser um pastor e não ser capaz de ambos. Domingo passado, a filha de vinte e três anos de um membro da equipe pastoral deu à luz a um bebê saudável. No mesmo dia, Jamie Berglund, uma jovem de vinte e três anos, membro da igreja, morreu do Mal de Hodgkin. Chore com os que choram, alegre-se com os que se alegram. "Fiquei sabendo sobre a Jamie na noite passada. Não é fácil." e "Parabéns, vovô!". Você é capaz disso, não é? Você ama.

É assim que a fé permitiu que o amor radical fosse à prisão. Talvez eles estivessem se perguntando: "Será que devemos ir até a prisão? Se formos lá, eles saberão que somos cristãos. Se eles souberem que somos cristãos, seremos também lançados na prisão e incendiarão nossas casas. O que fazer então?" A resposta está em Hebreus 10.34: eles estavam cientes de que possuíam bens superiores e permanentes. A fé é a certeza das coisas que se esperam (Hb 11.1). Temos o céu, temos bens maiores, temos a Cristo. Então vamos lá, vamos amar, aconteça o que acontecer. É para incentivar esse tipo de pessoas que eu prego. Quero instruir uma geração pronta a enfrentar a espada e a arma, mas que irá pregar a Cristo enquanto tiver fôlego. Como produzir uma igreja como essa? Contando com um grupo de conselheiros que exortem contínua e diariamente uns aos outros para que não exista neles um coração perverso e incrédulo. A falta de fé é falta de satisfação em Cristo, amando os confortos e a segurança desse mundo mais do que as pessoas.

Menciono aqui outros três textos que utilizo para considerar se amo suficientemente a Cristo e aos outros. Moisés, por causa do que Deus iria fazer em seu favor em Jesus Cristo, "considerou o opróbrio de Cristo" (Hb 11.24-26). Quando Deus é o meu tesouro, posso receber críticas e oposição e continuar amando. "Pela alegria que lhe fora proposta", Jesus executou o maior gesto de amor já realizado (Hb 12.1-2). A alegria motiva os atos mais profundos do amor sacrificial. Estar satisfeito em Deus faz com que eu abra mão da minha vida em lugar de viver egoisticamente. "Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério. Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir" (Hb 13.13-14). Você se satisfaz com a cidade que está por vir, onde Deus habita? Será que você vai abandonar o conforto e andar rumo à necessidade? Essa é a reversão que estou pregando o tempo todo, e é o alvo que tenho para os pequenos grupos e aqueles que aconselham uns aos outros:

deixar o conforto e se dirigir às necessidades, a qualquer preço. Você dará esse passo (que se chama *amor*) caso não possua um coração perverso de incredulidade apaixonado pelo louvor dos homens, pelos prazeres da família e as iscas do sucesso. Por outro lado, se você está cativado pela glória de Deus e demonstra isso ao abrir mão da sua vida em favor dos outros, sabe quem recebe a glória? Esse é o ponto conclusivo da carta aos Hebreus: "Ora, o Deus da paz [Ele é a nossa esperança!], que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós [que o Senhor efetue Sua Palavra] o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!" (Hb 13.20-21).

Quando você se satisfaz em Deus, fica livre para fazer o que O agrada, ou seja, envolver-se na vida das pessoas. Dessa forma, Cristo recebe a glória.

Pai que estás no céu, eu Te suplico que efetues esta palavra em mim. Ó Senhor, como desejo ser o que eu prego! Quero que esses amigos também sejam centrados em Deus, pessoas que exaltam a Cristo, saturadas de Bíblia, porta-vozes do Senhor de forma a ajudar as pessoas a se tornarem plenas em Deus, pessoas que, de forma alegre, desprendem-se de si mesmas em favor dos outros, independentemente do custo. Senhor, se estas 800 pessoas forem transformadas, o efeito em igrejas, nações e pessoas ao redor do mundo será incontável. Todos juntos dizemos: Faça isso Senhor! Efetue Tua palavra, eu oro. Em nome de Cristo, Amém.

Aconselhamento Bíblico de Crianças

Earl L. Cook, com prefácio de Paul Tripp[1]

Prefácio

Ouvi alguns barulhos incomuns vindos da sala de espera da Christian Counseling and Educational Foundation (CCEF). Não pude resistir a dar uma olhada. Earl Cook, o conselheiro mais idoso da nossa equipe, estava ajoelhado no chão, conversando com a boneca de uma menina. Enquanto a menina assistia e ouvia a conversa, ela se esquecia de quão atemorizada estava quando entrou naquele prédio pela primeira vez. Lembro-me de ter saído daquele lugar pensando: "Isto, sim, é o que significa encarnar Cristo!". Earl é bem-sucedido com as crianças, não porque ele tem uma sacola maravilhosa de mágicas e técnicas atraentes, mas porque tem um coração cheio de humildade e amor.

A humildade é importante, pois previne Earl de pensar que aquele simples ministério evangelístico que atinge as crianças feridas, confusas ou rebeldes é insignificante para ele. Ela também lhe permite engatinhar pelo chão, participar dos jogos infantis, fazer perguntas engraçadas e dar risadas de piadas ridículas como se elas fossem profundamente divertidas. Earl tem como objetivo criar um contexto onde a vida de uma criança pode ser transformada por Deus, e ele simplesmente não se importa com parecer um palhaço. Naqueles momentos em que desenham, dão gargalhadas ou engatinham com Earl, as crianças começam a entender, pela primeira vez, a realidade da graça de Cristo por meio deste senhor extraordinário que entrou no mundo delas e encarnou a presença de Cristo.

O amor é importante porque Earl é mais do que um técnico com essas crianças. Ele é um homem que ama a Cristo e ama as crianças. Seu amor é contagiante e redentor. Ele não é um palhaço de circo. O que ele está fazendo tem um foco distintamente pastoral. Earl quer amar as crianças para o Senhor e se relacionar com elas de forma que elimine o medo e faça a vontade de Deus ser atraente. Ele quer que

[1]Tradução e adaptação de *Counseling Children*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n. 1, 1999, p. 10-16.
Earl Cook foi conselheiro em CCEF durante 20 anos e pastoreou durante 25 anos.

as crianças enxerguem que o amor de Deus é maior do que aquilo que elas já enfrentaram ou irão enfrentar nesta vida.

Este artigo não fala apenas de perícia metodológica. É um chamado a encarnar o amor paciente, humilde e condescendente[2] de Cristo. Earl compartilhou inicialmente sobre esse assunto num encontro de conselheiros na CCEF. Aqueles que estiveram presentes na palestra, e têm visto e ouvido Earl ministrar para crianças pequenas, ficaram convencidos de que ele deveria preparar um artigo para nossa revista. Estou feliz porque Earl investiu tempo nisso.

Recentemente, fui ao escritório de Earl para ver se ele tinha um alfinete de segurança (Earl também é um velho escoteiro). Mais uma vez, fiquei impressionado por ver que seu escritório não se parece com os demais escritórios do prédio. Por toda parte, há desenhos feitos pelas crianças. Em sua mesa estão um porta-lápis, obviamente feito por uma criança, e uma caixa de pirulitos que somente Earl e crianças podem saborear. Fico imaginando se algum dia Earl crescerá antes de chegar à sua aposentadoria, mas eu espero que isso não aconteça tão cedo!

Aprenda com a sabedoria prática de um homem que aprendeu aquilo que sabe ficando literalmente de joelhos. E não siga somente os métodos sugeridos, mas se comprometa em encarnar a humildade e o amor que fazem com que esses métodos funcionem.

Introdução

As crianças ocupam um lugar especial no meu ministério. Quando eu era adolescente, participei do ministério infantil da minha igreja. Durante a faculdade, servi por três anos num ministério de escola dominical na zona sul de Chicago. Nos meus anos de seminário, trabalhei no ministério com adolescentes de uma igreja local. Nos vinte e cinco anos que se seguiram, minhas tarefas pastorais sempre incluíram escola dominical, escola bíblica de férias e ministério com jovens. Essas áreas foram o campo de treinamento para evidenciar e aperfeiçoar o dom gracioso que Deus me deu de trabalhar com crianças. Quero compartilhar neste artigo duas lições importantes que aprendi durante esses anos. A primeira é que as crianças enfrentam muitos, se não todos, os problemas da vida que os adultos enfrentam: medo, ansiedade, ira, obsessão, depressão, compulsão, emoções instáveis, confusão, egoísmo, impulsividade, sofrimento, controle e manipulação, autoconceito deturpado e problemas de relacionamento. As crianças podem revelar esses problemas de diversas maneiras dentro de sua esfera de vida, mas se você estiver alerta para os sinais, você os detectará.

A segunda lição é que os princípios das Escrituras são válidos para as crianças tanto quanto para os adultos. Contudo, tais princípios devem ser apresentados de maneira compreensível às crianças, pois elas pensam e processam as idéias de maneira distinta. Por exemplo, você não conversa com uma criança sobre a "depravação total", mas sobre como ela mente.

"Joãozinho, você já contou uma mentira?"

"Deixa ver, talvez sim – algumas vezes, mas não mentiras grandes como as que a minha irmã conta. Ela mente o tempo todo."

"É mesmo?! Talvez eu precise falar com ela".

[2]No bom (antigo) sentido da palavra, que é "descer para um nível menos formal ou digno, curvar-se, abrir mão de privilégios de seu posto".

"Claro que precisa."

"Você pode me contar uma coisa?"

"O quê?"

"Quem ensinou você a mentir – sua mãe...?"

"Não."

"Ah, então foi o seu pai?"

"Não, ele não me ensinou."

"Você sabe me dizer quem foi que ensinou?"

"Não."

"Você consegue se lembrar de quando você ainda não sabia como mentir?"

"Eu acho que não."

"Será que você já nasceu sabendo como mentir desse jeito?

"É... talvez..."

"Você sabia que Deus diz isso mesmo, e Ele sabe de tudo, não é?"

"Imagino que sim"

"Vou ler para você o que Deus diz no Salmo 51.5: 'Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe.' O que você acha que Deus está contando neste versículo?"

"Que eu nasci pecador?"

"Isso mesmo, você está certo! Ninguém precisa nos ensinar a mentir, colar, ser egoísta ou mau. Nós nascemos desse jeito. Você sabe por que um cachorro late?"

"Porque ele é um cachorro e nasceu desse jeito."

"Isso mesmo, e a razão pela qual nós fazemos coisas erradas que entristecem a Deus, nossos pais e outros é porque nós nascemos desse jeito."

Acabei de explicar a "depravação total" para Joãozinho, e estou pronto para lhe apresentar a resposta de Deus em Jesus. Da mesma forma, outros ensinamentos da Bíblia podem se tornar reais para as crianças. Elas são capazes de entender e aplicar essas verdades.

Por exemplo, veja como foi com Guilherme. Com cinco anos e pouca freqüência à igreja, ele participou da escola bíblica de férias pela primeira vez. Nosso tema do ano era "Quando eu estiver com medo, confiarei no Senhor". As histórias bíblicas ensinaram a Guilherme que Deus está presente conosco em todo tempo e em todas as circunstâncias. No final das duas semanas de atividades, depois do encerramento, os pais de Guilherme vieram me agradecer por ajudar seu filho. Ele nunca tinha dormido sem que a luz estivesse acesa porque havia "monstros" debaixo da cama e no armário. Somente a luz impedia que os monstros saíssem e o pegassem. Durante a escola bíblica de férias, ele disse a seus pais que podiam apagar a luz. "Por quê? Os monstros foram embora?", eles perguntaram. "Oh, não. Jesus está aqui; Ele é maior do que os monstros e vai impedir que eles me peguem!", ele explicou.

Lembre-se de que Jesus repreendeu os discípulos por tentarem impedir algumas mães de trazerem suas crianças a Ele: "Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus" (Mt 19.14). Em Deuteronômio 6, Deus aponta a nossa responsabilidade de educar e ensinar as crianças nas verdades bíblicas que devem estar inculcadas no coração. Deus deu a nós e às crianças a habilidade de assimilar Seus ensinamentos.

Parece-me interessante que durante os anos setenta, quando eu estava estudando aconselhamento na CCEF como parte da primeira geração de alunos, pouca atenção foi dada ao trabalho com crianças. De fato, a impressão clara que tive foi de que não deveria aconselhar as crianças, mas seus pais. Entretanto, mesmo sem uma intenção definida, uma deliberação ou

a formulação da uma teoria sobre aconselhamento bíblico de crianças, eu me dei conta de que estava aconselhando as crianças. Uma porção significativa dos meus mais de vinte anos de prática do aconselhamento na CCEF tem sido dedicada às crianças. Quero, porém, assegurar-lhe que os pais são essenciais no aconselhamento das crianças. É minha prática, na maioria das vezes, ter os pais sentados ao lado, observando o aconselhamento. O foco principal é a criança, e os pais aprendem, pela observação, a entender seus filhos, chegar aos problemas do coração, aplicar a verdade bíblica na vida da criança e reforçar em casa os ensinamentos que foram trabalhados no coração da criança e no seu comportamento durante o aconselhamento formal. Se os pais não entenderem o que você está fazendo e não derem apoio em casa, pouco será alcançado na vida da criança.

Para começar, como se aconselha uma criança? Da mesma forma que se aconselha um adulto, levando em consideração o nível de desenvolvimento e entendimento. Os passos a seguir dão uma idéia do processo. Em todas as etapas, os pais estão presentes, ouvindo, observando, e participando quando apropriado.

1. Estabeleça o relacionamento com a criança.

2. Colete os dados sobre a situação, conversando tanto com a criança como com os pais.

Com um alicerce de amor e conhecimento, você será capaz de chegar a um entendimento dos dados e à identificação do problema que precisa ser tratado. A criança está passando por uma situação difícil como uma doença, perda, ameaça ou mudança recente? A criança está cometendo pecado de rebeldia, murmuração, mentira, zanga, preguiça ou medo? Quais pro-blemas do coração estão vindo à tona? Orgulho, temor aos homens, egoísmo, crenças falsas, amor aos seus pertences?

3. Recorra aos princípios bíblicos para enfrentar esses problemas e explique-os à criança.

4. Aplique as verdades bíblicas por meio de sugestões bem específicas e tarefas que a criança e os pais possam fazer para resultar em mudança bíblica e crescimento cristão na vida da criança.

Acompanhe o processo com encontros sucessivos até que os pais tenham aprendido a trabalhar com seu filho e se sintam confortáveis para prosseguirem sozinhos.

Vamos olhar mais de perto para esses quatro passos.

Estabeleça um relacionamento com a criança

A sua primeira aproximação à criança é crucial. Direcione sua atenção para a criança, não para os pais que a estão acompanhando. A criança é o foco. Esqueça os outros que estão lá. O que dou a seguir é uma sugestão de diálogo.

Chegue à porta da sala de espera e olhe de relance.

"Estou procurando alguém que se chama Maria."

Olhando para a menina, sorria e diga:

"Será que é você? Eu acho que sim!"

É hora de se ajoelhar para ficar no mesmo nível dela (eu tenho quase dois metros de altura).

"Oi, eu sou o senhor Earl. Você pode me chamar assim ou, se quiser, pode me chamar de tio Earl como a maioria dos meus amiguinhos faz. Como sou velho, você pode também me chamar de vovô se quiser. O que você tem aí com você?

"Uma boneca."

"Ela é especial para você?"

"É."

"Sim? E você conversa com ela?"

"É claro que sim."

"Qual o nome dela?"

"Matilda."

"É um nome bonito. Olá, Matilda, você tem um nome bonito e uma mãe muito bonita também."

Então, de maneira divertida, com um tom de voz diferente.

"Oi tio Earl."

Voltando a conversar com a menina.

"Você tem um nome especial que quer que eu use para chamar você, ou Maria está bom?"

"Maria, Mimi ou..."

"Mimi, você pode me contar quem são essas pessoas que você trouxe aqui hoje?"

"Minha mãe e meu pai."

"Que bom! Como eles se chamam?"

"Mamãe e papai."

"Ótimo. Oi mamãe e papai!"

"Eles não são seu pai e sua mãe!" Ela pode retrucar.

"É verdade. Como que eu vou chamá-los então? Seu Carlos e dona Sandra?"

"É."

"Mimi, você quer ir lá em cima no meu escritório? A mamãe e o papai podem vir também. Tenho muitos desenhos na minha porta que eu acho que você gostaria de ver. Outros meninos e meninas desenharam para mim, e eu gosto deles."

Depois de olhar para sua mãe, a menina responde.

"Sim."

Repare que até aqui o foco esteve na criança e não nos pais. E continuará a ser assim, a menos que a criança queira incluir os pais. A maioria dos pais percebe a sua técnica e coopera. Senão, você tem de falar com eles a sós, no telefone ou de outra forma. Você pode querer que eles recebam estas instruções antes do primeiro encontro, embora eu raramente faça isso.

Às vezes é preciso esquecer um pouco a sua posição formal. Quando vou à sala de espera e encontro a criança no chão, brincando, lendo ou dormindo, sinto-me à vontade para me sentar no chão e acordá-la soprando em seus ouvidos ou me envolver com aquilo que ela está fazendo. A mesma seqüência de perguntas de aproximação esboçada acima pode ser seguida no chão. Alguns adultos, que esperam algo diferente de um conselheiro, podem achar um pouco estranho. Então, que seja! O foco está na criança.

Depois de entrar no escritório com a criança, é o momento de olhar para os desenhos e falar um pouco sobre as crianças que os fizeram.

"Se você fizer um desenho para mim, eu gostaria de colocá-lo na porta também. Em que cadeira você quer sentar?"

"Esta aqui."

"Tudo bem. Mamãe e papai, vocês podem sentar nestas outras duas? Obrigado!"

Meu passo seguinte para ganhar a amizade da criança tem a ver com Jesus.

"Mimi, eu tenho um amigo especial e gostaria de conversar com ele antes de falar com você. Você sabe quem é?"

"Jesus?"

"Sim, é Jesus, e eu vou pedir para Ele estar aqui conosco e nos ajudar, pois Ele nos ama e é muito sábio. Tudo bem?"

"Tudo."

"Quando eu oro, abaixo minha cabeça e fecho meus olhos, e você pode fazer isso também se quiser."

"Está bem."

Faça uma oração simples e breve.

A interação que transcrevi acima é típica, mas as respostas e a continuidade podem variar dependendo da criança. Algumas crianças são bem tímidas e relutam para travar conversa. Vá em frente! Contar como você se aproximou de outra criança tímida pode ajudar. Mas nunca vire as costas para a criança e transfira o foco da atenção para os pais. Coopere com a criança se ela quer incluir os pais. Talvez ela vá olhar para os pais para responder às perguntas, esperando uma oportunidade para sentar no colo da mamãe ou do papai.

As pessoas especializadas no aconselhamento de crianças criam muitas vezes ambientes em seus escritórios com áreas para brinquedos, centros de interesse e vidros espelhados. Entretanto, essas coisas não são imprescindíveis. A parte de trás da sua porta pode ser usada como mural para colocar os desenhos feitos pelas crianças. Na minha mesa, tenho um porta-lápis cheio de canetas e lápis coloridos. Obviamente, foi feito por uma criança, e isso atrai todas as crianças que vêm ao meu escritório. Eu lhes conto a história de como ganhei esse porta-lápis: um menino de dez anos de idade, que tinha grandes problemas, deu-me esse presente depois que Deus me permitiu ajudá-lo em seus problemas. Eu sempre tenho em mãos uma caixa de doces ou salgadinhos. Os favoritos parecem ser os pirulitos. Nós os saboreamos juntos e nos divertimos em fazer com que a mamãe e o papai os provem também.

Tudo isso pode levar meia hora ou mais no primeiro encontro. Embora os encontros durem geralmente uma hora, sinto-me à vontade para terminar mais cedo se a criança tiver atingido seu limite.

Até aqui, vimos como estabelecer o relacionamento com a criança. Vamos considerar agora o valor de ter os pais presentes nos encontros de aconselhamento. Os pais representam um ponto de segurança e proteção para a criança enquanto ela o está conhecendo e começando a se sentir mais à vontade com você. A criança vem a um lugar estranho para encontrar um estranho! Na melhor das hipóteses, isto é um desafio e, para alguns, é uma experiência atemorizante. Eu sou um homem de porte grande e já tenho 71 anos. Isto pode intimidar. Se você quer conversar a sós com a criança, pergunte se ela aceita. Também pode acontecer de você querer falar a sós com os pais. Se a criança parece estar à vontade ao final do encontro, ela pode ser deixada na sala de espera com um livro, um jogo ou um brinquedo enquanto você conversa com os pais. Nunca fale sobre a criança na presença da própria criança se você precisar conversar sobre um problema grave ou confrontar os pais sobre uma atitude ou prática deles que tem um efeito negativo na criança. Se necessário, agende um encontro somente com os pais.

Outra razão pela qual é de grande valia que os pais estejam presentes é que você atua como modelo enquanto eles observam seu trabalho com a criança. Muitos pais têm dificuldade para estabelecer afinidades com seus filhos e entrar no mundo da criança. Estando presentes no encontro, eles podem avaliar suas habilidades e reconhecer os pontos com os quais precisam lidar para serem mais bíblicos e eficientes na criação de seu filho.

De início, os pais deveriam estar presentes essencialmente como observado-

res. Com o andamento do aconselhamento, e conforme as mudanças acontecem em casa nas áreas de relacionamento, disciplina, limites e aplicação da verdade bíblica, os pais deveriam se tornar mais ativos durante os encontros. Idealmente, isto acontece com a cooperação da criança.

A presença dos pais resulta num meio de estreitar os laços entre pais e filhos. É interessante ver a reação da criança quando a mãe e o pai respondem à Palavra e fazem mudanças na própria vida. Ela percebe que estamos trabalhando juntos, que todos nós precisamos da graça e ajuda de Cristo e estamos debaixo da autoridade de Deus e da Bíblia.

Finalmente, os pais são fontes preciosas para a confirmação das informações que a criança dá. Eles podem também acrescentar informações sobre as situações ou completá-las. Quando os pais estão presentes, a criança é mais honesta em seu relato.

Colete dados

Entre em contato com os pais antes do primeiro encontro com a criança para ter uma idéia da situação. Por que estão buscando aconselhamento para a criança? Quando foi que o problema se manifestou pela primeira vez? Quais eventos cercaram o começo do problema? Quais hábitos os pais têm percebido?

Como já foi dito acima, no primeiro e em todos os encontros subseqüentes, o foco deve se manter na criança. É importante que Guilherme saiba o que está acontecendo com ele.

"Guilherme, você sabe o que eu faço?"

"Você conversa com as pessoas."

"É isso mesmo! Mas você sabe sobre o que eu converso com elas?"

"Não."

"Bom, eu converso sobre as coisas que estão acontecendo na vida delas e causando problemas, e eu procuro ajudar cada uma dessas pessoas."

"Como é que você pode ajudar?"

"Eu tenho um livro chamado Bíblia, que foi escrito por Deus. Neste livro, Ele nos conta as respostas para todos os problemas. Então, eu ajudo meninos, meninas, papais e mamães a acharem essas respostas de Deus. Isso é chamado de aconselhamento, e é o que eu faço. Você quer conversar comigo sobre algum problema que você tem e procurar as respostas de Deus comigo?"

"Acho que sim."

"Bom."

Talvez você perceba que a criança está olhando para a caixa de pirulitos que está em cima da mesa.

"Você quer um?"

"Quero."

"Escolha qual você quer. O que acha de dar um também para o papai e a mamãe?"

Ele pega dois pirulitos e entrega aos pais.

"O que podemos fazer com um pirulito?"

"Chupar."

"Claro! E eu também vou pegar um."

É importante envolver ativamente a criança no processo de colher informações. Para isso, você precisa ser capaz de conversar com ela de forma direta e confortável. Comece, portanto, ajudando-a a se expressar numa conversa geral.

Um menino de nove anos de idade estava muito envergonhado e não verbalizava o seu problema, embora ele soubesse qual era. Ele pediu para seu pai me con-

tar e quis ficar no corredor com a porta do escritório fechada enquanto isso acontecia. Permiti que ele fizesse isso, e depois ele entrou no escritório. Seu problema consistia em pensar em mulheres e partes do seu corpo, especialmente os seios. Depois que ele entrou, perguntei se eu podia compartilhar com ele o que seu pai me disse para eu ter certeza de que era aquilo mesmo. Perceba que eu não duvidei do pai, mas usei disso como um recurso para envolver o garoto na verbalização do seu problema. Num contexto de muita vergonha, hesitação e repetidas tentativas minhas para persuadi-lo a falar, ele consentiu. Esse foi o começo da liberdade para discutir o assunto e pensar a respeito do que a Bíblia diz sobre o nosso corpo.

Vários caminhos podem ser usados para extrair informações da criança, dependendo da sua idade e disposição.

1. Faça perguntas diretas. *"Você pode me contar a razão por que sua mãe trouxe você aqui hoje?"*

2. Se a criança não responder, você pode lhe pedir permissão para perguntar a quem a estiver acompanhando. Os pais costumam ficar mais do que felizes de participar e preencher a conversa com mais detalhes. Portanto, devem fazer isso somente quando encorajados e solicitados, para que a criança continue totalmente envolvida no aconselhamento. Durante o relato dos pais, observe a criança para verificar suas expressões faciais e a linguagem corporal. Você pode aprender muito com essas reações não-verbais. Algumas vezes, a criança pode manifestar ira ou negação. Você precisa ajudá-la a se controlar até que os pais terminem de falar. Note o tom de voz dos pais e suas atitudes também. Querem julgar ou são graciosos? Estão amedrontados ou confiantes? Tomam partido ou mostram equilíbrio?

3. Use histórias. "Era uma vez um menino chamado Guilherme que tinha um problema. Seu problema era _____." Se a criança continua relutante em verbalizar seus problemas durante o encontro, você pode pedir que ela os escreva (dependendo da idade) como lição de casa.

4. Use desenhos. Algumas crianças gostam de desenhar, e você pode tirar proveito disso. Uma menina de oito anos de idade tinha problemas com ansiedade e medo generalizado. Pedi que ela desenhasse seus medos, e ela desenhou um gnomo com raios de poder saindo de sua cabeça. Aprendi sobre a aparência dos gnomos, e agradeci. Ela também desenhou um fantasma. Ela tinha assistido *O Fantasma da Ópera*, e isso despertara seu medo. O mais significativo foi uma casa com um caminho de pedra, obviamente sua casa, com chamas e fumaça saindo das janelas e portas. Este foi o desenho que mais revelou a respeito do problema. Os desenhos podem ser janelas para a mente da criança.

5. As crianças têm uma imaginação fértil na qual você pode penetrar. Peçalhes que pensem no problema, façam um desenho imaginário em sua mente e então o descrevam para você. Pedi a uma menina que costumava ter acessos de raiva que me descrevesse um episódio recente. Obtive um quadro detalhado do seu acesso de raiva e pude conversar sobre o assunto usando essa figura. Eu sugeri mudanças que ela poderia fazer nesse quadro e conversamos sobre como essas mudanças fariam diferença para melhor.

6. Mencione os amigos. Você pode envolver as crianças perguntando o que elas apreciam em seus amigos e o que não,

e então lhes perguntar o que apreciam em si mesmas e o que não.

7. Procure descobrir o quanto do mau comportamento (como, por exemplo, os acessos de raiva) expressa uma tentativa consciente e deliberada de controlar, de manipular ou de punir os outros. O objetivo é trazer esclarecimento que permita trabalhar com aspectos concretos, ajudando a criança a deixar o mau comportamento e escolher o caminho de Deus para a solução dos problemas ao invés do próprio caminho.

8. Seja criativo em buscar o envolvimento da criança para coletar dados e identificar o problema a ser trabalhado.

Use adequadamente a Bíblia para o ensino

Com as crianças, assim como com os adultos, a Bíblia é o fundamento da mudança que você deseja ver. As crianças são capazes de ter uma fé robusta, chegar à conversão e fazer parte do Reino de Deus. Tenha uma versão da Bíblia para crianças em seu escritório e use no ministério com elas.

Com a criança ansiosa, você pode usar uma das histórias bíblica como Davi e Golias. Primeiro, leia a história para que a criança saiba que está na Palavra de Deus. Em seguida, conte novamente, explicando, dramatizando e colocando suspense até que finalmente você pergunta:

"Como Davi teve coragem para enfrentar Golias, quando nenhum dos seus irmãos teve essa coragem, nem sequer o rei?"

"Porque Deus iria ajudá-lo."

"Isso mesmo, Davi disse ao gigante: 'Meu Deus e eu vamos matá-lo".

Seja um contador de histórias. As crianças amam ouvir histórias. Em seguida, você pode explicar que Deus está com todos nós, especialmente com a criança que você está aconselhando.

A sabedoria maravilhosa e a presença imediata de Deus no Salmo 139 podem ser muito preciosas para as crianças quando explicadas desta forma:

"Suzana, você pode pegar de surpresa seu pai e sua mãe?"

"Sim."

"Você pode se esconder atrás da porta, pular na minha frente e me pegar de surpresa?"

"Claro, isso seria divertido. Podemos fazer agora?"

"Mas isso não me surpreenderia agora, porque eu já sei o que você quer fazer. Veja se consegue me surpreender na próxima semana. Agora, aqui está uma pergunta difícil. Você pode pegar Deus de surpresa?"

"Eu não sei."

"Vamos ver o que Ele diz no Salmo 139."

Vá ao Salmo 139 e leia para Suzana ou deixe que ela mesma leia se já sabe ler.

"O que Deus diz que Ele faz?"

"Ele me sonda e me conhece."

"Sim ele me vê e vê você também. Então, Ele pode ver tudo e saber tudo a nosso respeito. Suzana, você pode me ajudar um pouquinho?"

"Sim".

"Fique de pé e depois sente."

Suzana levanta-se e volta a sentar.

"Fico imaginando se isso pegou Deus de surpresa."

"Eu não sei."

"O que a Bíblia diz?"

"Ele sabe quando me assento e quando me levanto."

"Isso mesmo. Na verdade, isso significa que Deus sabe o que você está pensando. Ele deseja que você tenha bons pensamentos e Ele sabe aonde

você vai e o que vai fazer hoje. Isso é o que significa caminhar. Ele sabe as palavras que você irá falar, mesmo aquelas que não são muito boas de vez em quando. Ele sabe tudo sobre você. Deus nunca fica surpreso, e Ele cuida de você o tempo todo. Você acha que Deus fica surpreso com os seus medos ou com os seus pensamentos e sonhos assombrosos?"

"Eu acho que não."

"Não, Ele não fica, e o melhor de tudo é que Ele quer nos ajudar com isso. Você gostaria de saber algo ainda mais maravilhoso sobre Deus?"

"Eu quero."

"Não existe lugar no mundo a que você possa ir onde Deus não esteja junto com você."

"Eu aposto que tem."

"Onde?"

"No meu armário."

"Errado."

"Na lua?"

"Errado. Leia um pouco mais para mim."

A criança lê os versículos 7 a12.

"O que Deus está querendo nos dizer?"

"Que Ele estará em qualquer lugar onde nós estivermos."

"Certo. O que isto significa quando você pensa nos lugares a que você tem medo de ir?"

O uso da Bíblia com a criança ajuda a guiá-la nessa seqüência de perguntas.

Dê lição de casa

As crianças precisam praticar o que aprendem se quiserem construir algo novo em suas vidas. Isso faz com que seja muito importante reforçar o que aconteceu durante os encontros. Ao mesmo tempo, as crianças sentem-se facilmente sobrecarregadas com muitas tarefas. Portanto, é sábio destacar um aspecto que você gostaria que a criança vivesse e enfocá-lo na tarefa. Por exemplo, se durante a sua conversa no escritório você pediu para a criança desenhar seus medos e colar no desenho uma nota que diz "Deus", você pode pedir para ela fazer a mesma coisa quando voltar a ter medo. Um ótimo jeito de reforçar seu ensino sobre o Salmo 139 é pedir ao pai da criança para ler o texto bíblico cada dia com ela e orar agradecendo a Deus por estar com ela naquele dia. Os pais podem também conversar com a criança sobre os acontecimentos do dia e como Deus está presente na vida da criança e dos pais.

A lição de casa deve ser usada para atingir os problemas do coração. Um exemplo disso é como trabalhei com uma menina de sete anos de idade. Ana costumava ser egoísta, não compartilhava seus pertences e estragava as coisas se tudo não fosse feito do jeito dela. Durante os encontros de aconselhamento, usando Marcos 7.21-23, conversamos sobre como aquilo vinha do coração dela. Desenhamos o seu coração sem Jesus, retratando-a como uma menina egoísta, e depois colocamos Jesus no desenho e conversamos sobre como Ele poderia ajudá-la a não ser mais egoísta se ela escolhesse pedir ajuda a Ele. Também desenhamos as conseqüências de deixar seu egoísmo controlar a sua vida em lugar de Jesus. Aliás, eu não sou um grande artista e os meus desenhos são elementares, não muito superiores aos de uma criança de sete ou oito anos de idade. Geralmente, deixo as crianças levarem esses desenhos para casa para relembrá-las do que conversamos. Para tarefa, Ana e eu fizemos uma tabela

com o título “EU ESCOLHI” e duas colunas abaixo intituladas “O meu caminho” e “O caminho de Jesus”. Durante a semana, Ana deveria registrar numa das duas colunas os seus vários comportamentos. Você pode envolver a mãe e o pai para lembrar à criança que preencha as colunas nos momentos apropriados. Os pais terão a tendência de fazer isso quando o comportamento for errado, portanto eles devem ser encorajados a dar bastante importância ao comportamento certo.

Seja criativo, mas simples, no uso da lição de casa. Procure trabalhar em coisas familiares à criança e dentro dos seus interesses naturais (ler, desenhar, dramatizar, escrever, brincar etc.). Permita que as crianças participem no desenvolvimento da lição de casa. Discuta isso com elas. Uma boa pergunta para promover a participação pode ser: “Você pode pensar em algo que gostaria de fazer esta semana que a ajude a lembrar de não ser egoísta, mas bondosa?”. As crianças podem cooperar muito com suas respostas a essas perguntas.

Certifique-se de que os pais entendem o que você está fazendo e saibam como participar. Faça um diário de tarefas para eles e deixe claro tanto à criança quanto aos pais que você cobrará a tarefa na semana seguinte para ver se a fizeram.

Conclusão

Refletindo nesse assunto, sou tomado de lembranças de tantas crianças e suas famílias tocadas por Deus. Temos uma responsabilidade enorme de obedecer a esta admoestação do Senhor: “Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Mt 19.14). Volto a dizer: as crianças lidam com a maioria dos problemas com os quais os adultos também têm dificuldade. As crianças também podem ser tocadas pela Palavra de Deus quando esta é apresentada a elas de maneira apropriada para sua idade e desenvolvimento.

Você é capaz de aconselhar crianças? Tente. Você pode descobrir um dom maravilhoso e um privilégio dado a você por nosso Deus.

Ajuda aos Pais de uma Criança Irada

Michael R. Emlet e David Powlison[1]

Uma criança irada provoca enorme ruptura e agitação dentro da família. Como os pais vivenciam a hostilidade declarada, a inconstância, a raiva, o desrespeito e a violência por parte de um filho? Eles podem se sentir tentados a "pagar mal com mal". Alguns pais atacam com palavras, reagindo no mesmo estilo do filho — hostilidade por hostilidade, ira por ira. Agem como se esmagar a rebeldia pudesse eliminá-la. Outros pais reagem com medo e desespero. Eles aplacam ou evitam o conflito, entregam-se à manipulação. Agem como se aquietar uma vontade forte pudesse eliminar a obstinação. Em ambos os casos, os problemas familiares crescem. Muitos pais acabam confusos, sobrecarregados e até amargurados. A ira descontrolada de um filho torna-se facilmente o fator controlador da vida familiar.

Freqüentemente, os pastores, familiares, amigos e outros conselheiros são chamados para ajudar na compreensão do problema, aconselhando e encorajando. Este artigo apresenta sete pontos básicos para ajudá-lo a oferecer auxílio aos pais que desejam crescer no entendimento do filho, de Deus e de si mesmos, habilitando-os a dar passos práticos. [2]

1. Identifique-se com a experiência dos pais

Uma explosão de ira não é literalmente um tornado, uma enchente ou um fura-

[1]Tradução e adaptação de *Helping the Parents of an Angry Child*.
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 25, n. 1, Winter 2007, p. 17-27.
Michael R. Emlet é conselheiro e professor na *Christian Counseling and Educational Foundation*.
David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*, conselheiro e professor na *Christian Counseling and Educational Foundation* e professor de Teologia Prática no *Westminster Theological Seminary*.

[2] Essas idéias também podem ser úteis para outras pessoas que se relacionam com crianças iradas: parentes, professores, conselheiros. Ao longo do artigo, mencionamos os "pais", mas usamos esta palavra de maneira inclusiva. Este artigo aplica-se não somente às famílias onde pai e mãe estão envolvidos com os filhos, mas também a mães ou pais solteiros e ainda às famílias onde um dos pais desistiu e abandonou a tarefa ao outro.

ção que deixa um rastro de destruição física e casas demolidas. Mas o vendaval emocional provoca um estrago profundo nas famílias, deixando os lares demolidos e, algumas vezes, causando destruição física também. Você já sentiu, figurativa ou literalmente, um vendaval demolidor passando pela sua casa? Os conselheiros que já enfrentaram tal situação podem se identificar prontamente com os pais que se sentem desgastados, confusos e frustrados. São pais que caminham em cascas de ovos, temerosos de que a qualquer momento seu filho possa explodir em ira diante de uma coisa insignificante. Eles estão desesperados em busca de respostas para perguntas como estas:

"Como posso restaurar a ordem em meio a esse caos total?"

"Como posso prevenir essas terríveis tempestades de ira na vida do meu filho?"

"Por que esta raiva parece explodir do nada?"

"Haverá paz verdadeira em nosso lar ou as brigas, discussões, lutas e explosões de ira continuarão a ser a norma?"

São perguntas penosas até para serem feitas. Esses pais estão em busca de esperança genuína e ajuda real, mas estão intimamente desanimados. Você deve ser sensível às dificuldades e problemas que eles enfrentam. O aconselhamento zeloso sempre atinge profundamente a angústia e agitação intensa da condição humana. Você deve se compadecer da fraqueza alheia para poder oferecer uma ajuda sob medida diante da necessidade do momento, lidando amavelmente mesmo com os ignorantes e com os que erram (Hb 4.14-5.8). Penetre na situação que os pais enfrentam, entenda sua perplexidade e seu desejo de ver mudanças acontecerem.

Primeiro, eles enfrentam problemas. Todos nós já ouvimos o relato de pais que olham para trás e comentam, em meio a risos, como o Joãzinho era "uma criança sapeca". Mas uma criança explosiva é mais do que simplesmente sapeca. Para os pais, a vida familiar torna-se semelhante a andar num campo minado. Uma bomba pode explodir a qualquer momento. Não há respostas fáceis para os comportamentos persistentemente inconvenientes e destrutivos. Como conselheiro, você está pronto a sentir o grau de caos que esses pais enfrentam?

Segundo, eles se sentem sobrecarregados com o problema. Os pais sabem que eles precisam de mais do que uma dose das recomendações habituais para a criação de filhos. Eles podem estar desesperançados com respeito à sua habilidade como pais. Eles podem sentir raiva desse filho que lhes causa tanta dor e tristeza. Podem ainda ter medo do que o futuro lhes reserva. Gostariam, talvez, de cair fora da situação e se arrependem de ter tido ou adotado esse filho. Não há soluções fáceis para aquilo que os pais descobrem ser tão desanimador. Você entende o senso de vulnerabilidade pessoal expresso nessas questões?

Terceiro, eles anseiam por algo que parece impossível de acontecer. Esses pais transtornados desejam ardentemente receber ajuda, mas para eles não existe algo que possamos dizer como "Se você _____, tudo vai funcionar". Você percebe o peso daquilo que eles estão pedindo? Trata-se da restauração daquilo que está perdido, da prevenção daquilo que agora é rotina, do entendimento daquilo que parece incompreensível, da paz onde há apenas tumulto. São alvos difíceis de alcançar.

Quando a ira caracteriza a vida de uma criança, como você pode ajudar os pais a responderem construtivamente? Você

deve inicialmente entrar na situação e não subestimar aquilo que eles enfrentam. Sinta com eles o peso de seu desalento. Eles saberão que você se importa com eles e não irá ceder à tentação de lançar uma lista de prescrições com respostas precipitadas e promessas vazias. Se você entender a seriedade da questão, as suas respostas serão dadas com o cuidado, a paciência e o foco apropriados. Você não dará apenas conselhos, embora estes sejam necessários. Você também perceberá—e você já sabe disso—que esses pais, assim como você, precisam buscar e encontrar a Deus em meio aos seus problemas. De fato, os problemas grandes tornam-se ocasiões para perceber o quanto necessitamos do nosso Senhor e Salvador, para conhecê-lO e amá-lO mais. Há conselhos que você pode dar. No entanto, Deus sempre nos assegura de que necessitamos *dEle*.

As perguntas feitas pelos pais são também clamores por nada mais do que restauração para algo que está rompido e repleto de pecado e dor. O bom conselho, cuidadosamente implementado, conduz ao Senhor e à restauração.

Como conselheiro, você sabe com clareza que "a ira do homem não produz a justiça de Deus". A hostilidade e a tendência da criança para explodir em ira são problemas sérios. E você também sabe com clareza que Deus quer que cada um de nós se torne "pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar" (Tg 1.19-20). Este é o alvo de Deus, o seu alvo, o alvo dos pais para a criança. Mas de onde se está até onde se quer chegar há um longo caminho. Os pais precisam saber que você está ao lado deles e pronto a auxiliá-los para que ajudem seu filho nesse bom caminho.

2. Ajude os pais a pensarem com clareza sobre a fonte da ira desproporcional

Nem toda ira é pecaminosa. Na Bíblia, aprendemos como a ira de Deus é santa, justa e amorosa tanto em motivações como em ações. É apropriado, e mesmo necessário, que o cristão fique irado diante das injustiças e pecados que provocam a ira justa de Deus. Visto que estamos no processo de restauração à imagem de Deus, é possível ficarmos irados diante da injustiça, e não pecarmos (cf. Ef 4.26 e os vários exemplos bíblicos de uma ira justa em ação). A ira correta motiva ações construtivas para lidar com uma injustiça real. Mas quase sempre o tipo de explosão de ira que estamos considerando não honra a Deus na disposição do coração ("Eu quero o que quero, e você não vai me impedir.") nem no comportamento (acessos de raiva, palavras desrespeitosas, desatinos). Este artigo preocupa-se especificamente em ajudar os pais de crianças habitualmente iradas, resistentes e hostis.

Como todas as nossas emoções, a ira não vem "do nada" (embora às vezes pareça ser assim). As emoções de uma criança não acontecem por acaso. Elas estão relacionadas àquilo que a criança *faz* e *vivencia*. As emoções expressam o coração da criança diante de Deus à medida que ela reage a algumas circunstâncias. Em outras palavras, nossas emoções estão ligadas ao coração, ou seja, à natureza interior que vive cada momento a favor de Deus ou em oposição a Deus. A disposição do coração para com Deus afeta cada emoção, palavra e ação. Portanto, a ira explosiva ataca não apenas os pais e irmãos. Ela revela um coração com vontade própria que se opõe a Deus, afirmando: "Minha vontade seja feita imediatamen-

te neste universo!". Veja o que Deus diz sobre a conexão entre o coração e tudo quanto fazemos e dizemos:

> "O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração." (Lc 6.45)
>
> A ira sempre revela quem somos. "Ora, as obras da carne são conhecidas e são... inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções". (Gl 5.19-20)
>
> Essas atitudes iradas e ações destrutivas vêm da disposição do coração contra Deus. A "cobiça da carne" assume o controle, usurpando o lugar dos "desejos do Espírito".
>
> "Ouvistes que foi dito aos antigos: 'Não matarás, e quem matar estará sujeito a julgamento'. Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal". (Mt 5.21-22)

Jesus colocou o assassinato e a ira numa mesma categoria, com as mesmas conseqüências, pois ambos provêm do mesmo tipo de coração.

Na Bíblia, Deus nos ensina como entender a origem da ira. Isso significa que ajudar as crianças iradas envolve mais do que técnicas para lidar com a ira. Para resolver o problema de ira do seu filho, é preciso alcançar a fonte dessa ira: o coração.

O conhecimento de que a ira descontrolada provém do coração da criança deve encher de esperança o coração dos pais. Essa criança não está emocionalmente doente, não tem danos genéticos nem é incapaz de mudar. Jesus viveu, morreu e ressuscitou para que todas as pessoas, incluindo as crianças com coração irado, possam ser transformadas em pessoas que amam a Deus e aos outros. O coração controlador e cheio de vontade própria pode ser quebrado pela misericórdia e poder de Deus. Conhecer a fonte do problema ajuda os pais a verem com clareza o alvo em longo prazo de que seus filhos vivam cada vez mais debaixo da vontade soberana de Cristo e em Seu amor redentor.

3. Ajude os pais a estabelecerem o alvo de alcançar o coração de seu filho com a graça de Deus

Visto que o coração da criança é a fonte de sua ira, ajudá-la significa mirar a causa em sua raiz. É provável que a criança resista à idéia de ver sua raiva como proveniente de algo errado no coração e tente culpar os pais ou as circunstâncias pelas explosões de ira. Mas a criança precisa entender que ela é responsável pelos seus acessos de ira. Ninguém obriga outra pessoa a pecar (Tg 1.13-15). Ela também precisa entender que suas expressões comportamentais são causadas por anseios interiores (Tg 1.14-15) e que Deus é misericordioso (Tg 1.16-18). Deus se opõe ao orgulhoso (e os acessos de ira são um e-xemplo flagrante de orgulho), mas Ele dá graça ao humilde (Tg 4.1-12). Ao reconhecer a responsabilidade pessoal, a porta da esperança abre-se.

Uma criança precisa aprender como sua ira opera diretamente contra Deus. Com muita freqüência, os pais focalizam apenas a dimensão horizontal do comportamento pecaminoso de seu filho, ou seja, o que o filho fez contra eles. Mirar o coração significa ajudar a criança a entender que sua atitude, suas palavras e ações vi-

olam acima de tudo os padrões de Deus. Deixar-se dominar pela vontade própria é violar o direito de Deus de governar. Este foco dirigido para Deus coloca em destaque a centralidade do evangelho, pois o pecado contra Deus e contra outros tem solução. Se confessarmos hones-tamente os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar e purificar (1 Jo 1.9). Descortinar a dimensão vertical mostra a relevância imediata do evangelho.

Mirar o coração também inclui procurar entender os "porquês" por trás das explosões de ira. Não é tão simples como dizer: "Bom, ele é um pequeno pecador e quer as coisas do jeito dele!". Esta é uma verdade geral a respeito dos seres humanos. Precisamos expor em detalhes no que consiste "a vontade própria" *dessa* criança em particular. Cada ação ou reação revela motivações quando sabemos olhar em profundidade e fazer boas perguntas. Peça a Deus para conduzi-lo pelo Seu Espírito para que você tenha a sabedoria bíblica de sondar aquilo que de fato está acontecendo no coração da criança quando ela está irada. Faça estas perguntas:

> *O que meu filho deseja, teme ou anseia especificamente neste momento?*
>
> A ira pecaminosa envia uma mensagem em alto som de que algum desejo controlador está sendo frustrado.
>
> *O que meu filho não crê especificamente a respeito do caráter, das ações, das promessas e dos mandamentos de Deus?*
>
> *O que meu filho acredita agora a respeito do seu mundo, dele mesmo e de Deus que faz com que uma reação irada pareça completamente lógica e justificável aos seus olhos?*

Não há causa mais profunda que uma criança e seus pais precisem aprender a identificar. Também não há perguntas mais profundas que precisem responder. A resposta a essas perguntas ajuda os pais a forjarem uma resposta sábia e orientada ao coração, que faz mais do que tentar controlar externamente a ira da criança por meio de punições, ameaças, recompensas ou distrações. Aprender que eles podem pacientemente ajudar seu filho a crescer na arte de entender a si mesmo traz aos pais uma esperança tremenda. Talvez eles nunca tenham pensado nessa possibilidade. Eles tinham ouvido falar e até procurado aplicar técnicas para controlar, aplacar, punir ou anestesiar a ira de seu filho, mas nunca aprenderam a ajudar seu filho a crescer em sabedoria. À medida que uma criança cresce no entendimento de como seus desejos e crenças alimentam sua ira destrutiva, os pais podem conduzi-la a Jesus para que receba ajuda. Jesus promete derramar misericórdia e graça para ajudar no momento de necessidade (Hb 4.16). Os acontecimentos que nos perturbam são momentos primordiais de necessidade.

Mirar o coração da criança significa contar-lhe, repetidas vezes, as boas novas do evangelho e *viver* o evangelho diante dela, não apenas falar. A clareza neste aspecto ajuda os pais a se tornarem ao mesmo tempo mais firmes e mais pacientes, mais persuasivos e mais compassivos. O acesso de ira é pecaminoso e destrutivo. Os desejos que há por trás dele são imperativos e ditatoriais. A graça de Deus, porém, vai ao encontro da necessidade de misericórdia e ajuda. Os pais devem aprender a comunicar à criança que ela pode ir ao Salvador que a ama, perdoa seu pecado e promete ajuda em meio à tentação da ira (Hb 2.18; 1 Co 10.13). Ao

pedirem a um filho que controle sua ira, os pais não podem esquecer que estão lhe pedindo para fazer algo *sobrenatural* e *impossível* de uma criança fazer por si mesma. Portanto, é vital que o ajudem a construir um relacionamento de confiança com Jesus. Somente quando a criança aprende a depender de Jesus ela terá a motivação, o desejo e a força para obedecer (Cl 3.1-10). À medida que seu relacionamento com Jesus cresce, também cresce a sua habilidade de controlar a ira. O alvo dos pais não deve ser apenas transformar imediatamente seu filho em alguém de fácil convivência. Os pais sábios almejam ajudar seu filho a estabelecer e manter um relacionamento com o Deus vivo que proporcione vida, amor, significado, alegria e propósito que durem para sempre.

4. Ajude os pais a entenderem as fraquezas de seu filho

Assim como é importante ensinar um filho a entender os desejos e as motivações do seu coração, e a entregar o coração a Jesus, também é muito importante entender os pontos fracos da criança. Fisicamente, o corpo traz uma mistura de habilidades e incapacidades. Deus concilia nossos potenciais e as limitações. Semelhantemente, as circunstâncias sociais vividas por uma criança também apresentam uma mistura de aspectos positivos e negativos à medida que, assim como os adultos, a criança também recebe tanto hostilidade como bênção das pessoas ao seu redor. Sua vida inclui alegrias e tristezas, oportunidades e ameaças. Esses fatores físicos e sociais fazem parte do quadro maior para entender e ajudar uma criança irada. Considerar o coração permite um entendimento *mais profundo* com respeito aos problemas da ira enquanto que considerar os fatores circunstanciais que estão em jogo permite um entendimento *mais amplo*. Os pais tornam-se mais pacientes, compassivos e criativos nos procedimentos quando são capazes de levar em conta um número maior de fatores, e isso também os ajuda a conhecerem as formas específicas de tentação a que seus filhos são mais vulneráveis. Os pais precisam estudar os pontos fracos específicos de cada filho (e os pontos fortes também) para ajudá-los de maneira mais apropriada.

Considere, por exemplo, alguns pontos fracos baseados em compleições do cérebro. As pesquisas sugerem a existência de algumas características que são típicas de crianças com tendência a expressar uma ira explosiva.[3] Paralelamente, é possível que uma criança que guarda a ira remoendo-a, dando lugar ao escapismo e evitando o conflito tenha uma compleição diferente, de modo que a natureza pecaminosa expressa-se de maneira diferente. Quais são algumas das características comuns às crianças que explodem em ira?

- Dificuldade com a memória de curta duração;
- menor habilidade para organizar e planejar;
- dificuldade com tarefas múltiplas;
- pensar em "preto e branco", isto é, ser rígido na solução de problemas ("Existe uma única maneira para fazer isso") em lugar de ser flexível ("Existem várias maneiras de lidar com esse problema");
- permitir que os problemas mudem rapidamente de uma situação ou conjunto de expectativas para outro;

[3] Ross Green e J. Stuart Ablon, *Treating Explosive Kids: The Collaborative Problem-Solving Approach* (New York: Guilford, 2005), 18.

- dificuldade para se expressar verbalmente;
- alguns pontos fracos nas habilidades sociais (por exemplo, dificuldade para reconhecer expressões não-verbais ou para entender a intenção de uma pessoa).

Estes pontos fracos potenciais podem predispor a criança a responder de maneira explosiva quando ela se sente desafiada ou frustrada, mas não são em si pecados. Eles são aspectos inerentes às tentações características dessa criança e dizem respeito a questões de características pessoais, habilidades e incapacidades. Por exemplo, a criança predisposta ao medo, à timidez e à condescendência tem um conjunto específico de características que a expõe à tentação. Quando estes pontos fracos específicos estão presentes, a criança é tentada a ficar extremamente frustrada e perder o controle. A tentação não é a causa final do pecado, mas ela provê as circunstâncias, a provocação e a ocasião para pecar.

Trabalhe com os pais numa revisão da lista de características típicas das crianças que manifestam uma ira violenta. Pergunte aos pais se eles percebem que um de seus filhos luta em algumas dessas áreas ou em áreas que se relacionam a essas. Se a resposta for positiva, os pais precisam moldar adequadamente a maneira de lidar com o filho. O desafio é ensinar a criança a pedir a ajuda imediata de Deus e de outras pessoas em lugar de se lançar num acesso de raiva. Tanto os pais como a criança devem aprender as características específicas do campo de batalha em que estão. O aspecto fisiológico inclui um conjunto mais amplo de fatores do que aqueles baseados na compleição cerebral, que descrevemos. Outros fatores físicos, cuja influência devemos considerar, são as alergias, as doenças, a fadiga, a fome, o excesso de calor, os hormônios e a dor. Cada um destes constitui-se num ponto fraco que pode aumentar a força da tentação. Estar ciente da situação em que a criança é tentada ajuda, em parte, a neutralizar o poder ofuscante da tentação de reagir.

Considere um exemplo simples de como levar em conta as características pessoais e fisiológicas. O fato de uma criança estar cansada ou com fome deve ter influência em como os pais lidam com ela, embora não signifique que os pais devam ignorar a rebeldia para simplesmente evitar a luta. Também não estamos dizendo que a criança tem uma desculpa para perder o controle. Entretanto, estar ciente da circunstância *pode* levar a considerar a indulgência, ou seja, passar por cima da ofensa naquele momento (Pv 19.11) e voltar ao assunto mais tarde, quando a criança estiver descansada e alimentada. Ou os pais podem decidir que a ofensa é séria o suficiente para justificar uma intervenção imediata independentemente da condição de fraqueza física da criança. Mas o farão com compaixão. Sua repreensão será mais adequada e informativa quando eles considerarem o conjunto de elementos circunstanciais. Quando os pais estão cientes de uma variedade de fatores no estado da criança, e não apenas do pecado, eles podem ajudar a criança a crescer em sabedoria e domínio-próprio.

O corpo não é o único foco de fraqueza e tentação. Considere também a grande variedade de fatores circunstanciais que podem influenciar um acesso de ira e a violência desse acesso. Se uma criança recebe uma provocação ou intimidação cruel na escola, o lar pode ser o lugar onde o desabafo acontece. A morte de um dos

avós, de um animal de estimação ou de um amigo pode se tornar ocasião para uma ira mais intensa. Uma nota baixa na escola, a tensão numa amizade ou o desapontamento numa prova, entre outros, também são importantes para o entendimento do quadro maior. Algumas vezes, a criança irada não está ciente e não sabe expressar o que está acontecendo. Mas os pais devem estar sempre à procura de pistas para identificar o que está acontecendo naquele momento na vida e no meio ambiente de seu filho.

Aqui temos vários exemplos mais sutis de fatores situacionais do pano de fundo. Muitas escolas adotam sistemas que valorizam e recompensam as crianças atentas e dóceis. Algumas crianças sentem-se confortáveis quando sentadas por um longo período. Elas prestam atenção com facilidade, são habilidosas com palavras e números, gostam de leitura e de matemática. Mas Deus criou também muitas crianças que são mais mecânicas e sociais do que intelectuais, mais concretas ou interativas do que abstratas, mais ativas fisicamente do que quietas. Estas ficam continuamente frustradas em algumas escolas. Tal discrepância entre os traços pessoais dados por Deus e os valores implícitos numa sala de aula não é propriamente a causa de um acesso de ira em casa, ao voltar da escola. Mas a situação vivida na escola é um fator que contribui para o acesso de ira, criando contínua sensação de frustração e fracasso, ou seja, um pano de fundo propício à tentação.

Considere também a situação de um menino que foi adotado depois de viver em diversos lares transitórios. A ira e a violência dessa criança levantam-se de seu coração e expressam as exigências, os temores e a falta de esperança que tomam conta dele. Mas é necessário levar em conta a sua história de instabilidade e abandono. Seus pecados, assim como os pecados de qualquer outra pessoa, não se levantam num vazio, mas num contexto. E a graça de Deus sempre leva em conta o contexto do sofredor, ainda que providencie o remédio para as respostas pecaminosas a esse contexto. Estar ciente do contexto é uma contribuição importante para que os pais sejam pacientes e perseverantes, tenham sabedoria na disciplina e habilidade para manter e comunicar uma perspectiva centrada no evangelho. O contexto não desculpa o pecado; ele dá o quadro para a redenção. Na Bíblia, a misericórdia de Deus atinge tanto os pecadores como os sofredores, e pecadores e sofredores sempre coabitam no mesmo corpo!

Uma criança é responsável diante de Deus por atender à instrução sábia de seus pais (Ef 6.1). Para os pais, crescer no entendimento dos pontos fracos de seu filho ajuda a maximizar seu ministério. Por exemplo, se uma criança tem dificuldade para lidar com várias tarefas ao mesmo tempo, em lugar de dar uma ordem complexa do tipo "Vá arrumar seu quarto", um pai paciente (e o amor é paciente) pode dividir esta ordem em partes. "Guarde seus sapatos no armário. Muito bem, agora arrume a sua cama. Vou ajudá-lo a esticar os lençóis. Muito bem, agora coloque os seus brinquedos na estante. Gosto muito de seu elefante de pelúcia. (E conversando com o elefante) Como foi seu dia? Qual foi a melhor coisa que aconteceu? Alguma coisa difícil deixou seu coração apertado?" Ao dar instruções como estas, os pais moldam seu ministério às características da criança, levam em consideração as limitações e fraquezas reais, constroem

um relacionamento amoroso e valorizam as habilidades da criança e aquilo de que ela gosta. Os pais conseguem que o quarto fique arrumado e, ao mesmo tempo, evitam uma confrontação desnecessária. Uma variação desse caso é quando a criança está faminta depois de um longo dia, está irada e ferida por ter sido injustiçada na escola, e está preocupada com ter de enfrentar o valentão da escola no dia seguinte. Esta situação requer dos pais uma atenção amorosa mais esmerada, enquanto compartilham um lanche, conversam e arrumam o quarto. Nada disso garante que não haverá um acesso de vontade própria e ira. Mas os pais precisam aprender a amar *essa* criança com sabedoria.

5. Ajude os pais a tirarem a trave do próprio olho.

A Bíblia ensina-nos repetidamente que as mudanças acontecem pela dinâmica da graça: antes que qualquer um de nós possa ajudar a outros em seus pecados, precisa estar familiarizado com identificar os próprios pecados, arrepender-se e encontrar a misericórdia de Deus (Mt 7.3-5). Isso é válido para os conselheiros e também para os pais. Freqüentemente, os pais provocam seus filhos à ira pela sua inconsistência, agressão, preocupação, exigências não razoáveis ou seus erros. A Bíblia reconhece que uma pessoa pode provocar outra à ira ou aumentar a ira já existente:

"E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira..." (Ef 6.4). Esta ordem presume que os pais fazem certas coisas que frustram e exasperam seus filhos, criando ocasiões para que eles respondam em ira.

"A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira" (Pv 15.1). A sua resposta pode criar um contexto que suscita ou ameniza a ira em seu filho.

Embora nosso foco esteja dirigido aqui aos pais de uma criança irada, os irmãos e outros parentes podem também desempenhar um papel de provocação. A criança relativamente "boazinha" pode pressionar habilidosamente a criança "má" e explosiva. Tudo pode começar com um ato egoísta da "Senhorita Certinha" ou uma palavra de arremedo, uma mentira, um gesto de pouco caso, ou seja, exatamente aquela pequena coisa que acende o pavio do irmão, que então caminha para grandes problemas com a ira. Ou uma avó pode ser palpiteira e sarcástica com o neto. Do ponto de vista da avó, ela acredita que está sendo apenas de ajuda para o neto. Do ponto de vista do neto, ela o está atormentando com antagonismo e acusações. A criança nem pode imaginar as sutilezas das observações sarcásticas da avó, o que é ainda mais frustrante porque a criança sente-se incapaz e rejeitada.

Um pecado nunca desculpa o outro, e não há justificação para a criança explosiva que reage com um acesso de ira violenta. Mas os pais que querem ajudar precisam aprender a lidar bem com os erros cometidos por eles mesmos ou por outras pessoas próximas. O que os pais podem fazer? Aqui está o que a Bíblia diz. Para ajudar uma criança irada, os pais devem avaliar honestamente a contribuição que eles estão dando ao problema familiar. Algumas perguntas permitem aos pais sondar o próprio coração em busca de atitudes, palavras ou ações pecaminosas que podem suscitar a ira nos filhos:

- Você costuma perder o controle quando seu filho fica irado?
- Você e seu cônjuge perdem o controle um com o outro quando discordam?
- Suas expectativas para com seu filho variam de um dia para outro?

- Você disciplina seu filho por algum motivo, mas não o disciplina quando o mesmo motivo surge no dia seguinte?
- Você aplica conseqüências diferentes em momentos diferentes para o mesmo mau comportamento?
- Você costuma estar sempre preocupado, ocupado, desatento e exausto, de modo que raramente se comunica com seu filho?

Deus é radicalmente justo e não faz "acepção de pessoas", como Efésios 6.9 e Colossenses 3.25 dizem. Ele considera os pecados dos pais tão seriamente quanto os dos filhos. E a graça de Deus é radicalmente "injusta": Ele "não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniqüidades" (Sl 103.10). No contexto do paradoxo da graça, os pais que recebem graça devem dispensar graça. Quando lidamos honestamente com os nossos pecados, torna-se possível aplicar o evangelho de Jesus Cristo de modo sábio compassivo e cativante aos pecados de outra pessoa, inclusive às explosões de ira das crianças. À medida que os pais aprendem a levar os próprios pecados à cruz, eles se tornam capazes para ajudar seus filhos a substituírem um estilo de vida marcado pela ira por um estilo de vida de arrependimento e fé.

Viver com uma criança irada é cansativo e emocionalmente desgastante. Freqüentemente, é difícil saber o próximo passo que se deve dar e para onde ir. Mas em meio a circunstâncias difíceis, os pais precisam lembrar que há mais semelhanças entre eles e seus filhos do que diferenças. Ambos enfrentam tentações específicas para pecar. Ambos necessitam desesperadamente do perdão que Jesus garantiu ao ser oferecido em sacrifício na cruz. Ambos necessitam do mesmo poder que levantou Jesus da morte para que possam viver de maneira nova e pacífica. Os conselheiros que conhecem essas verdades podem comunicá-las aos pais, que podem, por sua vez, comunicá-las em palavras e ações aos filhos irados.

6. Ajude os pais a desenvolverem práticas construtivas em longo prazo

O que pode ser feito para ajudar os pais de modo prático nas interações diárias com uma criança irada? Como os pais podem disciplinar essa criança de maneira construtiva, sem provocar desnecessariamente a raiva? Como os pais podem atingir o coração da criança *antes* que ela se entregue à ira? Veremos agora os alvos e as estratégias em longo prazo, que criam a atmosfera básica no lar. Aprender a instruir e disciplinar sem provocar a criança implica que os pais trabalhem consistentemente em várias áreas. Listaremos quatro áreas cruciais e as apresentaremos dirigindo-nos diretamente aos pais.

Primeira: consistência. Pratique com consistência aquilo que você fala. Seja cuidadoso no tratar seu filho com o mesmo respeito e atenção que você deseja receber dele. Se você costuma expressar erradamente a ira em seu tom de voz, suas palavras ou ações, os seus filhos aprenderão que esse comportamento é um padrão aceitável na família e ficarão ressentidos se lhes for pedido para seguir um padrão que você não segue.

Seja consistente nas expectativas e regras. Estabeleça expectativas apropriadas à idade de seus filhos. Se você tiver dúvidas, peça ajuda a um amigo sábio, cujos filhos sejam mais velhos do que os seus. Seja claro sobre o que você espera dos

seus filhos e não mude de expectativas de um dia para outro. Certifique-se de que você e seu cônjuge concordam nas expectativas e regras. Uma criança fica muito confusa e é provocada à ira quando ela ouve coisas diferentes do pai e da mãe. Se os pais não conseguem concordar, precisam buscar um conselho sábio e se esforçar para alcançar um acordo.

Seja consistente na disciplina. Você deve ter um plano de ação para responder ao mau comportamento de seu filho. Não trate cada ofensa de seu filho como um "10" numa escala de 1 a 10. Quando o seu filho perde o controle, é fácil você reagir e disciplinar movido pela frustração. Porém, quando você faz isso, a disciplina costuma ser punitiva e não restauradora. Reagir à ira de seu filho com hostilidade punitiva apenas aumenta o clima de guerra e mostra que o poder vence. A disciplina piedosa, porém, é informativa. Por meio de ações (as conseqüências disciplinares) e palavras, ela ensina a diferença entre o certo e o errado. A disciplina piedosa é restauradora. Por meio de ações (o amor expresso) e palavras, ela ensina que a graça cobre o pecado.

Segunda: simplicidade. Dê ao seu filho instruções e explicações diretas e claras. Fale em frases simples, uma frase por vez, escolhendo cuidadosamente palavras edificantes. Sobrecarregar a criança com diretivas verbais, explicações ou admoestações pode precipitar um acesso de ira, que prejudicará todo o processo. "No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente" (Pv 10.19). Esse provérbio é obviamente verdadeiro para uma criança que explode raivosamente, berrando mentiras, acusações, exigências, ameaças, palavras de justiça própria. Mas pode muito bem ser o problema dos pais, algumas vezes de maneira mais "civilizada", outras vezes na mesma forma nua e crua de transgressão. Quando os pais frustram seus filhos com palavras, expressam com isso sua apreensão, agressão, desejos de controle ou justiça-própria. Eles podem falar enfaticamente num monólogo ou cair num debate complicado, tentando dar todas as suas razões e rebater cada uma das objeções expressas ou supostas da criança. Os pais tornam-se repetitivos e deixam de dar uma oportunidade para resposta, não ouvem ou interrompem a fala do filho. Eles se deixam mover excessivamente pela emoção e não pela razão, ou ficam demasiadamente frios e lógicos. Em lugar disso, sustente a verdade com simplicidade, calma, clareza e especificidade. O amor tem uma simplicidade que desarma.

Terceira: dependência. Você precisa conhecer e viver com base na ajuda, verdade, misericórdia, poder e proteção de Deus. Arrependa-se diante de seu filho quando você deixar de ser consistente e simples. Quando pecar contra seu filho, vá até ele e confesse explicitamente o seu pecado (Tg 5.16). Alguns pais temem perder o respeito, a autoridade ou o controle se pedirem perdão abertamente. O oposto é verdadeiro. A hipocrisia destrói o respeito e tudo mais, enquanto que a integridade e a honestidade o elevam. Alguns pais temem que o ato de confessar seus pecados faça com que a criança se sinta justificada no próprio pecado. O oposto é verdadeiro. A justiça-própria tem a tendência de suscitar justiça-própria na criança, enquanto que a humildade encoraja humildade e a graça encoraja graça. Peça a seu filho que ore por você para que Deus o ajude a ser um bom pai. Deixe seu filho saber que você está debaixo da autoridade

de Deus, que depende da ajuda dEle e responde diante dEle pelas suas ações. Viva esta realidade.

Mostre ao seu filho, em palavras e ações, que ele deve depender de Deus para mudar o coração e o comportamento. Certifique-se de que a disciplina envolve não apenas identificar a atitude errada do coração e o comportamento errado, mas também buscar a Jesus em oração para obter Seu perdão e alcançar graça para obedecer no futuro (1 Co 15.10).

Ensine seu filho a orar. A oração expressa dependência e é um lembrete concreto para seu filho de que ele necessita de recursos além de si mesmo para receber perdão e para obedecer. Faça a criança pequena repetir as frases que você diz em oração para que ela construa um "vocabulário de dependência".

Quarta: interdependência. Procure envolver outras pessoas sábias e atenciosas na vida de seu filho. Este é um fato notório: os filhos que crescem e mantêm o cultivo de uma fé pessoal vibrante invariavelmente tiveram outros adultos além de seus pais que foram influentes em sua vida e a quem elas admiravam. Há outros adultos que conhecem seu filho, mostram interesse por ele, estão suficientemente ao lado para participarem de ocasiões importantes, interagem com humor, dão um presente oportuno e perguntam quais são seus pedidos de oração? Quer você seja uma mãe ou um pai solteiro, quer atue com seu cônjuge, não vá adiante sozinho. Um provérbio africano bem conhecido observa e exorta: "É preciso uma aldeia para criar um filho". Deus quer que o corpo de Cristo seja esta "aldeia" para nós. Você provavelmente já percebeu que o seu filho não tem acessos de ira com tanta freqüência ou violência quando há outras pessoas por perto. O comportamento incendiário é uma atuação guardada tipicamente para a privacidade do núcleo familiar.

7. Ajude os pais a desenvolverem uma estratégia multifacetada para o momento de tensão

Os pais precisam trabalhar continuamente nessas questões mais amplas que acabamos de mencionar, mas precisam também construir uma estratégia cuidadosa para ajudar seu filho nos momentos em que ele é tentado a perder o controle. O que fazer quando você pede ao seu filho para juntar os brinquedos e ele se recusa a obedecer? O que você faz quando as nuvens pretas da ira estão em formação? Muitos pais têm apenas duas alternativas em seu conjunto de respostas:

OU

Agarrar-se às expectativas de obediência independentemente de qualquer coisa.

A resposta forte geralmente resulta num acesso de ira por parte da criança. A vida transforma-se numa guerra para ver qual a vontade prevalecente. Aquele que mostra maior força ganha a batalha do dia. E todos saem perdendo.

OU

Abandonar, reduzir ou mudar as próprias expectativas.

A resposta fraca costuma manter a paz. A criança ganha a batalha do dia, e sua ira "funciona" para que ela consiga o que quer. E todos saem perdendo.

Com as motivações certas, tanto a firmeza quanto a flexibilidade podem ser uma escolha sábia e baseada em princípios. Por um lado, há tempo para segurar os limites (sempre mantendo em mente e aplicando tudo quanto vimos nas páginas

anteriores). Lembre-se, porém, de que você não está em busca de obediência e submissão irracionais. Muitas outras coisas estão em jogo. O seu alvo imediato é a obediência amorosa e, enquanto você insiste na obediência, você está também buscando outros alvos maiores e mais profundos. Por outro lado, há tempo para ser flexível (repetindo o que foi dito no parêntesis anterior). Considere se há outro curso de ação que seria mais construtivo. Mas de qualquer maneira, você não pode permitir que a ira ou a ameaça de ira da criança controle a interação. Novamente, se você decidir revisar as suas expectativas, deve fazê-lo por boas razões. Talvez o pedido original seja insignificante ou nada razoável. Talvez o momento de fazer determinada exigência deva ser alterado, pois ficou claro que outra coisa precisa ser feita antes. Talvez você tenha atirado uma ordem sem antes conseguir a atenção da criança, e então você mesmo saiu dos limites lançando-se numa discussão com ela.

A primeira escolha, insistir em sua ordem original, *pode* ser uma expressão da sua vontade obstinada e do ímpeto de dominar. Você está fazendo uma exigência que não é razoável? Está tratando seu filho de maneira intransigente? Está sendo rígido e dominador?

A segunda escolha *pode* ser uma expressão de covardia e confusão, permitindo que você fique intimidado.

Outras estratégias

Quais estratégias você poderia usar? Aqui estão várias delas que os pais podem acrescentar à sua caixa de ferramentas.

1. Faça uma pausa

Dê tempo ao seu filho para ficar sozinho e recobrar o domínio-próprio. Não se trata de um "tempo fora de campo", no qual você isola a criança por um período determinado como um ato de disciplina, mas de um tempo para que seu filho acalme-se e reconsidere sua atitude hostil.[4] Faça seu filho sentar até que ele esteja pronto para voltar a se envolver com você de maneira respeitosa. Não importa se ele precisar de um minuto ou de trinta minutos. E talvez você tenha que fazer o mesmo. A pausa pode ajudar ambos a se acalmarem e evitar que você reaja e discipline exageradamente na seqüência da interação com seu filho, além de que vai permitir que você ore pedindo a Deus sabedoria.

À medida que você ora por sabedoria e pondera a situação, você pode descobrir como recomeçar a conversa de maneira que surpreenda seu filho. Talvez comece com uma afirmação sincera de amor, para depois voltar à questão da obediência e suas razões. Ou comece com uma pergunta: "Você tem idéia de por que a mamãe pediu para você fazer isso?". Ou ainda pode começar com uma observação a respeito do ponto fraco com que a criança luta ou destacando uma oportunidade anterior em que houve crescimento nessa área. Você não evita o problema, mas pode entrar por uma outra porta. No momento em que seu filho recobra o domínio-próprio, lembre-se de encorajá-lo. Na Parábola dos Dois Filhos (Mt 21.28-32), Jesus encorajou o filho que inicialmente recusou-se a obedecer, mas depois reconsiderou e fez o que o pai havia pedido. Tanto as crianças iradas como os adultos irados dei-

[4] Scott Turansky e Joanne Miller, *Good and Angry: Exchanging Frustration for Character... in You and in Your Kids!* (Colorado Springs, CO: Shaw Publications, 2002), 67-69.

xam-se envolver totalmente pelo momento. Uma pausa pode dar uma perspectiva mais adequada a ambas as partes.

2. Use o humor ou uma risada

Algumas vezes, um sorriso, um abraço ou uma piscadela desarmam seu filho, desmancham a batalha em preparação e permitem que vocês se unam e retomem a questão. Portanto, permita que o seu amor seja maior do que o seu desânimo na situação imediata e considere esta forma de "resposta branda" que desvia a ira (Pv 15.21). É uma maneira radical de mudar o curso da situação. Você muda a engrenagem para lidar com a ira que está brotando, em lugar de se prender à questão que está provocando a ira. Por exemplo, você percebe que o rosto de sua filha vai se fechando à medida que você fala sobre a necessidade de arrumar o quarto. Logo você pára por um segundo e muda de assunto, dá uma piscadela e diz: "Querida, lembra que eu amo você?". Este é um convite a se tornarem companheiras, entrando num relacionamento amoroso. Você não está dando para trás na arrumação do quarto, pois voltará a isso em um minuto. Mas está ajudando ambas as partes a não provocarem desnecessariamente uma à outra.

3. Coopere criativamente

Trabalhe com seu filho para levar a sério tanto as suas inquietações (desejos) como as dele e para construir uma solução para o conflito que honre a Deus e seja mutuamente aceitável. Embora isso possa funcionar num momento acalorado, é melhor fazê-lo de forma pró-ativa num momento de calma, particularmente se forem soluções típicas para aplacar a ira de seu filho.

Aqui está um exemplo do que é na prática uma "cooperação criativa".[5] Sabemos que um sinal luminoso costuma acender-se cerca de meia hora antes do jantar quando a criança está reclamando de fome e pede um petisco. A mãe não permite um petisco tão próximo da hora do jantar, pois ela teme (corretamente) que isso tire o apetite. A cooperação criativa começa com ambos, mãe e filho, entendendo a perspectiva um do outro, os desejos e as preocupações (Fp 2.4). A mãe precisa estar preparada para conduzir uma conversa de maneira construtiva. A inquietação do filho é que ele está com uma fome angustiante e deseja comer alguma coisa. A inquietação da mãe é que ele perderá o apetite para comer aquilo que ela está preparando para o jantar. Perceba que nenhum desses desejos é pecaminoso. O passo seguinte é trabalharem juntos para chegarem a uma solução que acalme a inquietação de *ambos*. Isso é crítico, pois a solução costumeira da mãe ("Você não pode comer nada agora") e a solução típica do filho ("Eu quero alguma coisa para comer agora") são completamente opostas. Como seria uma conversa rumo à cooperação criativa?

> **Mãe** (logo cedo no dia): "Percebo que meia hora antes do jantar você costuma querer alguma coisa para comer. O que acontece?"
>
> **Filho**: "Costumo ter muita fome naquela hora."
>
> **Mãe:** "Com tanta fome, é difícil pensar em esperar até o jantar, não é?" (*Com isso a mãe está reconhecendo a inquietação do filho)*

[5] Green e Ablon, 42-88.

Filho: "Sim"

Mãe: "Fico preocupada que se você comer alguma coisa meia hora antes do jantar, você não vai deixar espaço para uma boa refeição. Como você acha que podemos trabalhar juntos para resolver esse problema de modo que suavize a sua fome, guarde o seu apetite para o jantar e honre a Deus?" (Esse é um momento crítico—você está encorajando o seu filho a ser parte de uma solução mútua, em lugar de simplesmente impor uma solução. Esse processo de cooperação é especialmente traçado para ajudar seu filho a crescer em sabedoria.)

Filho: "Não sei. Talvez se eu pudesse comer só um punhado de amendoim salgado ou alguma coisa assim, eu não perderia o apetite."

Mãe: "Está bem, Isso parece razoável. Vamos ver como funciona ao longo da semana."

Há muitos outros meios mutuamente aceitáveis para conciliar duas inquietações em uma solução mutuamente satisfatória que evita uma batalha típica. Por exemplo, a criança poderia comer um petisco na volta da escola, o horário do jantar poderia ser antecipado ou a merenda que ela leva para a escola poderia ser mais reforçada. Além do mais, solucionar uma situação "simples" como essa pode dar a ambas as partes esperança para lidar com conflitos mais complexos de maneira piedosa e edificante, sem degenerar numa inflamada luta de vontades. Certamente esse é um caso simples. Outras vezes não será tão simples assim chegar a uma solução.

Os pais devem também lidar de maneira pró-ativa com as questões básicas do coração que motivam a hostilidade e a ira. Algumas vezes, os pais precisam examinar o que motiva a sua rigidez, as exigências e reações exageradas. No caso que acabamos de descrever, talvez a mãe resista a qualquer petisco no final da tarde porque "Isso não se faz" (sua mãe sempre colocou esta regra como absoluta e inquestionável). Ou talvez ela tome o simples pedido de seu filho como uma ameaça à sua identidade de boa cozinheira. Seus temores pessoais ampliam a situação em proporção desmedida e sua ira é em parte uma reação extrema a seus temores.

Em geral, não se costuma conversar em família a respeito dessas questões mais profundas que estão por trás das briguinhas do dia-a-dia. As pessoas apenas reagem, sem saber a razão. Porém, a prática de fazer perguntas cuidadosas e orientadas pela graça a respeito de si mesmo e dos outros pode freqüentemente trazer à superfície surpresas libertadoras. Seja qual for o caso, o filho precisa aprender a reconhecer que o seu acesso de ira é errado e ele precisa pedir perdão. Mesmo quando ele está com fome (um "ponto fraco" do corpo), isso não lhe dá permissão para se entregar à ira. E há mais um fruto da prática da cooperação criativa: trabalhar em direção a uma solução mutuamente satisfatória, e que honre a Deus, abre caminho para prevenir futuros acessos de ira e nos familiariza com as ferramentas para lidar com outros problemas.

Conclusão

Criar uma criança que luta habitualmente com a ira não é tarefa fácil. Mas os pais (assim como os filhos e aqueles que procuram aconselhá-los) recebem do Senhor este encorajamento: "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos"

(Gl 6.9). Um conselheiro sábio pode ajudar os pais desalentados a se agarrarem a esta promessa e confiarem firmemente em Jesus enquanto continuam a aprender como ministrar à criança irada com maior sabedoria.

Como Ajudar uma Criança Enlutada

Judy Blore[1]

No verão passado, Joel saiu com sua família para um dia de lazer. O programa era um encontro da classe de escola dominical de seus pais, e um número razoável de jovens casais e seus filhos encontraram-se na casa de um dos membros do grupo, que tinha um belo quintal com piscina. O programa incluiu muita diversão. Ninguém esperava que Joel viesse a falecer naquele dia, mas ele se afogou na piscina. Joel tinha cinco anos de idade.

As horas que se seguiram foram repletas de caos, esperança e angústia. Muitos testemunharam a cena – a ansiedade, o medo, a massagem cárdio-respiratória que não funcionou, a ambulância, o corpo. A jovem que começou a fazer a massagem cárdio-respiratória viu sua filha de três anos assistindo a tudo, horrorizada, a poucos metros de distância. Os irmãos de Joel, gêmeos de oito anos e um rapaz de catorze anos, assistiram à cena e viram seu corpo rosado tornar-se roxo, azulado e depois cinza. Por fim, Joel não pôde ser reanimado e morreu na presença de muitas testemunhas.

O que você sente ao ler esse relato? Perturbação, tristeza, dor? Para as crianças que testemunharam a cena, a dimensão do impacto foi e ainda é de ordem muito maior.

Podemos fazer todo tipo de perguntas como, por exemplo, por que alguém não estava cuidando mais atentamente da piscina, que tipo de precauções tinham sido tomadas, como isso pôde acontecer numa piscina cheia de familiares e amigos. Mas aconteceu, e poderia ter acontecido com qualquer um de nós a qualquer hora. Acidentes inesperados, que mudam o curso da vida, acontecem diariamente com alguém. É um milagre da graça de Deus que cada um de nós esteja vivo no final do dia. Certamente os pais, irmãos e amigos

[1]Tradução e adaptação de *How to Help a Grieving Child*.
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 16, n. 2, Winter 1998, p. 24-30.
Judy Blore é conselheira no ministério BASIS, dirigido a famílias enlutadas, com sede na Pensilvânia.

presentes naquela tarde fizeram a si mesmos as perguntas que acabamos de mencionar, mas a auto-recriminação é uma atividade improdutiva: ela mantém o nosso foco em nós mesmos, de maneira que não conseguimos colocá-lo em Cristo. Para a família, essas perguntas soam como acusações. Em lugar de desperdiçar energia com perguntas inúteis, nossos esforços serão mais proveitosos se os concentrarmos em sermos solícitos para com um amigo desconsolado e desolado. Neste artigo, mostrarei como você e eu podemos ajudar uma criança a passar pela perda e o luto.

Ao escrever, faço várias pressuposições. Primeiro, suponho que você já tenha pensado sobre a razão de sofrermos neste mundo que Deus criou. Talvez você já tenha lido o artigo sobre sofrimento de Edward Welch, no volume 1 desta revista[2]. Também suponho que goste de crianças e tenha o desejo de ser uma bênção na vida delas. Presumo que você conheça a Cristo e deseje trazê-lO para seus relacionamentos de uma maneira que lhe permita ajudar outros. E, finalmente, presumo que esteja disposto a aprender na escola de Cristo. Sempre descubro que as oportunidades que Cristo suscita para me ensinar levam-me um pouco além das minhas habilidades e do meu conhecimento atual.

Passo 1: Conheça as crianças

Sandra tinha seis anos quando sua irmãzinha morreu diante de seus olhos num acidente ocorrido num estacionamento. Seus pais, naturalmente, sentiram a dor da perda. Durante algum tempo, justamente num momento em que ela precisava apoiar-se nos pais em busca de segurança e continuidade para a vida, de certa maneira Sandra também os perdeu enquanto eles trabalhavam a própria dor. Nos quatro anos seguintes, a avó materna de Sandra e a irmã de sua mãe também morreram após longas batalhas contra o câncer. Portanto, pessoas queridas de três gerações morreram num curto período de tempo, durante uma fase de seu desenvolvimento em que ela estava aprendendo muito sobre a vida e o mundo. Essas perdas também implicaram uma quantidade significativa de tempo dispensada por sua mãe no cuidado dos familiares doentes. Em meio a tudo isso, Sandra continuou a crescer e progredir normalmente, exceto pelos pesadelos que passou a ter. Tendo aprendido num curto espaço de tempo que a morte pode chegar a qualquer idade, seu maior medo era que um de seus pais morresse. Ela dependia de seus pais para tudo – quem cuidaria dela se eles se fossem?

Como uma criança vivencia a morte de uma pessoa chegada? Qual é a diferença para alguém de oito, doze ou dezesseis anos de idade? O irmão mais velho de Joel, com catorze anos, está procurando cuidar da sua família, enquanto seus irmãos gêmeos de oito anos estão agindo de maneira bem diferente. Um é mais contemplativo e o outro está expressando fisicamente sua angústia. A pequenina de três anos, cuja mãe tentou com todas as forças trazer Joel novamente à vida, regrediu em habilidades que já tinha aprendido. Ela fica também muito angustiada com qualquer afastamento de seus pais. Como o povo de Deus pode ajudar essas

[2]*Exaltar a dor? Ignorar a dor? O que fazer com o sofrimento?* por Edward Welch. Publicado em *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico*, Volume 1.

crianças não apenas a sobreviverem, mas a se desenvolverem devidamente?

Perder um irmão ou um dos pais é um acontecimento de proporções enormes para uma criança. Para um adulto, que já tem alguma experiência com a vida e seus problemas, é suficientemente difícil, doloroso e confuso. Um adulto pode ter conhecimento de que a dor é temporária, o Senhor é fiel e não o deixará nem abandonará, e um novo dia irá raiar. Mas uma criança pode não ter ainda todas essas noções. Ela pode não ter a habilidade de dar um passo para trás e vislumbrar os acontecimentos presentes de uma perspectiva eterna mais ampla. Uma criança pode carecer dos recursos para lidar com tamanha dor e confusão e pode precisar de ajuda para saber que o mundo não está se despedaçando ou, pelo menos, que a condição de luto não é permanente.

As crianças, geralmente, apresentam uma de três reações comportamentais às mudanças que ocorrem na vida: elas se comportam mal, retraem-se ou assumem responsabilidade pela família. Muitos, eu inclusive, consideram que a terceira reação é a mais perigosa. A criança que se comporta mal ganhará atenção, ainda que seja para uma repreensão. A criança que se retrai também receberá possível atenção de alguém que se importe com ela. Mas a terceira criança será provavelmente elogiada por assumir responsabilidades de adulto ou por se sobressair na escola. As pessoas concluirão que essa criança está bem, mas ela pode não estar preparada para os papéis que assume. Algum tempo depois, essa pirâmide de cartas pode vir abaixo, pois a criança terá mantido uma aparência de maturidade sem ter consciência da situação e confiança para enfrentá-la. Essa criança precisa de alguém que caminhe com ela e lhe devolva sua infância para que ela possa crescer e amadurecer fortalecida interiormente.

As expressões das crianças

- "Eu também tinha um irmãozinho para cuidar." Este foi o comentário de um dos irmãos de Joel com oito anos de idade, enquanto via uma amiga cuidar de sua irmãzinha.
- "Tentei fazer com que meus pais não sentissem tanto a falta dele. Eu fazia as suas tarefas. Também chegava em casa mais cedo e selecionava a correspondência para que minha mãe não visse tantas cartas para ele."
- "Eu não sou suficiente?" (ou) "Ela o amava mais do que me ama. Acho que ela não ficaria assim tão triste se eu morresse."
- "Quando eu vou também para o céu?" Uma menina de sete anos de idade fez essa pergunta em oração dois meses depois do afogamento de Joel. Por trás disso, estava sua preocupação com a própria morte.
- "É difícil decidir amar alguém [em termos de namoro e casamento], pois essa pessoa pode desaparecer também. É difícil decidir ter filhos porque... olhe o que meus pais estão passando!"
- "Meu irmão e eu teríamos passado pelas etapas da vida paralelamente – escola, casamento, filhos, idade madura. Ele seria o tio dos meus filhos. Seus filhos seriam os primos dos meus filhos. Sempre sentirei sua falta."
- "Não tenho ninguém com quem dividir as alegrias do Natal. Agora sou filho único."
- "Fiquei assustado, pois não sabia se meus pais sobreviveriam." Isso foi dito por um rapaz, filho de um casal

que você e eu descreveríamos como uma "rocha".

- "O que eles estão fazendo no céu?" Uma amiga, professora de ensino fundamental, ensinou-me que a vida de uma criança envolve "*fazer*". A concepção de céu como "descanso" não é uma idéia atraente para elas. "O que *faremos* no céu?" Deixe seu pensamento vaguearem um pouco aqui. É divertido pensar a respeito: "muitas moradas"; "nem olhos viram, nem ouvidos ouviram as maravilhas...".

Essas crianças estão preocupadas com aquilo que perderam e querem descobrir como viver sem a pessoa que se foi. Também estão preocupadas com o próprio futuro e sua morte, com seus pais e o relacionamento com eles. E de uma maneira mais real e imediata do que para a maioria das crianças, seus pensamentos estão voltados para os planos de Deus para o Seu povo e Seus preparativos no céu. A Figura 1 descreve algumas reações típicas conforme a idade. Ela traz informação, sem a intenção de ser normativa.

Figura 1: As linhas do tempo e o luto das crianças

Bebês até 2 anos de idade

- Não têm concepção de morte.
- Respondem às emoções dos outros.
- Respondem à ausência de quem costumava cuidar deles.

  Reações:
  - Manha.
  - Muitas lágrimas, vômitos, regressão do controle de urina/fezes.
  - Agarramento.
  - Percepção da alteração da rotina – não sabem distinguir horários, mas sabem que algo está terrivelmente errado.
  - São capazes de reagir ao estresse de quem está cuidando deles – se possível, providencie outra pessoa para cuidar nos primeiros dias.

3 até 5 anos de idade

- Idade das descobertas, as crianças usam os cinco sentidos.
- Não possuem pensamento abstrato – escutam, mas não conseguem interpretar a informação.
- Não conseguem conceber a própria morte; vêem a morte até certo grau nas brincadeiras.
- Querem concertar as situações.
- Acreditam que a morte seja reversível como vêem na TV, em brincadeiras etc.; envolvem-se em pensamentos mágicos.
- Acreditam ter poder para matar.
- Não entendem o que é um cemitério.
- Não sentem o choque com intensidade imediata; podem demonstrar pouca preocupação.
- Podem se mostrar emocionalmente afetadas mais tarde.
- Precisam de explicação sobre a morte, sem rodeios e com repetição.

6 até 10 anos de idade

- Sabem que podem morrer e sentem medo da morte.
- Suas conversas podem ter um tom muito amedrontado.
- Precisam de grandes doses de encorajamento.

10 até 13 anos de idade

- A morte é muito pessoal; elas têm uma visão realista da morte.
- Há curiosidade em relação aos aspectos biológicos da morte.
- O afastamento de pessoas gera ansiedade; precisam de demonstração de afeto, mas podem se sentir constrangidas com isso.
- Podem perder habilidades manuais e suas notas podem cair.
- Precisam desabafar seus sentimentos, comparecer ao funeral e poder sair quando pedirem permissão.

- Pode haver distanciamento emocional daqueles a quem elas amam, um mecanismo de defesa e auto-preservação.

Adolescência
- Evidência de processos mais maduros de pensamento.
- A comunicação deve ser estimulada.
- O toque físico é muito importante, mas peça permissão.
- Às vezes, é preciso confrontar em amor.

Pontos a considerar quando lidarmos com crianças enlutadas
- As crianças não conseguem suportar a dor emocional por longos períodos de tempo.
- Não devemos rejeitar suas emoções.
- Não devemos dizer à criança como ela deve ou não se sentir.
- Devemos permitir que a criança nos console.
- Devemos ser pacientes – as crianças podem precisar fazer as mesmas perguntas repetidas vezes.
- A morte não é contagiosa – é importante esclarecer.
- É preciso manter a ordem e a estabilidade na vida da criança.
- As crianças tendem a idolatrar o morto e precisam ser ajudadas gentilmente para recuperarem o equilíbrio e a perspectiva.

Reações das crianças à morte
- Desejo de se proteger
- Dor, desespero, desorganização.
- Esperança de um reencontro – dependendo da idade, personalidade e relacionamento com a pessoa falecida.
- Padrões estáveis de comer/dormir caem por terra e, depois, voltam ao "normal".
- As crianças, com freqüência, entram e saem da vivência do luto.
- Elas precisam saber que voltarão a gostar da vida.
- Elas precisam saber que a vida não ficará desorganizada para sempre nem os seus pensamentos permanecerão turvos.
- Não precisam sentir vergonha de sua dor.
- Luto vivido novamente – as festas e os feriados podem ser dias difíceis.

Fonte: Teresa McIntier e Deidre Felton

Passo 2: Conheça o processo do luto

O luto é uma aflição para qualquer pessoa, em qualquer idade, qualquer nível de maturidade e fé. É um processo lento de abrir mão de algo familiar e procurar se agarrar a algo no futuro. Em linhas gerais, o processo costuma ser semelhante para todos que passam pelo luto. Para uma criança, o progresso é influenciado por muitos fatores entre os quais destacamos alguns:

O que foi perdido? Um colega de brincadeiras, adversário, rival, parceiro, amigo, colega de quarto, companheiro (por exemplo, nas tarefas domésticas), o *relações públicas* que planejava as brincadeiras e o apresentava para novos amigos. Se a criança perdeu um dos pais, considere as muitas facetas que esse relacionamento inclui: uma pessoa querida, que garante os cuidados básicos, um professor, um técnico esportivo etc. Cada faceta será algo pelo qual se lamentar.

O que precisa ser reinventado? A mãe de Joel disse que uma das coisas que eles precisaram fazer juntos foi "reinventar" a sua família. Sem a presença de Joel, todos os relacionamentos mudaram. Em seu livro *O Que é Uma Família?*, Edith Schaeffer usou a imagem de um móbile gigante para descrever a dinâmica de uma família. Todas as peças estão equilibradas e se movem mansamente com o sopro de vento. Com a morte, uma peça do móbile é abruptamente cortada. Todo o móbile fica drasticamente abalado e perde o equilíbrio. O processo do luto envolve o esforço para se chegar a um novo equilíbrio.

Que informações a criança tem sobre sofrimento e sobrevivência? Ela sabe que outras pessoas já sofreram, sobreviveram e se fortaleceram ao longo do processo? Ela sabe que uma dificuldade momentânea não significa uma "condenação"?

O que mais está acontecendo na vida da criança nesse momento? Ela já está emocionalmente esgotada por outros fatores estressantes em sua vida? Está indo bem na escola? Tem um grupo de bons amigos? Esses fatores são especialmente importantes para os adolescentes, cujas vidas interiores já são freqüentemente caóticas em circunstâncias normais. Imagine quando a esse caos já existente acrescenta-se o caos emocional do luto.

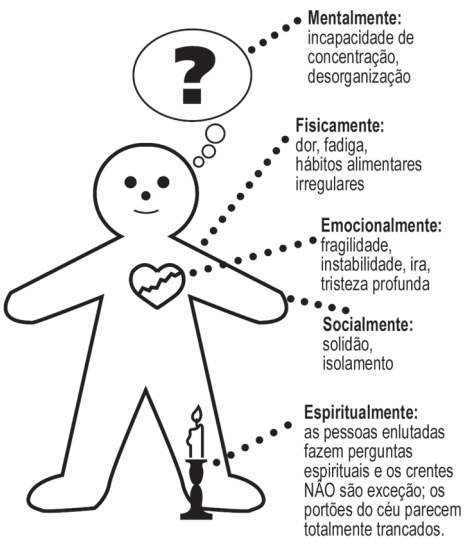
Como os pais estão reagindo? Se a criança perdeu alguém próximo, é provável que os pais também tenham perdido. Foi um filho? O cônjuge? O quanto eles estão desajustados, voltados para si mesmos ou desolados?

Que outras pessoas a criança tem em sua vida como apoio e modelo para lhe mostrar como enfrentar o luto?

Como vemos na Figura 2, a perda afeta a pessoa por inteiro.

A criança expressa sua tristeza de maneiras próprias à sua idade e personalidade. Por exemplo, o tempo de atenção de uma criança é curto – quanto mais nova ela for, menor será seu tempo de atenção. Isso significa que ela não sofre por um período de tempo extenso, mas que ela sofre e brinca, volta a sofrer e a brincar novamente. Com freqüência, sua brincadeira está relacionada ao luto: ela pode usar seus brinquedos para representar o acidente repetidas vezes. Ao fazer isso, ela está tentando entender como essa tragédia pôde acontecer, pois a criança

Figura 2: O luto afeta a pessoa por inteiro



aprende pela repetição. Quantas vezes tivemos que repetir a tabuada até que aprendêssemos? Assimilar que alguém que você ama morreu requer uma grande dose de repetição até que haja uma completa compreensão.

À medida que a criança amadurece, ela relembra o acontecimento da morte e a tristeza conseqüente. Em cada fase do desenvolvimento cognitivo e emocional, ela percebe o mundo com maior maturidade e, à medida que isso acontece, ela busca também entender melhor esse evento importante. Isso significa que devemos levar em conta duas verdades ao ajudarmos uma criança enlutada. Primeiro, a tarefa não termina até que a criança atinja a idade adulta. Segundo, tudo o que você disser agora é um tijolo assentado na construção de uma compreensão posterior, mais madura. Por esta razão, é muito importante falar a verdade desde o começo. À medida que a criança amadurece em seu entendimento, ela também experimenta novamente as emoções de tristeza. Isso não

é um luto inacabado ou adiado; é algo normal.

Posso dar um exemplo pessoal. Eu sabia, desde bem nova, que meus pais tinham tido um filho que morrera antes de eu nascer. Eu não só sabia, mas estava cons-ciente de que isso afetava o lar onde fui criada. Porém, quando eu tive meu primei-ro filho e experimentei o amor de mãe por um filho, compreendi numa intensidade completamente diferente a perda que meus pais enfrentaram.

Amanda perdeu sua irmã, estudante do segundo ano de faculdade, que morreu num acidente de carro no campus. Na época, Amanda ainda cursava o ensino médio e suas notas caíram drasticamente durante boa parte dos dois anos seguintes. Os pais foram sábios o suficiente para saber que ela estava fazendo o melhor que podia em seu luto. Amanda está cursando agora o primeiro ano da faculdade. Ela escolheu estudar na mesma faculdade de sua irmã, sabendo que seria emocionalmente difícil, porém certa de que era ali que Deus a queria. Passados três anos, o aniversário da morte de sua irmã provocou um forte impacto emocional, maior do que nos anos anteriores, para o qual ela não havia se preparado. Agora ela era uma estudante de faculdade como sua irmã e estava no mesmo campus em que sua irmã estivera. Ela estava compreendendo a perda num nível completamente novo e vivenciando a dor novamente. Após iniciar as aulas naquele dia, ela percebeu que precisava ficar a sós por algum tempo. Mais tarde, durante o dia, as amigas notaram sua ausência. Elas a encontraram sozinha no quarto, envolveram-na com seu afeto e se propuseram a sair juntas. O amor, a flexibilidade e a preocupação das amigas ajudaram-na profundamente.

Passo 3: Conheça a Cristo

O que Jesus faria para ajudar uma criança enlutada? O que podemos ver em Sua vida que nos ensina a ajudar as crianças que sofrem? Aqui estão algumas lições que têm me ajudado a ser uma auxiliadora efetiva.

- Jesus deu atenção às crianças. Ele curou algumas delas. Falou aos discípulos que as deixassem chegar ao Seu colo. Ele teve tempo e energia para os pequeninos.
- Jesus sempre disse a verdade. As crianças sabem o que está se passando. Elas sabem quando algo está errado. Diga a verdade: alguém morreu. Vivemos num mundo onde as coisas difíceis acontecem igualmente para pessoas boas ou más. Diga às crianças a verdade sobre como viver quando a morte se faz presente. Quando temos Jesus, temos um amigo conosco, que nos ajuda. Temos a redenção – não apenas para nós, mas também para que os acontecimentos da vida cooperem para o bem. Temos a esperança do futuro que o Senhor preparou para nós.
- Jesus chorou. Diante da morte de um amigo, Ele sentiu tristeza e não se envergonhou de expressar essa dor com emoção evidente.
- Jesus nos consola: "Não se turbe o vosso coração" (Jo 14.1). Ele nos consola com a promessa de Sua presença e a garantia de que Ele está preparando um lugar para nós. Como adulto fiel, você tem a oportunidade de fazer com que a promessa da presença de Deus torne-se real na vida de uma criança enlutada. Em 2 Coríntios 1, Ele nos diz que devemos consolar as pessoas ao nosso redor.

Cristo sabe o que é viver neste mundo caído, pois Ele é o Sumo Sacerdote que experimentou a vida neste planeta. Ele é Emanuel, o Deus conosco — esse é um dos temas centrais das Escrituras, do Gênesis ao Apocalipse. Nada pode nos separar do amor de Deus demonstrado em Cristo, nem mesmo a morte ou o sofrimento. E tudo acontece debaixo da supervisão de Deus. A vida não é um caos sem sentido, onde tudo acontece ao acaso. Deus se importa com como lidamos com as circunstâncias e Ele nos ajuda. A maneira de lidarmos com as dificuldades e nos comportarmos diante delas é significativa na grande batalha espiritual que continua a ser travada, mesmo que a batalha decisiva já tenha sido vencida por Cristo na cruz. Nessa batalha, Deus é uma Rocha. Ele não muda. Ele firma nossos pés em lugares seguros. Ele promete nos guardar do maligno. Cristo morreu e ressuscitou, por isso temos uma esperança que outros não têm – a esperança da ressurreição. Portanto, podemos nos encorajar uns aos outros com estas verdades.[3]

A Bíblia reconhece que podemos ficar muito tristes. Sim, o luto é doloroso e caótico, mas normal. Encontramos nas Escrituras diversas evidências de luto. Por exemplo, Jesus chorou (Jo 11.35) e homens santos prantearam o apedrejamento de Estevão (At 8.2). Considere o fato de que os homens que sofreram por Estevão eram contemporâneos de Jesus. Alguns deles, com certeza, testemunharam Sua morte e ressurreição; ainda assim, sofreram na morte de Estevão. Crentes *podem* sofrer. Há ocasiões em que nos afastamos daqueles que sofrem, mas não é o que a Bíblia recomenda. Ao contrário, ela nos diz para consolar, suportar e encorajar os desconsolados.

Investindo no relacionamento

Ajudar alguém que está passando pelo luto requer a aplicação do princípio revelado em Deuteronômio 6, onde Deus diz que os pais devem ensinar seus filhos enquanto andam pelo caminho, quando levantam e se deitam, enquanto comem; resumindo, durante as atividades diárias da vida. Certamente esse foi o método de Deus com Seu povo, desde o Jardim do Éden até o relacionamento de Jesus com Seus discípulos. Isso se torna especialmente verdadeiro em relação a alguém que está enlutado, pois a dor do luto não se resolve com uma só palavra, uma palestra ou uma conversa pessoal. Estas podem ser ferramentas úteis dentro de um relacionamento maior de ajuda, mas o sofrimento do luto desenvolve-se durante um longo período de tempo e a ajuda deve, também, ser um processo ao longo do tempo. O sofrimento do luto não costuma seguir uma agenda predefinida.

Uma palestrante a quem respeito disse sobre o tema do luto: "A cura está sempre no relacionamento". Ela fez essa observação após trabalhar durante muitos anos com crianças enlutadas de várias idades. Apesar de não ser crente, aquilo que ela observou é justamente o que o nosso Senhor nos oferece: Ele oferece a Si mesmo e promete nunca nos deixar nem nos abandonar. Ele está perto. Você pode ter a oportunidade de manifestar essa presença na vida de uma criança que está sofrendo.

Depois da morte de Joel, fiz parte de uma equipe que teve o privilégio de conduzir uma oficina com as crianças de sua

[3]Alguns textos bíblicos úteis são Hb 4.14, Mt 1.23; Gn 2.19, 3:8, Ap 21.3, Rm 8.38, Jó 1.8-12, Cl 1.24, Sl 40.2, Hb 13.8 e 1Ts 4.13-18.

igreja. No começo, as crianças participantes eram estranhas para nós. Numa das atividades, sentamos em roda e lemos juntos uma história. As crianças estavam começando a se agitar quando chegamos à parte que contava sobre a morte de um gatinho. Elas ficaram paradas e quietas, escutando atentamente. Elas achavam que o acontecimento seguinte seria a morte de uma pessoa também, e estavam certas. Sua atenção voltou-se, então, para como a menina da história reagiria à morte de seu avô. O testemunho cristão dos personagens da história era claro e fiel. Porém, ler esse ou outro livro qualquer não é "a solução" para o luto de uma criança. Ler o livro é apenas uma ferramenta, um caminho para um relacionamento no qual se pode falar sobre sofrimento, esperança, cura e continuidade da vida. As crianças passaram a confiar em nós e a compartilhar seus medos e esperanças.

Em seu relacionamento com uma criança enlutada, você pode ser um modelo, alguém que compartilha a experiência de viver num mundo caído, um amigo confiável. Em resumo, você pode fazer com que a presença de Deus se torne viva. Você é, afinal de contas, Seu embaixador. Embora seja difícil ler e estudar as Escrituras quando estamos profundamente tristes, uma criança pode ler a Palavra de Deus em suas ações.

Uma coisa que você pode fazer é demonstrar como é possível estar triste e, ao mesmo tempo, confiar e ter esperança. Uma mãe cujo filho foi assassinado no trabalho, logo em seu primeiro emprego depois de terminar a faculdade, disse: "Tenho aprendido que a paz e a dor podem co-existir". Seja um exemplo disso para a criança que está sob seus cuidados. Diga a ela que você sabe que, afinal, chegaremos a um ponto de equilíbrio porque Deus está trabalhando em nós. Seja um modelo da fé de que o Senhor é fiel e digno de confiança.

Seja o amigo que ouve. O princípio de ouvir mais do que falar é importante nesse relacionamento (Tg 1.19). Esteja disposto a carregar o fardo de tristeza e confusão das crianças. Se você se espantar com aquilo que elas disserem, elas concluirão que suas idéias são realmente uma ameaça tão grande e poderosa quanto parece. Então, ouça até o fim mesmo quando for dolorido. Nunca, jamais, responda "Não diga isso!". Ouça suas preocupações. Possivelmente, você terá oportunidade de oferecer alguma perspectiva nova para fortalecê-las ou poderá explicar alguns fatos sobre suas preocupações que as farão parecer menos ameaçadoras.

Um amigo também compartilha a experiência de viver num mundo caído. Compartilhe as lágrimas. Fale que você também está triste. Compartilhe histórias e lembranças da pessoa que morreu. Um grande medo é que a pessoa deixará de existir se ninguém mais se lembrar dela. Uma das grandes necessidades de uma criança é selar a pessoa em sua memória para nunca esquecê-la. Isso é feito contando e recontando histórias sobre a pessoa.

Responda às perguntas. As crianças podem fazer muitas perguntas e, como já mencionei, elas podem precisar de repetição tanto das perguntas como das respostas. Algumas perguntas podem nos deixar desconfortáveis; no entanto, oferecer ajuda nada tem a ver com o nosso conforto. Espere também por algumas perguntas bizarras e se disponha a permanecer ao lado da criança independentemente do rumo que sua curiosidade tomar. Com certa idade, as crianças desejam saber detalhes sobre a morte e os cadáveres. Es-

ses são os temas fáceis. No entanto, elas podem também fazer perguntas que não têm respostas. Admita quando você não tem ou não sabe as respostas. Para mim, essas questões são justamente os 'pontos-chaves' para o crescimento espiritual. À medida que pondero sobre elas, aprendo mais sobre a presença pessoal de Cristo. Também aprendo cada vez mais a aplicar Suas verdades a essas questões ou a ter a Sua paz em meio aos mistérios.

Num mundo que pode mudar repentina e drasticamente, Deus permanece o mesmo ontem, hoje e para sempre. Um toque de normalidade na vida, talvez algo tão simples quanto voltar às aulas de piano ou ao treino de ginástica, pode reforçar essa verdade para as crianças. Compareça fielmente aos treinos esportivos da criança. A mãe e o pai podem estar sofrendo tanto que talvez seja difícil para eles fazer isso. Mas não deixe de sair com a criança regularmente uma vez por semana para tomar um sorvete ou para qualquer outra atividade. O que vale é a regularidade e a previsibilidade da atividade.

Quero dizer uma palavra sobre a promessa mais geral que costumamos fazer: "Ficarei ao seu lado". Se você oferecer a uma pessoa frágil e ferida para "estar ao seu lado", você precisará atender a um pedido quando ele for feito. Se você não tiver condições de estar disponível sem aviso prévio, então não diga "pode me ligar a qualquer momento"! Ao decepcionar ou rejeitar uma pessoa fragilizada, você se torna parte de sua dor, em vez de ser parte da solução. Prometa algo mais específico ou simplesmente não diga nada.

Quando estiver planejando o uso do tempo juntos, lembre-se de que o sofrimento do luto gera grandes emoções que precisam ser gastas em atividade física. Organize-se para isso. Planeje sair com a criança para praticarem juntos alguma atividade como futebol, boliche ou corrida. Use sua imaginação! Pense em uma atividade que seja apropriada tanto para a criança quanto para você.

Por último, porém não menos importante, converse sobre a esperança da ressurreição. Cremos que Cristo morreu e ressurgiu novamente, então temos uma esperança que os outros não têm. Consolem-se uns aos outros com essas palavras (1Ts 4.13-18). Compartilhe como essa esperança ajuda em sua experiência diária.

Deus trabalha sob medida. Jesus não curou com lama de saliva e terra todos os cegos que Ele encontrou. Ele ficou indignado com alguns dos fariseus, mas com Nicodemos teve uma conversa profunda. Jesus personalizava Sua interação com cada indivíduo e você deve seguir Seu exemplo ao oferecer ajuda a diferentes crianças ou jovens. Não posso lhe dar uma fórmula do que dizer ou fazer. Você deve usar seu conjunto exclusivo de dons e sabedoria de Deus para interagir com cada pessoa, que é única e igualmente exclusiva.

Passo 4: Ore e vá em frente

Ore pela criança. Você sabe que a perda tem um efeito profundo sobre sua vida e sobre quem ela se tornará. Ore que seja um bom efeito. Peça que haja bom fruto na vida dessa criança a partir da perda, do sofrimento e do seu envolvimento na vida dela.

Lembre-se de seguir essas orientações:

- Esteja disposto a ouvir o fardo de tristeza e confusão da criança.
- Conte por que você tem esperança. Conte o que você já sabe sobre Jesus. Em 1Tessalonicenses 4.13-18, vemos que nossa esperança na res-

surreição influencia o nosso sofrimento. Conte o que você sabe sobre o céu.

- Seja paciente e persistente. É preciso tempo para readquirir o equilíbrio. É preciso uma vida inteira para adquirir maturidade.
- Persevere na oração e seja flexível. Personalize a ajuda para que ela seja sob medida para você e seu jovem amigo.

Algumas passagens bíblicas podem ser particularmente úteis:

- No apedrejamento de Estevão (At 7.54-8:2), encontramos ódio, assassinato, violência pública, testemunhas pessoais da violência e crentes em luto.
- Nos Salmos, temos profunda emoção em circunstâncias difíceis, combinada com declarações de fé e confiança. Gosto de usar, em especial, os Salmos 6, 27 e 31.1-16.
- Nos Salmos 27.14 e 40, está expressa a maior tarefa do crente ferido e aflito: esperar até que as promessas tornem-se realidade; esperar pelo Senhor.
- Jó é o livro do sofrimento, onde os mais jovens podem encontrar algumas lições significativas. Quando Jó orava, ele fazia perguntas difíceis repetidamente, colocando-as diretamente ao Seu Deus. E Deus não o baniu nem castigou por sua ousadia. Se levarmos a Deus nossas perguntas mais difíceis, ele trabalhará em nós para que comecemos a aceitar Suas respostas.
- Jó também lidou com perguntas para as quais não tinha resposta. Mais adiante, Deus dirigiu-se a ele, mas não para dar respostas diretas às suas perguntas. Contudo, a conclusão de Jó foi que ele pôde conhecer a Deus mais intimamente (Jó 42.3-5).
- José foi vítima de várias conspirações, mas Deus as usou para o bem (Gn 45.5) – um bem que não foi apenas para José, mas para todo o povo. José não era o centro dos acontecimentos, assim como nós também não somos o centro da história. Deus é este centro. Vivemos num universo Cristocêntrico. Em João 9.2-3, aprendemos que nada do que somos ou fazemos determina os planos de Deus, mas o que importa é que a Sua glória seja manifesta. João 14 abre uma pequena janela para o céu. Jesus nos fala sobre o futuro, exatamente o suficiente para atrair a imaginação de uma criança.

O que há nisso tudo para você? Perguntas e percepções surpreendentes. Por que Deus não nos fala mais sobre o céu? As crianças que participaram da nossa oficina chegaram a esta conclusão: "É surpresa!". Conversamos, então, sobre a festa-surpresa que Deus está preparando para todos que O amam. Joel ganhou o seu convite mais cedo do que todos nós. Mas nós também estamos convidados se tivermos Jesus em nossos corações. Ele nos dirá quando será nossa vez de ir para a festa. Enquanto esperamos, podemos ser pacientes e produtivos.

Em tudo isso, há também amor: seu amor pelas crianças e o amor das crianças por você. Compartilhar a dor do coração de outra pessoa é realmente algo bem íntimo. Quando a nossa oficina chegou ao final, nosso adeus precisava ser igualmente íntimo. Levei alguns chocolates *Kisses*[4] e propus trocar com cada criança um choco-

[4]NTR. No inglês, kisses significa beijos.

late por um abraço. Eles riram e facilmente trocaram abraços por *"beijos"*. Mais tarde, recebemos bilhetes maravilhosos desses novos pequenos amigos.

Quero encorajá-lo a seguir em frente, em oração, quando o Senhor o chamar para ser um auxílio na vida de uma criança ou adolescente enlutado. Eu, uma "profissional na área do luto", sempre sinto que os desafios vão além da minha capacidade e das minhas forças. No entanto, é na minha fraqueza que a Sua força se manifesta mais claramente. O Senhor supre necessidades por meio de pessoas frágeis e falhas como nós. Vá e abençoe um pequenino, e você será abençoado.

Como Aconselhar a Criança Adotada

Julie Smith Lowe[1]

- Guilherme tem dez anos de idade. Ele foi adotado aos sete anos. Durante os anos que antecederam a sua adoção, ele foi bem cuidado. A família com que Guilherme morou temporariamente sempre conversou aberta e honestamente sobre sua origem. Ele ficou feliz quando finalmente foi adotado, e se adaptou sem grandes dificuldades. Para Guilherme, a adoção foi desejada e bem-vinda. Ela lhe deu um senso de permanência e de pertencer à sua nova família.
- Sandra foi adotada aos quatro anos de idade e cresceu num lar adotivo cheio de amor. Aos oito anos, porém, ela começou a lutar com perguntas sobre sua família de origem. Ela sonhava acordada com seus pais biológicos e imaginava como seria a aparência deles. Ela pensava como eles reagiriam se ela entrasse em contato com eles. Sandra tinha muitas perguntas a fazer como, por exemplo: "Por que vocês não ficaram comigo? Por que vocês me deram a outra pessoa?". Apesar dos esforços de seus pais adotivos para afirmar o quanto a amavam, Sandra sentia que ela não podia ser amada. Por qual outro motivo seus pais a teriam dado? Seus pais adotivos lutavam para ajudá-la a trabalhar seus medos e ansiedades, e alimentavam um receio secreto de que ela viesse a amar mais aos pais biológicos do que a eles.
- Joel, dócil e calmo por natureza, tinha um ano e cinco meses de idade quando foi adotado. Os pais adotivos observaram seu comportamento retraído e inexpressivo, mas acharam que com o tempo e com amor eles conquistariam a confiança e o afeto

[1] Tradução e adaptação de *Counseling the adopted children.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 25, n. 1, Winter 2007, p. 37-46.
Julie Smith Lowe é conselheira em CCEF e é mãe adotiva.

do menino. Porém, à medida que Joel foi crescendo, sentiram uma dificuldade cada vez maior para quebrar a barreira de auto-proteção que ele construíra em torno de si mesmo. Na escola, foi diagnosticado que Joel tinha sérias dificuldades de aprendizagem e ele começou a reagir com ira. Ele se tornou obstinado nos conflitos e sua ira logo se manifestou em acessos de raiva. Seus pais sentiam-se perdidos ao tentarem compreender esse comportamento extremado.

Guilherme, Sandra e Joel representam três respostas típicas que as crianças adotadas costumam dar às situações da vida, embora possamos encontrar muitas variações.

- Crianças que parecem se adaptar razoavelmente bem à adoção.
  Essas crianças, como Guilherme, podem não apresentar nenhum tipo de luta com relação à adoção ou passam por um período apenas temporário de questionamentos. Elas podem fazer perguntas sobre a história de sua adoção, mas depois de receberem a informação básica, parecem aceitar a situação sem dificuldade. Elas reconhecem positivamente os detalhes de sua história e dão continuidade à vida.
- Crianças que enfrentam as lutas "normais" com relação à adoção.
  Como Sandra, essas crianças fazem muitas perguntas sobre sua família de origem. Elas se sentem "diferentes" de sua família adotiva e lutam com um sentimento de perda, rejeição e, até mesmo, vergonha e constrangimento por serem adotadas. Mesmo com esses questionamentos, elas não apresentam reações negativas nem causam maiores dificuldades em sua família adotiva ou na escola.
- Crianças com sérios problemas de comportamento e/ou de adaptação.
  No caso de Joel, os problemas de comportamento e adaptação não podem ser tratados de maneira fácil nem sucinta. É possível que haja problemas de desenvolvimento mental, traumas graves e, até mesmo, abuso sexual ou agressão física. Essas crianças podem apresentar dificuldade de raciocínio, incapacidade de expressar sentimentos, comportamento fortemente hostil e/ou dificuldade para cultivar um relacionamento íntimo com os adultos que cuidam delas. Elas podem também mentir, roubar, danificar ou destruir propriedades alheias. Às vezes, machucam deliberadamente outras crianças ou animais. Crianças com esse grau de comportamento negativo, com freqüência, necessitam de aconselhamento em longo prazo.[2]

Muitas famílias adotivas que procuram aconselhamento para seus filhos são famílias normais e amorosas, que lutam com perguntas sobre como lidar com a bagagem que a criança recebeu antes de entrar para a família, com os problemas específicos que os filhos adotivos enfrentam e o caos que essas crianças ocasionalmente criam em casa e na escola. As famílias que cometem abusos raramente buscam aconselhamento, mas é possível que você venha a aconselhar um adulto que foi ado-

[2] Sherrie Eldridge, *Twenty Things Adopted Kids Wish Their Adoptive Parents Knew* (Vinte Coisas Que os Filhos Adotivos Gostariam Que Seus Pais Adotivos Soubessem), (New York: Dell, 1999).

tado quando criança e descubra, como pano de fundo, essa forma de sofrimento devido ao pecado de outros. O divórcio, o abuso físico, o abuso de álcool e de drogas, a instabilidade e outras crises desencadeadas na família de origem da criança prejudicam drasticamente o bem-estar e a adaptação na família adotiva.

Nosso mundo caído: o palco das lutas

Como podemos melhor compreender as lutas das crianças adotadas? Embora não possamos negar os efeitos do pecado, das fraquezas pessoais e do atual ambiente cultural/familiar, devemos enxergar essas crianças em termos do mundo caído no qual vivemos. Por mais que valorizemos corretamente a adoção, não podemos ignorar que a necessidade da adoção aponta inerentemente para o fato de que vivemos num mundo caído e pecaminoso. Num mundo isento de pecado, não teríamos famílias destruídas, abusos, órfãos nem adoção. A história de cada uma dessas crianças sempre começa com relacionamentos destruídos, e elas têm dificuldade para compreender com exatidão sua situação de vida.

As crianças adotadas, como todos nós, pensam, interpretam e tiram conclusões sobre a vida com base nas experiências pessoais. A adoção coloca em primeiro plano uma verdade fundamental que, freqüentemente, passa despercebida: nós somos intérpretes. Não só tentamos compreender nosso mundo, nós mesmos e nossas experiências, mas devemos fazê-lo. Há, porém, uma segunda verdade fundamental: não conseguimos compreender nosso mundo com exatidão sem nos referirmos Àquele que nos criou e que interpreta corretamente o mundo para nós. Como seres humanos, fomos criados para entendermos a vida com base naquilo que Deus diz. Sem esse ponto de referência, tiramos conclusões falhas sobre nós mesmos, sobre Deus e sobre nossas experiências de vida. Tornamo-nos o centro do próprio mundo e agimos de acordo com essa crença.

Os pais adotivos, e outros adultos que fazem parte da vida da criança, nem sempre enxergam ou entendem como essas crianças interpretam os acontecimentos da sua história de vida. E eles não entendem claramente as emoções e os comportamentos que resultam dos relacionamentos destruídos dentro de suas famílias de origem. Freqüentemente, hesitam em falar sobre o passado da criança, com medo de prejudicar ainda mais o seu comportamento. No entanto, eles devem fazê-lo para entenderem o mundo interior da criança.

As crianças adotadas interpretam a sua identidade

O que forma a identidade de uma criança? Todas as crianças são afetadas pelos valores e tradições da família, os irmãos e os parentes, as experiências negativas e as positivas. As crianças adotadas possuem fatores adicionais que afetam suas vidas. Elas podem ter vivido em um ou mais orfanatos antes de terem sido adotadas. Elas podem ter sido colocadas em lares onde outras crianças já moravam e se ressentiram com a intrusão de um estranho em sua família e espaço. Cada moradia temporária traz uma gama confusa de valores conflitantes para a vida da criança. Alguns desses valores contrapõem-se diretamente àqueles de sua família de origem. Mesmo as crianças que foram adotadas por ocasião do nascimento lutam com os detalhes da história da sua família de origem.

Todos nós temos certa compreensão de quem somos. Todos nós avaliamos nosso potencial e os recursos para lidar com experiências específicas. Quando entregues a nós mesmos, colhemos nossas experiências e começamos a formar interpretações que moldam nosso pensamento. As reações emocionais que temos a partir das nossas experiências, freqüentemente, transformam-se em um senso de identidade. Não fazemos isso conscientemente, mas, mesmo assim, acontece. Com freqüência, as crianças adotadas têm pensamentos e sentimentos confusos sobre sua separação dos pais biológicos. Elas têm uma sensação de perda de identidade, de cultura ou da conexão com seu passado. Elas vêem que a família adotiva possui parentes e tradições, porém elas nada sabem de seus parentes e tradições. Sandra pergunta a si mesma: "Eu tenho uma irmã? Eu tenho tios e tias?".

Como as crianças adotadas interpretam as circunstâncias da vida? Vamos olhar para algumas reações comuns.

- **"Algo está errado." "Eu não sou amado." "Estou sendo castigado." "Sou diferente." "Eu não sou suficientemente bom." "Devo ser uma má pessoa."**
  As crianças adotadas têm freqüentemente sentimentos confusos a respeito da sua adoção. Elas podem aprender a amar os pais adotivos, mas lutam com o fato de terem sido abandonadas pela mãe biológica. Elas podem fazer perguntas aos pais adotivos. "Por que vocês me querem? E por que minha mãe não me quis? O que está errado comigo?" E pior do que perguntar é sentir estas coisas e não expressá-las. Elas sentem que algo está errado a respeito da sua situação, mas não sabem o que pensar ou sentir sobre isso.
- **"Eles também se livrarão de mim. Então, vou afastá-los antes que eles me machuquem."**
  As crianças adotadas temem que elas não sejam suficientemente boas para fazerem parte da família adotiva. Muitas delas vivem com o medo (verbalizado ou não) de que, de alguma maneira, elas eram muito difíceis de lidar e esse foi o motivo por que seus pais biológicos as abandonaram. Um sentimento de vergonha predomina, não importando o quanto seus pais adotivos afirmem o contrário. Algumas vezes, elas expressam seus medos e inseguranças de forma violenta, tendo acessos de raiva, batendo nos irmãos e machucando-os, destruindo brinquedos e livros, dizendo palavrões ou grosserias, machucando animais domésticos e comportando-se inadequadamente em lugares públicos. Essas crianças não sabem como lidar com seus sentimentos ou como expressá-los e reagem com um comportamento desordenado.
- **"Sou uma vítima. Sou inútil. Os outros precisam me dizer o que fazer."**
  Muitas crianças adotadas sentem-se vítimas em sua situação e vivem sob o peso de uma forte sensação de injustiça. As decisões cruciais da vida foram tomadas por juízes, assistentes sociais, conselheiros ou por pais biológicos desesperados. Elas não tiveram escolha. Provavelmente, as decisões de maior peso em longo prazo foram tomadas por ocasião do seu

nascimento. Uma criança pode chegar à conclusão de que ela não tem escolha diante das situações da vida e, conseqüentemente, querer que outros continuem a fazer escolhas em seu lugar. Ela assume um papel passivo diante da vida e se torna apática como Joel.

- **"O mundo não é seguro." "Eu tenho que me proteger." "Eu preciso cuidar de mim mesmo."**
  Esses pensamentos freqüentemente levam à depressão e à falta de esperança. Uma maneira comum de lidar com essa atitude é "fortalecer" a criança, ensinando-a a assumir o controle de sua vida e a fazer escolhas. Com isso, no entanto, estamos involuntariamente direcionando a criança a confiar em si mesma ou em outras pessoas. A criança adotada passa a acreditar erradamente que o seu valor está baseado em seu desempenho ou em sua habilidade de estar no controle, de ganhar o amor dos outros ou de se mostrar segura.
- **"Não é bom ser diferente. Eu preciso ser perfeito para merecer o amor de outras pessoas."**
  Esforçando-se para se tornar parte de uma família, algumas crianças adotadas procuram ser perfeitas. Temendo que não serão aceitas se causarem algum problema, elas se preocupam apenas em agradar as pessoas. Elas escondem suas preocupações com o relacionamento rompido com os pais biológicos e fazem qualquer coisa para ganhar a atenção positiva de outras pessoas. Naturalmente, esse tipo de comportamento apenas leva a problemas posteriores quando a mesma estratégia for usada para conquistar e manter as amizades.
- **"Eu seria feliz se morasse com minha família de origem."**
  Algumas crianças adotadas têm medo de falar ou perguntar sobre sua família de origem e fantasiam a esse respeito: "Minha vida seria ótima se eu pudesse simplesmente morar com meus pais biológicos. Eles me amariam, eles me levariam passear, dariam dinheiro e eu não teria que seguir todas essas regras. Eu seria bem mais feliz com eles". Muitas crianças fantasiam sobre a aparência de seus pais, sua ocupação e o quanto sentem falta delas.
- **"O que a minha mãe verdadeira está fazendo neste exato momento?"**
  Os acontecimentos da vida costumam trazer à lembrança da criança adotada algumas memórias do passado. Os aniversários, os feriados e os eventos importantes (a primeira participação numa competição esportiva, a primeira festa, uma formatura da escola, a participação dos pais na escola, as boas notas) são momentos difíceis para essas crianças. Aquilo que para outros são momentos de celebração, para elas são lembranças tristes de perda ou rejeição. Enquanto comemoramos o dia de seu aniversário, elas lamentam secretamente a perda de seus pais. Elas fantasiam sobre como as coisas poderiam ser diferentes "se apenas ___".
- **"Deus não se importa comigo e Ele não me ajudará."**
  As crianças interpretam a vida e as experiências, quer nós falemos ou não com elas a esse respeito. Com fre-

qüência, evitamos conversar sobre os assuntos com os quais não queremos lidar, achando que as crianças não pensarão neles. O problema é que as crianças já estão pensando, interpretando e tirando conclusões sobre a vida – e o fazem sem nenhuma orientação amorosa e sem uma visão redentora biblicamente fundamentada.

Nossas interpretações nos informam como enxergamos a vida, as pessoas, nós mesmos e, o mais importante, como vemos a Deus. Freqüentemente, as experiências moldam nossa maneira de ver a Deus, em vez de deixarmos que Deus nos informe como devemos interpretar as experiências. Por exemplo, uma criança pode pensar: "Se eu estou sofrendo, então Deus deve ser alguém fraco, distante, que não se envolve comigo, não cuida de mim nem é compassivo, pois Ele está me castigando".

Os problemas das famílias adotivas contribuem para a interpretação da identidade da criança

O que significa adotar uma criança? As famílias adotivas podem também ter lutas e perguntas a respeito de como interpretar a vida com filhos adotivos – mesmo quando o processo de adoção parece tranqüilo e a criança coopera. Elas têm muitos questionamentos. Aquilo que os pais adotivos pensam ou acreditam influencia a visão da criança sobre sua adoção. Damos aqui algumas perguntas que podem ajudar os conselheiros a trabalhar com os pais adotivos para resolverem as questões que os trouxeram ao aconselhamento.

- **Como os pais adotivos vêem a adoção?** Que expectativas eles têm a respeito da adoção? Eles adotaram uma criança com o objetivo de preencher uma necessidade ou um vazio em suas vidas?
- **Como os pais adotivos vêem os pais biológicos da criança?** Eles entendem a experiência da mãe biológica e sua decisão? Eles respeitam essa decisão ou se referem a ela com desprezo? Como eles conversam sobre os pais biológicos com o filho adotivo? Eles se sentem rejeitados quando a criança pergunta sobre os pais biológicos?
- **Como os pais adotivos conversam com o filho adotivo sobre a adoção?** Quais informações são apropriadas para serem compartilhadas? Até que ponto é certo dar as informações? A criança foi maltratada pelos pais biológicos? Como resultado, ela reage com ira? Quanto das informações negativas sobre os pais adotivos deve-se compartilhar?
- **De que maneira eles compreendem ou ratificam os sentimentos da criança?** O amor não é suficiente? O que mais a criança precisa? Eles sabem como determinar quando algo mais sério está acontecendo?
- **Como eles lidam com o mau comportamento da criança?** Eles consideram o mau comportamento como uma afronta pessoal? Ou eles o vêem como algo que faz parte das reações da criança em função do relacionamento rompido com os pais biológicos? Até que ponto eles são consistentes ao reagirem ao comportamento inadequado? Os pais concordam em como lidar com o mau comportamento?
- **Eles olham para a adoção de maneira redentora?** Como eles vêem a obra de Deus em sua vida e na vida

dos filhos? Como instilam confiança no plano de Deus? Como eles ensinam aos filhos a respeito de Deus?

A adoção nem sempre é um processo fácil. Os pais adotivos precisam procurar entender as freqüentes emoções conflitantes e os pensamentos confusos que seu filho experimenta em relação à adoção.[3] Vamos voltar agora a atenção para algumas maneiras práticas pelas quais os pais podem lidar com as questões da adoção.

Maneiras práticas para lidar com as questões da adoção

O amor redentor de Deus invade nossa história pessoal nos detalhes, da mesma forma que Ele invade toda a história humana. Deus opera naquilo que é real, no que acontece de verdade. Isso significa que a honestidade deve estar em primeiro lugar. Então, seja franco com seu filho adotivo desde o início, especialmente quando a criança foi adotada no nascimento e não tem um conhecimento pessoal a respeito de sua adoção. Quanto mais tempo você esperar para conversar sobre a adoção, mais difícil será abordar o assunto. O engano pode destruir a confiança de tal forma que leva anos para consertar o estrago. É possível que a criança seja informada a respeito da sua adoção por alguma outra pessoa bem intencionada. Talvez outra criança ouça seus pais falarem sobre a adoção do seu filho e, enquanto brincam, ela faz a pergunta: "O que aconteceu com seus pais verdadeiros? Por que você foi adotado?". Essa não é a melhor maneira de uma criança descobrir um fato básico da sua vida.

Seu filho pode perceber o seu desconforto e sentir que algo está errado. Ele pode pensar: "Por que eles têm tantas fotos de quando minha irmãzinha era bebê, mas nenhuma foto minha? Talvez não gostem de mim tanto quanto dela". Se você for honesto desde o início, você não prejudicará a confiança de seu filho. Chame a atenção para a falta de fotos antes que a criança a perceba. "Eu gostaria que nós tivéssemos mais fotos suas de quando você era pequeno." Esta simples afirmação expressa o seu amor por ele.

Converse sobre adoção com seu filho, antes mesmo que ele compreenda o que significa. Use palavras simples. "Você é especial. Nós o amamos. Nós adotamos você." Quando você deixa de fazer isso, priva o seu filho da história que Deus está escrevendo para ele. Visto que as crianças formam suas crenças a respeito da vida e delas mesmas muito cedo, é importante ensiná-las a pensar e crer de acordo com a Palavra de Deus. Os filhos confiam nos pais para ajudá-los na compreensão de suas experiências. Dê a eles liberdade de expressarem sua confusão a respeito do que sentem, enquanto você os acompanha nesta caminhada de sentimentos turbulentos. Ajude-os a expressarem seus pensamentos e sentimentos. Coloque palavras no que eles pensam. "Você se sente triste hoje porque é o seu aniversário e você se lembra da sua mãe. Sim, eu também me sinto triste por isso."

Entabule conversas com a criança sobre sua família de origem. Pergunte como ela se sente, o que pensa ou sonha. Estimule conversas abertas, para que você possa ministrar a cada experiência. As crianças não só precisam de permissão

[3] Beth O'Malley, *Lifebooks: Creating a Treasure for the Adopted Child* (Livros da Vida: Criando um Tesouro Para a Criança Adotada), Reprint Edition (Winthrop, MA: Adoption-Works, 2000).

para conversar sobre seus sentimentos desconfortáveis, como também necessitam ser abertamente convidadas e estimuladas a fazê-lo.

Esteja ciente da privacidade da criança e do seu direito de ter a própria história. As crianças não gostam de ser chamadas de "adotadas", pois isso faz com que se sintam diferentes ou anormais. Às vezes, é constrangedor para a criança que sua história seja contada na frente de outras pessoas. Converse com ela sobre o que ela gostaria que os outros soubessem a respeito de sua adoção e das razões pelas quais a adoção aconteceu. Convide-a a fazer parte da decisão. Ensaie o que ela pode dizer quando alguém perguntar por que ela foi adotada.

Finalmente, pense sobre a adoção de forma redentora e ensine as famílias adotivas a pensarem corretamente sobre o significado da adoção.

A visão redentora da adoção: nossa identidade em Cristo

Nós somos intérpretes. Todos nós buscamos um sentido para a vida. Visto que somos criaturas feitas para viver em relacionamento com Deus e com outras pessoas, conseguiremos entender corretamente nossas experiências somente quando as relacionarmos ao que Deus diz a respeito de Sua Pessoa, do nosso mundo e de nós mesmos. As crianças adotadas lutam com sua identidade: Quem sou eu? Quem me ama? Quem cuidará de mim? O que será de mim? À medida que crescemos, todos nós fazemos estas perguntas, porém a adoção faz com que elas ganhem relevância maior e precisem ser bem entendidas e abordadas pela família adotiva. Essas crianças, freqüentemente, lutam com sentimentos de perda, de rejeição e, algumas vezes, sentem-se vítimas. Até mesmo as crianças que nunca sofreram qualquer crueldade nas mãos de seus pais biológicos ou dos pais adotivos têm perguntas. Sem uma ajuda externa, é possível que as crianças adotivas acabem acreditando que seu valor está baseado no seu desempenho ou em sua habilidade para assumirem o controle da própria vida.

Vamos considerar a questão de outra forma. Como Deus lida *conosco* em nosso mundo caído? O que significa quando falamos numa visão redentora do mundo ou numa visão redentora da adoção? Significa que Deus está comprometido em não permitir que o nosso mundo e a vida de cada um de nós permaneçam caídos. Deus está comprometido em restaurar a criação para que ela se torne tudo o que Ele planejou que fosse, sem mais pecado, doença, morte, dor ou qualquer tipo de sofrimento. Deus está comprometido em habitar com o homem num mundo perfeito, onde o homem pode se relacionar plenamente com Deus, com o mundo e com o próximo. O pecado frustrou esse propósito original, mas Deus não se dissuadiu. Exatamente na hora e no lugar certos, Ele veio até nós na Pessoa de Seu Filho, a fim de iniciar esse processo de redenção, restauração e renovação. E quando Ele vier novamente, todas as coisas serão novas. Este processo de renovação já começou em Seu povo, naqueles que crêem em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Deus tem um plano e Ele se achega até nós e se envolve em relacionamento conosco como parte desse plano. Ele nos faz Seu povo e habita conosco, dentro de nós. Mesmo que o mundo continue caído e que o pecado permaneça em nós, ainda assim somos povo de Deus.

Fazemos parte da história dirigida por Deus e ela é o ponto de referência para entendermos tudo quanto acontece em

nosso mundo. Esse entendimento muda a forma de interpretarmos a nós mesmos, o nosso relacionamento com Deus e o nosso relacionamento com o mundo. Precisamos interpretar os detalhes da nossa vida à luz dos temas mais amplos da história da redenção. Essa interpretação da vida determina como entendemos toda a realidade.

Os pais e os conselheiros podem ajudar, agindo como agentes redentores de Deus. Eles devem ensinar os filhos a verem a si mesmos e as experiências da vida a partir de uma perspectiva bíblica. Também precisam desenvolver uma visão redentora da adoção, o que significa que a nossa afirmação pessoal, nosso consolo e esperança vêm do fato de que temos um Pai/Criador de amor, que toma nossa condição caída e o mundo caído e os redime. A adoção é um reflexo daquilo que Deus faz por Seu povo. Ela redime a vida despedaçada de uma criança, assim como Deus nos adota e redime nossa condição caída e de pecaminosidade.

As crianças não aceitam instintivamente a visão redentora da adoção. Nossa tarefa como conselheiros, professores e pais é entender melhor suas experiências reais e ajudá-las para que reinterpretem a vida pela perspectiva da redenção. Para tanto, precisamos interpretar com precisão as experiências de vida da criança.

1. Ajude a criança a interpretar sua vida pelos olhos de Deus.

Os pais devem aproveitar cada oportunidade para interpretar a vida da criança pelos olhos de Deus. Por exemplo, não é suficiente dizer à criança "Você é a resposta às minhas orações", acreditando que apenas isso baste para consolá-la e confortá-la. Muitas crianças se ressentem quando ouvem isso, pois elas nunca pediram para serem separadas de seus pais biológicos e, com certeza, não pediram para serem adotadas por estranhos! Essas crianças orariam justamente pelo contrário: "Por favor, Deus, deixe-me morar com meus pais". Em alguns casos, elas ainda orariam assim, mesmo tendo sofrido algum tipo de abuso que possa ter causado a sua separação dos pais. Elas vêem Deus como alguém distante e que não se importa, pois Ele não responde à única oração que vem do profundo do coração.

É importante e de grande ajuda, embora nunca suficiente, dizer a seu filho adotivo o quanto você o ama, o deseja e está comprometido em cuidar dele. Porém, essas palavras não vão ao encontro dos sentimentos de rejeição que a criança tem em relação aos pais biológicos que deveriam querê-la. A criança pensa: "Se meus pais me rejeitaram, talvez os pais adotivos também me rejeitem". Diga a seu filho que você, também, sente muito que os pais biológicos não puderam cuidar dele, mas que você fará o melhor para ajudá-lo a crescer de maneira que os deixaria orgulhosos.

As crianças adotadas viveram à mercê de outras pessoas em seus relacionamentos com os assistentes sociais, juízes, conselheiros, professores, mantenedores ou 'padrinhos' e, finalmente, os pais adotivos. Freqüentemente, elas temem a possibilidade de serem rejeitadas novamente ou sentem vergonha por terem sido rejeitadas por seus pais. Elas podem pensar: "Eles também irão simplesmente me rejeitar, então por que devo ser bonzinho com eles?" Os pais adotivos podem convencer a criança de que isso não é verdade e, gra-

dualmente, conquistá-la pelo amor. Isso é importante, mas precisamos também ensiná-la a encontrar sua identidade, consolo e segurança em algo mais do que os relacionamentos humanos. Ela precisa encontrar sua identidade em Cristo. Para ajudar uma criança a encontrar identidade e esperança no Único que não irá falhar com ela, não irá decepcioná-la nem rejeitá-la, é importante ensinar os princípios bíblicos básicos.

2. Deus está trabalhando em cada vida.

Ensine à criança que a mão de Deus esteve trabalhando em sua vida desde o princípio dos tempos. Compartilhe versículos da Bíblia que falam claramente a respeito dessa realidade. Ajude-a a desenvolver a crença de que Deus não estava ausente naqueles momentos de dificuldades em sua vida. Ele estava presente e operando mesmo antes da criança ter nascido. Por exemplo, considere estas palavras que transmitem vida:

- *Pois tu formaste o meu interior; tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem; os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda.* (Sl 139.13-16)
- *Ouvi-me, O SENHOR me chamou desde o meu nascimento, desde o ventre de minha mãe fez menção do meu nome.* (Is 49.1)
- *Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu (Deus), todavia, não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos te gravei...* (Is 49.15,16)
- *Os que esperam em mim não serão envergonhados.* (Is 49.23b)
- *Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saísses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações.* (Jr 1.5)
- *Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o SENHOR.* (Jr 29.11-14a)

Faça a criança memorizar estes versículos e visualizar o que Deus está dizendo por meio deles. Estas verdades alimentam uma imaginação sadia, uma fé viva.

3. Deus tem um propósito para sua vida.

Converse sobre a vida de personagens bíblicos que foram separados dos pais biológicos no nascimento, ou em tenra idade, e adotados por estranhos. Mostre como estas pessoas conheceram o amor de Deus e como, mais tarde, realizaram coisas significativas para Ele. Deus usou as experiências difíceis e dolorosas para o Seu pro-

pósito. Parte deste propósito é que Deus quer ter um relacionamento conosco e quer que O busquemos.

- Moisés foi adotado pela filha do Faraó e sua adoção fazia parte do plano maior de Deus para a libertação de Israel do Egito (Ex 2.1-10).
- Quando os pais de Ester morreram, seu primo Mordecai adotou-a como filha (Ester 2:15). Esse fato contribuiu para a libertação do povo de Deus.
- José foi afastado de seu pai e coisas terríveis aconteceram a ele – porém, ele viu que Deus tornou em bem aquilo que outros fizeram por mal. Ele ajudou a preparar um lugar seguro para sua família durante um período de grande fome (Gn 45).

A criança adotada – como todas as demais crianças – geralmente não vê Deus tão presente em sua vida. Nosso alvo é ajudá-la a ver Deus como o Autor fiel de sua história. Nenhum detalhe de sua história aconteceu por acaso. Ele está escrevendo cada capítulo com excelência e brilhantismo. Nós podemos não entender cada capítulo de nossa história, o porquê da presença de alguns personagens ou como se desenrolará o capítulo seguinte, mas sabemos que Ele é fiel e completará a boa obra em cada vida (Rm 8.28, Fp 1.6). Deus não estava ausente nos capítulos da vida da criança adotada; Ele estava presente e ativo.

Ajude a criança adotada a tirar o foco de sobre as decisões e os comportamentos humanos que lhe trouxeram tristeza e olhar para a intervenção de Deus e Seu envolvimento ativo em sua vida. Sua perspectiva torna-se vertical (pessoa para Deus e Deus para pessoa) ao invés de horizontal (pessoa para pessoa). A perspectiva horizontal faz com que a criança adotada sinta-se vítima. A vertical oferece consolo e confiança no plano divino para sua vida. "Este talvez seja um tempo difícil em minha vida, porém um dia Deus usará minhas experiências para ajudar outras pessoas e demonstrar o Seu amor por mim. Ele providenciou uma família para mim quando eu precisava disso." Ajude a criança a enxergar a história de sua vida de maneira mais ampla, como parte da história redentora de Deus.

4. Deus adotou a todos nós por meio de Seu Filho Jesus.

A criança adotada geralmente acredita que sua vida baseia-se no amor que as pessoas têm ou deixam de ter por ela. Essa crença leva a criança apenas a questionar, preocupar-se ou lutar por amor. Ajudá-la a ver sua vida pelos olhos de Deus faz com que aprenda que sua vida está baseada no amor de Deus por ela e na Sua intervenção divina desde que ela foi gerada.

Fomos eternamente desejados pelo próprio Deus. Cuide para não dizer isto de maneira que minimize a perda ou rejeição por parte dos pais biológicos, mas esta verdade deve trazer perspectiva e confiança em um Deus que tudo vê e faz o que é bom para nós. Esta é uma lição que todos nós precisamos aprender, mas podemos ver que ela está diretamente relacionada às questões da adoção,.

Jesus foi criado por um pai que não era seu pai biológico. Ele morou com irmãos e irmãs que eram filhos biológicos de Seus pais. Jesus cresceu e, por causa de Seus atos, temos um lugar na eternidade com Deus. Quando as crianças aprendem a encontrar sua identidade em Cristo, essa perspectiva não anula a dificuldade de suas experiências, porém cria um ponto de referência pelo qual elas podem

compreender corretamente a vida. Nossa vida é temporária, mas nosso relacionamento com Deus em Jesus é eterno. Nós só podemos entrar no céu por adoção e só assim conheceremos a Deus e viveremos com Ele. Deus é bom. Ele é protetor. Ele sabe o que está fazendo e está fazendo algo bom. Ele é amoroso, bondoso, justo e fiel. Ele nos vê e nos conhece. E Ele nos adotou.

- *Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus*. (1Jo 3.1)
- *Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos. Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?* (1Jo 5.1-5)

Outras passagens que proclamam que somos amados e adotados como filhos por Deus também podem ser úteis.

- *Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado.* (Ef 1.3-6)
- *Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.* (Rm 8.14-17)

Converse sobre essas verdades com a criança, formal e informalmente, sempre que possível. Uma maneira de fazer isto formalmente é usando o que chamamos de *Livro da Vida*. Muitas crianças têm respondido positivamente a esse método de aprendizagem e conversação sobre seus pais biológicos e sobre as razões da sua adoção.

O *Livro da Vida*

Compartilhar detalhes sobre a família biológica, geralmente, cria mais intimidade entre a criança adotada e a família adotiva. A criança pode sentir alívio e consolo. Muitas vezes, ela passa a se sentir melhor por saber mais a respeito da sua ascendência. Ela pode pedir para você contar e repetir coisas que você lembra ou sabe sobre seus pais biológicos. Tome cuidado para expressar somente fatos verdadeiros sobre a história da criança, à medida que você os conhece. Sempre fale

a verdade de maneira compreensível à criança. Procure discernir quais informações são apropriadas para serem compartilhadas e como contá-las. Algumas histórias têm capítulos dolorosos, mas ainda assim fazem parte da história da criança. Seja sensível quanto à maneira de expor esses episódios, mas não prive a criança de tomar conhecimento deles.

Montar um *Livro da Vida*, uma mistura de álbum de fotos e livro de recordações sobre a vida de seu filho adotivo, é uma boa maneira para proporcionar esse compartilhar. O *Livro da Vida* ajuda a criança a se relacionar com o começo e a continuidade da própria história de vida, e cria a base para estabelecer um vínculo com a família adotiva. Comece o *Livro da Vida* no nascimento da criança adotada e enfoque a experiência de forma verdadeira e atraente para ela. Inclua os detalhes e as circunstâncias da vida da criança antes de ela ter sido adotada, desde que você os conheça. Monte o livro com a criança e enfatize que esse é o seu "livro especial", que conta sua história conforme Deus a está escrevendo.

Envolva a criança enquanto reúne as ilustrações, leia junto com ela, converse sobre sua história de vida. Inclua músicas, fotografias, dados da cerimônia de adoção, cartões. Procure integrar as duas culturas e famílias: reúna fotos da família de origem e de parentes, lembranças e músicas da cultura de origem, histórias da família de origem, do lar ou orfanato onde a criança viveu.

Um *Livro da Vida* pode ter um impacto significativo na vida de seu filho adotivo. Considere o exemplo dado pela assistente social Veronica Fiscus.[4]

> Se alguém tinha má sorte, este alguém era Sam...ele já havia passado por perto de dez colocações em seus doze anos de vida... diversas interrupções nos processos de adoção não por culpa dele... um pai adotivo morreu, enquanto outro cometeu suicídio. Ele tinha mais nove irmãos mais velhos que viviam espalhados em diferentes lugares. Fazer um *Livro da Vida* para Sam pioraria as coisas? Depois de ler seu *Livro da Vida*, Sam perguntou: "É só isso? Não é tão ruim assim!" Colocar tudo no papel fez com que se tornasse bem mais administrável para ele.

Quando a criança é adotada por meio de uma agência internacional, considere decorar o seu quarto de alguma forma que represente a cultura da família de origem. Aprenda algumas palavras do idioma e ensine-as para toda a família. Registre fatos únicos e especiais sobre a criança, a família de origem e os acontecimentos que a trouxeram para a nova família.

> Um casal envolvido num processo de adoção na Rússia planejava seguir sua tradição religiosa de dar o nome da avó já falecida a um novo bebê. Freqüentemente, as pessoas escolhem o primeiro nome ou a inicial que, nesse caso, era M. Quando eles receberam a documentação, o nome da menina já começava com M e ela tinha nascido no mesmo dia em que a avó tinha morrido.[5]

À medida que você ajuda uma criança adotada a entender como Deus estava

[4] Beth O'Malley, *Lifebooks: Creating a Treasure for the Adopted Child* (Livros da Vida: Criando um Tesouro Para a Criança Adotada), Reprint Edition (Winthrop, MA: Adoption-Works, 2000)

[5] O'Malley, *Lifebooks*

e está trabalhando em sua vida, procure maneiras de expressar esse fato. As crianças, às vezes, conseguem expressá-lo até melhor do que nós.

> Os alunos de primeira série da professora Debbie estavam conversando a respeito da foto de uma família. Um menininho da foto tinha o cabelo de cor diferente dos outros membros da família. Uma criança sugeriu que ele era adotado e uma menina chamada Jocelynn Jay disse: "Eu sei tudo sobre adoção, porque eu sou adotada". Outra criança perguntou o que significava ser adotada. "Significa", disse Jocelynn, "que você cresceu no coração de sua mãe e não na barriga dela."[6]

Colocando em termos da redenção, crescemos no coração de Deus e Ele cuidou de nós em meio a todos os nossos momentos difíceis. A morte de Seu Filho para expiar os nossos pecados restaurou nosso relacionamento com Deus e nós nos tornamos Seus filhos por adoção.

[6] O'Malley, *Lifebooks*

Apenas um Adolescente

David Powlison[1]

Jaime tinha dezesseis anos. Ele se sentou ao meu lado, bastante tranqüilo; na verdade, entediado. Seus pais achavam que ele deveria conversar com alguém, mas ele não parecia tão interessado em se abrir comigo. Finalmente, superamos os monossílabos e a fase embaraçosa de silêncio entre nós. Aos poucos, à medida que ele foi se abrindo, passou a relatar uma história após a outra de como tinha sido maltratado por sua família, pelos colegas de classe e os professores, por Deus; enfim, maltratado por todos. Jaime deu um relato detalhado de todas as injustiças, parcialidades, traições, feridas, ofensas e diversas tolices claramente cometidas contra ele. Ele tinha um extenso registro histórico contra o mundo inteiro.

Jaime representou seu papel com perfeição: vítima do crime e parte lesada, promotor e juiz tendencioso, júri unânime, público enfurecido e carrasco cruel. De fato, a maioria de suas histórias parecia plausível, mas nenhuma das ofensas revelou-se particularmente ultrajante. Eram coisas que acontecem a qualquer um. Algumas histórias pareciam um pouco exageradas, ou até inventadas, mas a maioria parecia perfeitamente real.

Duas coisas deixaram-me perplexo a respeito de Jaime. Primeiro, ele falava sem variação de tom. Suas possíveis emoções não encontravam expressão. Parecia que ele estava lendo uma lista de compras ou as instruções de como montar uma mobília. Sua tediosa ladainha de queixas era mais preocupante do que uma reação aberta de ira. A certa altura, perguntei: "Você está irado?". Eu o convidei a dizer o óbvio, permitindo que essa declaração saísse de sua boca. Pensei que seria possível dar uma boa direção à nossa conversa se estabelecêssemos, pelo menos, a existência de algum problema digno de ser tratado. Jaime pareceu surpreso por alguns

[1] Tradução e adaptação de *Only a Teenager*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 23, n.3, Summer 2005, p. 2-5.
David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*, conselheiro e professor na *Christian Counseling and Educational Foundation*, e professor de Teologia Prática no *Westminster Theological Seminary*.

segundos, mas logo recuperou sua frieza e respondeu objetivamente: "Não. Eu não fico com raiva... eu me *vingo*". Era uma ira fria, não ardente. Era mais um "assassinato a sangue frio premeditado" do que um "crime passional". Ele não estava disposto a desperdiçar emoções com a ralé e os tolos com que tinha de lidar na vida.

Segundo, Jaime vivia num universo onde *ele* era o destaque. Tudo girava ao redor de um ser inteiramente importante, malquisto e ofendido. Cada cena em seu filme, cada página em seu livro, cada notícia em seu jornal diário girava em torno *dele* – mas ele nunca era o agente ou a causa de coisa alguma. Cada pessoa, acontecimento, lugar ou objeto existia apenas à medida que afetava seu prazer ou lhe causava pesar. Visto que todos os personagens da sua história haviam dedicado a vida para tornar Jaime cada vez mais infeliz, ele se sentia autorizado ao *modus operandi* de vingança fria e imperturbável. Seu falar monótono e a paranóia lógica arrepiavam-me. Sua ira era de um estilo homicida: eficiente, decisivo e tão prático como levar o lixo para fora ou exterminar insetos.

Jaime podia ter apenas dezesseis anos, mas era difícil lidar com ele, pois estava possuído por seu orgulho ("Eu sou o centro do universo") e incredulidade ("Não existe Deus a quem eu deva a minha vida"). Jaime não conhecia outro ponto de referência além da própria vontade e opinião.

Como crente, será que posso entender de fato alguém como Jaime? Será que posso chegar a uma compreensão genuinamente cristã? É possível aconselhar sabiamente um rapaz como Jaime? Se Deus quer trazer luz às trevas, serei capaz de aconselhar com eficácia? Debaixo de meus cuidados pastorais, essa pessoa poderia verdadeiramente crescer? Poderia começar a viver uma vida digna de ser vivida? Poderia se tornar um amigo digno de se ter, um aluno digno de ser ensinado, um empregado digno de ser contratado? É possível que algum dia venha a ser um homem apto a se casar e um pai honrado? Aos dezesseis anos, Jaime não demonstrava ter um futuro muito promissor. Será que eu, um obreiro cristão, teria mesmo o direito de aconselhá-lo ou será que ele deveria receber os cuidados de um profissional especializado em saúde mental?

Mudando ligeiramente essas perguntas, será que *você* é capaz de entender, aconselhar e (quem sabe) auxiliar na transformação de alguém como Jaime? Será que *você* tem até mesmo o direito de procurar ajudar uma pessoa como ele? Aqui vai outra pergunta que talvez soe estranha: será que as mensagens pregadas em sua igreja comunicam com um Jaime? Não quero saber se ele as está ouvindo ou não ("ouvidos para ouvir" é algo que não temos como produzir). A pergunta simplesmente é se as mensagens pregadas na sua igreja têm ou não a habilidade de tocar a consciência de alguém como Jaime, de atingir precisamente as suas experiências e chamá-lo das trevas para a luz de forma relevante.

Em nossa cultura, Jaime recebe rótulos. Anos atrás, ele teria sido rotulado de "psicopata" ou "anti-social", um caso de "transtorno de personalidade" ou "personalidade anti-social". Sem dúvida, Jaime é anti-social, narcisista e inescrupuloso. Hoje, ele seria classificado como portador de um "transtorno desafiador de oposição". Sem dúvida, Jaime é hostil e afronta tudo e todos com uma típica rebeldia contra qualquer autoridade que possa surgir. Talvez ele pudesse ser diagnosticado como "depressivo". Sem dúvida ainda, o mundo

de Jaime é sombrio e sem esperança. Se a sua ira se expressasse de forma mais explosiva e agressiva, talvez ele fosse rotulado de "bipolar". De novo, não há dúvida de que Jaime está sujeito a alguma alteração de humor. De certa forma, todos esses rótulos o descrevem. E todos eles parecem desqualificar a ajuda de um obreiro cristão ou um amigo pela falta de conhecimento especializado diante de um adolescente tão difícil. Ainda assim, todos esses rótulos fazem pouco mais do que descrever o óbvio de um modo mais atrativo.

Vamos construir uma ponte entre o "ministério cristão" e Jaime. Para tanto, também precisamos construir uma ponte entre a pregação e o aconselhamento. A relação entre o ministério público e o aconselhamento pessoal raramente é tratada com profundidade e equilíbrio. Há um relacionamento íntimo e complementar entre os ministérios de pregação e de aconselhamento. Os "modelos de aconselhamento" têm a tendência de separar o aconselhamento da pregação (e dos demais aspectos do ministério e do cuidado pastoral). Se de fato o aconselhamento é mediador de uma verdade distinta, por meio de práticas distintas, então é evidente que devemos separar dois aspectos tão diferentes e eles nunca entrarão em acordo. Porém, se os problemas pessoais como os de Jaime forem problemas a que as pregações precisam se dirigir, então temos que unir as duas atividades e fortalecê-las mutuamente. Os "modelos de pregação" também têm a tendência de separar o aconselhamento da pregação. Muitas vezes, o ministério da Palavra é tratado praticamente como sinônimo de 'pregação' e de "púlpito". Por essa razão, depois de uma tentativa frustrada de exortação, muitos pastores simplesmente encaminham os "problemas de aconselhamento" aos profissionais especializados em pessoas como Jaime. Isso acontece apesar do fato óbvio de que os especialistas podem fazer bem pouco por um "jovem obstinado" (outro rótulo fortemente descritivo).

Muitos crentes que confiam na suficiência das Escrituras para a pregação e o ensino não acreditam de maneira funcional na suficiência das Escrituras para transformar uma pessoa como Jaime. O alcance da revelação de "fé e conduta" torna-se limitado. Na verdade, as Escrituras são ótimas para alcançar as multidões na igreja, mas inadequadas no que diz respeito à sabedoria requerida para lidar com as pessoas no dia-a-dia. As Escrituras podem explicar a justificação pela fé ou o significado maior da história, mas não são capazes de explicar a pessoa de Jaime em sua história pessoal. Para os que levam a Bíblia a sério, "pregar a Palavra" é uma virtude. Mas seria igualmente virtuoso "aconselhar a Palavra" a um jovem problemático? As respostas típicas a esta percepção são bem interessantes.

Primeiro, algumas pessoas ficam perplexas. A questão parece absurda porque a igreja não costuma praticar um aconselhamento autêntico que vá além de um "*É errado ter raiva*" e "*Você precisa perdoar. Estou orando que você possa confiar no Senhor em meio a esta fase difícil que está atravessando. Aqui está um texto bíblico de encorajamento*". Para um caso como o de Jaime, o que mais teríamos na Palavra para dizer e fazer? A aljava tem poucas setas. O aconselhamento que busca "maior profundidade" – pergunta os detalhes do que está acontecendo, sonda como a pessoa organiza sua realidade, explica o que acontece em seu interior, desafia suas escolhas e crenças em muitos níveis e ajuda de fato a mudar – já entra no campo misterioso dos profis-

sionais especializados. Os problemas como os de Jaime parecem estar fora do alcance da Bíblia e, conseqüentemente, fora do alcance ministerial.

Segundo, outros respondem com suspeita, como se "aconselhar a Palavra" significasse ser insensível ou mesmo censurar as pessoas perturbadas. "Será que isso quer dizer que você só prega sobre pessoas que lutam com problemas, atira versículos bíblicos e as exorta a mudar?" É interessante perceber que quando as palavras "Bíblia", "pregação" e "exortação" são usadas dentro do contexto do aconselhamento, elas tomam conotações negativas e moralistas, perdem todo o seu calor, profundidade e relevância pessoal. Essa resposta revela mais sobre a concepção pessoal de pregação e de Bíblia do que sobre a percepção de amor que o aconselhamento bíblico deveria ter. Embora Deus possa agir misericordiosa e soberanamente, é muito pouco provável que alguém como Jaime mude apenas por meio de um bombardeio contínuo de versículos bíblicos. Mas qual a diferença entre o moralismo e o aconselhamento bíblico sábio?

Terceiro, outros pensam que a Palavra de Deus é adequada para pessoas relativamente normais, que freqüentam a igreja, estão firmes no emprego, fazem sua devocional diária, têm uma vida socialmente aceitável e construtiva. Contudo, a verdade bíblica não seria apropriada para ajudar pessoas com perturbações profundas e conflitos complexos. Em outras palavras, os pecadores e sofredores de pequena proporção poderiam ser auxiliados pela verdade e pelo amor de Deus. Os pecadores e sofredores de maiores proporções precisariam de algo mais, algo diferente. Isso descarta completamente qualquer ajuda que a igreja possa oferecer a alguém como Jaime. Ele certamente não é normal nem está caminhando rumo à normalidade. Que maneira mais estranha de ver as Escrituras! É provável que por trás de uma resposta como essa esteja uma pessoa que conhece apenas o uso da Bíblia num ambiente requintado de igreja, sem ainda perceber como o Deus das Escrituras se move em meio à tempestade, ao sangue, à guerra e ao desespero da condição humana.

Finalmente, um quarto grupo sente-se ofendido. Eles consideram a idéia de aconselhar a Palavra como uma invasão de um incompetente arrogante numa área de competência de outra pessoa. Aconselhar um jovem como Jaime? É como se uma dona de casa, um obreiro que ministra aos jovens ou um pastor fossem se oferecer para fazer uma neurocirurgia ou redigir uma petição jurídica. Considere o exemplo de um pastor de jovens. Geralmente, aqueles que trabalham com jovens são animados e lideram atividades, viagens missionárias para lugares distantes ou estudos bíblicos dinâmicos. A idéia de que um pastor de jovens poderia também lidar com os problemas mais profundos de Jaime parece inconcebível. E por que não? Não há motivo para duvidar. A sabedoria bíblica pode fazer a mais profunda diferença.

Essas quatro respostas são totalmente alheias à Bíblia. O verdadeiro ministério da Palavra não se ajusta a nenhuma dessas considerações. Mas são respostas compreensíveis, tendo em vista que a Igreja tem falhado no entendimento e na prática do ministério da Palavra, seja no caso de Jaime ou de outras vidas perturbadas. Quando a Palavra de Deus não é suficiente e adequada para as pessoas mais necessitadas, então todo o ministério cristão está a perigo. Quando o ministério público promete levar multidões ao céu, mas

o ministério pessoal atrapalha-se diante de pessoas reais que lutam em meio às exigências da vida real, então o ministério como um todo torna-se irrelevante. Mas quando o ministério da Palavra explica a realidade da vida e também pode transformar vidas como a de Jaime, ele leva tanto as multidões como os indivíduos ao céu, permitindo que se aproximem cada vez mais de Cristo à medida que progridem.

Os ministérios público e pessoal da Palavra fortalecem-se mutuamente. O ministério público, baseado na prática do bom aconselhamento, adquire o sabor inconfundível da realidade humana. A verdade veste-se dos problemas reais e das experiências da vida. Do mesmo modo, o ministério pessoal, baseado na pregação de boas mensagens, adquire uma persuasão atrativa da *realidade de Deus*. O amor, o poder e a autoridade de Cristo estendem-se a todas as pessoas de todos os tempos e lugares. Cristo alcança também jovens como Jaime. A vida, que de fato é vida, floresce na confluência dos ministérios dirigidos tanto às massas quanto aos indivíduos.

Por que é difícil dizer essas coisas? Muitos estudiosos, tanto cristãos como descrentes, observaram como a cultura moderna esforça-se para oferecer uma avaliação e um tratamento "terapêuticos" para a situação humana. O drama da vida humana é definido e tratado como um problema médico-científico ao invés de um problema moral-religioso. Jaime é visto e tratado como se estivesse literalmente "doente" e não como alguém perdido dentro de um redemoinho de pecados básicos. Os problemas que Deus vê como de ordem moral – por exemplo, relacionamentos quebrados, reações aos diversos sofrimentos e às influências sociais, confusão de identidade pessoal, sentimentos de insignificância, escravidão aos vícios, inquietações emocionais – ficam debaixo da autoridade intelectual e profissional das profissões atuais que cuidam da saúde mental. Jaime tem todos os problemas que acabamos de mencionar, mas esses problemas são diagnosticados sem mencionar o seu (e nosso) pecado e a miséria diante de Deus. E os problemas são tratados sem fazer referência ao Cristo Vivo nem à dinâmica viva de arrependimento, fé e obediência.

Podemos lamentar a fome e sede de verdade no autoconhecimento moderno e nas tentativas de cura, ou ainda a superficialidade nas explicações não-bíblicas dos problemas pessoais. Todavia, a carência de uma verdade efetiva quase sempre envolve um problema duplo: um erro intenso prospera onde a verdade é invalidada ou deturpada. É fácil criticar a fertilidade e a variedade das novas filosofias que o mundo oferece como alternativa para o ministério. Mais difícil é reconhecer e remediar a esterilidade da nossa fé e prática. Se não somos capazes de aconselhar alguém como Jaime, significa que não entendemos bem a verdade que confessamos.

Reflita um pouco sobre algumas questões pessoais difíceis. Primeiro, até que ponto você conhece realmente as pessoas, inclusive você mesmo? Conhecer a si mesmo e aos outros é algo difícil. Deixe-me arriscar algumas generalizações. Em boa parte, as pessoas que seguem o rumo ministerial são executivos, formadores de opinião, palestrantes, administradores e planejadores. Em geral, não desenvolvem qualidades de bons observadores e ouvintes. Contudo, precisamos cultivar os dois

conjuntos de habilidades. A imagem de Deus é diversificada, bem como a Bíblia e o ministério.

Segundo, você é habilidoso em conhecer as pessoas? Você investiga as ações, os pensamentos, os sentimentos, os desejos, os medos e a história de vida de uma pessoa? Você avalia o contexto, percebe as "vozes" que influenciam essa pessoa, identificando e entendendo suas experiências significativas? Geralmente, agimos com uma visão limitada, buscando apenas por uma faixa de cor dentro da imensa extensão eletromagnética. Isso parece mais fácil. Faz nossas fórmulas parecerem mais plausíveis. Mas deixamos de lado o essencial, as coisas que realmente dão sentido à vida humana.

Terceiro, você consegue perceber como uma pessoa realmente muda – não apenas em conceitos teológicos, mas na prática? Você possui um senso prático e experiente da dinâmica de vida e dos processos? Você faz idéia de como o evangelho opera uma renovação progressiva na vida de alguém como Jaime? Como a verdade penetra o coração e se expressa na prática? Ou será que você ainda oscila entre as várias respostas convenientes que caracterizam o método das igrejas do século XXI para transformar vidas – moralismo, pietismo, exorcismo ou a inconsistência das psicologias seculares e dos medicamentos psico-ativos?

Jaime é "apenas" um adolescente, mas ele precisa de ajuda para crescer.

Dê ao seu Adolescente uma Visão da Glória de Deus

Tedd Tripp[1]

Os adolescentes necessitam de coisas magníficas e gloriosas na vida. Eles são idealistas e precisam de alvos nobres e grandiosos pelos quais viver. Mas os pais, com freqüência, concentram-se no "faça" e "não faça" da rotina diária e falham em apontar aos adolescentes as coisas verdadeiramente grandes da vida. Se desejarmos ser bem-sucedidos na tarefa de influenciar nossos adolescentes de forma santa, devemos manter cada coisa (mesmo as lutas) em seu devido lugar e focalizar a atenção no quadro maior que nos é proposto por Deus. As lutas, tanto dos pais quanto dos adolescentes, assumem um aspecto diferente e terminam de forma diferente quando as colocamos numa perspectiva correta.

Neste artigo, consideraremos estratégias para dar aos nossos adolescentes os recursos bíblicos para entenderem e interpretarem o seu mundo diante do grande quadro da glória de Deus.

Dê aos seus filhos uma visão da glória de Deus

Fomos criados para adorar

Nossos adolescentes buscam diariamente no mundo coisas com as quais possam se maravilhar. Eles estão à procura de algo que os impressione e amam deixar-se deslumbrar pelas coisas ao seu redor. Mas isso não acontece somente com nossos adolescentes. Todos nós fomos criados para ficarmos deslumbrados. Fomos criados para dar um passo atrás, ganhar perspectiva e ficarmos estupefatos, para nos maravilharmos e ficarmos extasiados pela glória, bondade e grandeza de Deus. Fomos criados de forma singular para responder à impressionante glória de Deus com louvor, adoração, reverência e temor. Sim, fomos criados para adorar.

O que acontece quando aqueles que são adoradores instintivos e compulsivos deixam de adorar a Deus? Eles simplesmente adoram alguma outra coisa em Seu

[1] Tradução e adaptação de *Dazzle Your Teen.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 23, n. 3, Summer 2005, p. 7-12.
Tedd Tripp é pastor titular de *Grace Fellowship Church* em Hazleton, Pensilvânia.

lugar. Ficam impressionados com coisas, pessoas e experiências do mundo criado. Ficam deslumbrados por ídolos. Porém, aquilo que Deus criou manifesta nada mais que a Sua glória. As pessoas – incluindo os adolescentes – não têm desculpas quando trocam a verdade de Deus por uma mentira (Rm 1.19-21) e honram, exaltam e admiram coisas criadas em lugar do Criador. Eles (e nós também) adoram ídolos ao invés de adorarem ao Deus único e verdadeiro.

O que governa os adolescentes? Os substitutos de Deus!

Um dia, minha esposa e eu levamos nossas netas para jantar num restaurante chinês. Quando estávamos saindo do restaurante, uma delas viu uma estátua de Buda e perguntou: "Vovô, quem é esse homem gordo?". Isso nos deu uma oportunidade para conversarmos sobre ídolos. Mas nossos filhos não adoram estátuas de Buda. Seus ídolos são mais sutis; eles adoram ídolos do coração. Considere alguns exemplos comuns.

> ***Orgulho e desempenho.*** Os adolescentes querem correr com maior rapidez, pular mais alto, atirar a bola mais certeiramente e pontuar mais do que os outros nas provas. Alguns deles chegam à exaustão buscando se sobressair, procurando ser os melhores em alguma coisa. Eles adoram os aplausos e louvores que ganham pelo desempenho excelente.
>
> ***Prazer e sensualidade.*** Os adolescentes amam o ímpeto de fazer coisas novas, ir a lugares novos e experimentar todo tipo de diversão que gere adrenalina para acelerar o coração. Os "esportes radicais" são expressão desse anseio por lançar-se em algo novo, extremo, excitante e emocionante. Há uma ligação direta entre o impulso por experiências sensoriais, o prazer e a cultura do tédio.
>
> ***Posses.*** Os adolescentes são como aqueles roedores que levam todo tipo de objetos para os seus ninhos. Eles colecionam muitas coisas, arrumam com esmero, expõem e querem ter a certeza de que ninguém irá tocá-las. São orientados para uma vida que consiste na abundância de pertences pessoais.
>
> ***Temor aos homens.*** Os adolescentes querem a aprovação e aceitação dos outros. Fazer parte da turma é de grande importância. Com freqüência, eles formam suas opiniões pelo que os outros pensam.

Nossos adolescentes fazem exatamente o que Romanos 1 descreve. Conhecem a maravilha e a glória de Deus e ficam deslumbrados por Sua beleza ou se prostram diante de ídolos sedutores.

Os pais e os adolescentes estão em terreno comum no que se refere à batalha pelo coração. Para identificar os ídolos de seu coração, faça a si mesmo as seguintes perguntas: O que me governa? O que faz a vida valer a pena? O que me dá tanto prazer e conforto que deixa Deus para trás? As respostas a estas perguntas identificam os ídolos de seu coração.

Nosso chamado como pais

No céu, seremos glorificados como criaturas *finitas* – não infinitas como Deus. Somente Deus pode ser infinito. O Deus infinito em Sua infinita glória irá nos deslumbrar. A cada novo dia ao longo da eternidade, veremos novas revelações das maravilhas de Deus. Há uma grandiosi-

dade em Deus que não pode ser sondada. Ele é imensurável. É sobre isso que fala o salmista. Somos chamados a contar os feitos de Deus à geração seguinte, perguntando: "Você já viu o quão glorioso e maravilhoso Deus realmente é?". Escute as palavras do salmista:

> Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável. Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos. Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade e nas tuas maravilhas. Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos, e contarei a tua grandeza. Divulgarão a memória de tua muita bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça. Benigno e misericordioso é o SENHOR, tardio em irar-se e de grande clemência. O SENHOR é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras. Todas as tuas obras te renderão graças, SENHOR; e os teus santos te bendirão. Falarão da glória do teu reino e confessarão o teu poder, para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos e a glória da majestade do teu reino. O teu reino é o de todos os séculos, e o teu domínio subsiste por todas as gerações. O SENHOR é fiel em todas as suas palavras e santo em todas as suas obras. O SENHOR sustém os que vacilam e apruma todos os prostrados. Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento. Abres a mão e satisfazes de benevolência a todo vivente. Justo é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras. Perto está o SENHOR de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade. Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes o clamor e os salva. O SENHOR guarda a todos os que o amam; porém os ímpios serão exterminados. Profira a minha boca louvores ao SENHOR, e toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre. (Sl 145.3-21).

Sugiro que você leia este Salmo de novo, mais lentamente. Sublinhe tudo aquilo que fala sobre Deus. O que sobrar é uma expressão de como reagir diante daquilo que você sublinhou!

Seus filhos foram programados para a adoração. Eles saem todos os dias em busca de deslumbramento. Uma das suas tarefas mais importantes como pai é expor o seu adolescente ao grande quadro da glória de Deus. A descrição de sua tarefa é esta: uma geração anunciará à seguinte os feitos de Deus.

Pense nas palavras do Salmo 4.6-7: "Quem nos dará a conhecer o bem? SENHOR, levanta sobre nós a luz do teu rosto. Mais alegria me puseste no coração do que a alegria deles, quando lhes há fartura de cereal e de vinho". Agora pense na época em que estes versículos foram escritos. O salmista vivia numa cultura agrária. Naquele tempo, as pessoas não tinham condições de conservar a colheita fresca nem de alterar o tempo da colheita. Elas tinham produtos frescos somente por um curto período. No restante do ano, viviam do alimento que secavam, salgavam ou conservavam em potes. Você consegue imaginar a alegria do tempo da colheita?

Nós ainda podemos ter alguma noção da alegria do tempo da colheita. Vou à

minha horta no verão e colho um lindo tomate amadurecido no pé, corto em fatias grossas, coloco entre duas fatias de pão caseiro crocante e acrescento alface e um pouco de maionese. Não há nada como um sanduíche de tomate no verão! Não se consegue fazer um sanduíche como esse com aqueles tomates de estufa que são vendidos no restante do ano. Mesmo em nossa cultura, não perdemos totalmente a noção da alegria dos tempos de colheita. Você consegue imaginar o quanto essa alegria era mais enfática nos tempos de Davi? "Ó Senhor, encheste meu coração de alegria maior do que a daqueles que têm fartura de trigo e vinho."

As maiores alegrias que podemos experimentar e os deleites mais profundos e prazeres mais plenos que podemos imaginar estão em conhecermos e amarmos a Deus. Davi fala da alegria verdadeira e duradoura no Salmo 16.11: "Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente".

Nossos adolescentes buscam o prazer, buscam algo em que se deleitar. Eles procuram coisas excitantes e deslumbrantes. Parte do nosso chamado diário é apresentar aos nossos adolescentes os deleites para os quais eles foram criados – os deleites de conhecer a Deus. À medida que nossos jovens tentam preencher seus apetites, precisamos ajudá-los para que entendam *o* maior de todos os prazeres. Precisamos trazê-los à nossa intimidade e compartilhar com eles como conhecemos a maravilha da presença de Deus e a glória de nos deleitarmos nEle. Você costuma compartilhar sobre a alegria que satisfaz a sua alma, aquela alegria que experimentamos quando usufruímos da presença de Deus? Você costuma conversar com seu adolescente sobre a presença de Deus, falando de forma pessoal e honesta? Isto é diferente de uma preleção ou exortação.

Os adolescentes precisam ouvir essa mensagem o tempo todo. Temos um Deus glorioso e encontramos vida quando O conhecemos. A vida não está na abundância de posses, na satisfação dos prazeres, na obtenção do sucesso ou de todas essas outras coisas. As maiores alegrias que você pode possivelmente experimentar como ser humano são aquelas encontradas na presença de Deus. Na eternidade, você continuará a expandir o seu entendimento desses prazeres eternos encontrados em Deus. A mais grandiosa das belezas, o maior valor, a satisfação mais profunda, a alegria mais duradoura, os prazeres mais plenos, as amizades mais maravilhosas e as experiências mais marcantes não se encontram nos lugares que freqüentamos, nas coisas que fazemos nem nos bens que possuímos. Elas estão no conhecimento de Deus.

O salmista também fala de homens que o atacavam.

> Levanta-te, SENHOR, defronta-os, arrasa-os; livra do ímpio a minha alma com a tua espada, com a tua mão, SENHOR, dos homens mundanos, cujo quinhão é desta vida e cujo ventre tu enches dos teus tesouros; os quais se fartam de filhos e o que lhes sobra deixam aos seus pequeninos. Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança.
> (Sl 17.13-15).

Você pode ver o quadro descrito neste Salmo? Em outras palavras, o salmista diz: "Estou no meio de uma situação terrível. Essas pessoas, cujos prazeres e re-

compensas estão nesta vida, posicionam-se contra mim. Eles deixam seus tesouros como herança para os seus filhos. Porém um dia, eu acordarei na presença de Deus e ficarei satisfeito".

Quanto, nesta vida, realmente satisfaz? Quanto promete satisfação sem realmente satisfazer? Os prazeres que satisfazem plenamente a alma, pelos quais os adolescentes anseiam, só podem ser encontrados quando conhecemos e amamos a Deus. Os pais e os adolescentes estão em terreno comum. Quando vemos nossos filhos buscarem satisfação em todo lugar, temos a oportunidade maravilhosa de apresentar a eles o único Deus que verdadeiramente satisfaz.

No Salmo 27, Davi depara-se com situações de extrema dificuldade: os homens maus avançam contra ele para destruí-lo, os exércitos o cercam, os inimigos o atacam e há uma guerra declarada. Ele é o alvo estratégico dos inimigos na batalha! Qual seria a tentação para a maioria de nós? "Senhor, tira-me disso! Socorro! Tira-me dessa situação!" Mas o que diz o salmista?

> Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo. (Sl 27.4).

Em Deus há verdadeira alegria, paz e conforto. Em Deus há verdadeira segurança, mesmo em meio a todos esses inimigos.

Vivemos num mundo caído

Nossos adolescentes enfrentam situações difíceis. Eles sabem o que é ser vítima de fofoca, ser humilhado, excluído, traído, pois vivemos num mundo caído. Eles se machucam seriamente nos esportes, não conseguem entrar na peça de teatro da escola, no time ou na faculdade que gostariam. Também vivem com pais que os desapontam e com irmãos que são egoístas. Porém, muito mais importante do que escapar de todos esses problemas, é conhecer a Deus em meio a toda a confusão da vida, ser alguém que habita na presença dEle e está firmado na rocha por Ele, alguém que está acima das contendas e das tempestades, pois está seguro no relacionamento com Deus – é para isso que fomos criados. O desejo de que a vida faça sentido e seja cheia de significado é, no final das contas, projetado para nos conduzir a Deus. Atente para a riqueza das palavras do salmista:

> A tua benignidade, SENHOR, chega até aos céus, até às nuvens, a tua fidelidade. A tua justiça é como as montanhas de Deus; os teus juízos, como um abismo profundo. Tu, SENHOR, preservas os homens e os animais. Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! Por isso, os filhos dos homens se acolhem à sombra das tuas asas. Fartam-se da abundância da tua casa, e na torrente das tuas delícias lhes dás de beber. Pois em ti está o manancial da vida; na tua luz, vemos a luz. (Sl 36.5-9).

Precisamos ajudar nossos filhos para que aprendam a se banquetear na fartura de Deus. Nossa mensagem consistente para eles deve ser sempre: "Não troquem a verdade por uma mentira, adorando coisas criadas ao invés do Criador. Vocês foram feitos para Deus e encontrarão plena satisfação conhecendo a Deus. A vida não está na fartura de bens materiais. Não está nos lugares que freqüentamos nem

naquilo que fazemos. Vocês foram criados para Deus. E esse Deus é maravilhoso, seguro, generoso e deslumbrante".

Interprete a vida relacionando-a a Deus

Seus adolescentes anseiam por uma resposta à pergunta "De que vale a pena viver? O que importa na vida?". Eles anseiam por uma causa que vá além da simples luta do dia-a-dia. Você e eles, como povo de Deus, têm disponível o único motivo autêntico para viver – aquilo para que fomos criados – uma visão da glória e excelência de Deus.

O evangelicalismo moderno fala raramente a respeito da glória de Deus. A salvação tornou-se uma simples transação de resgate quando fazemos a "oração do pecador penitente" e ganhamos nossa entrada carimbada para o céu. Mas o cerne do evangelho não é simplesmente ganharmos o direito de ir para o céu ao morrermos. O cerne do evangelho é o Deus glorioso, e a proclamação da salvação é a proclamação da glória de Deus (Sl 96. 3). Encontrar a vida é entender quem eu sou como Seu filho, redimido por Cristo. O coração "do reino" é o Rei. Estas são as verdades mais importantes que seus adolescentes precisam entender, são as grandes verdades pelas quais vale a pena viver e se sacrificar. Nelas encontramos razão para dizer não às paixões mundanas e pecaminosas.

Jesus disse: "O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo" (Mt 13.44). Aquele tesouro era deslumbrante. "Nada mais importa na vida. Eu preciso ter aquele campo!" É assim que Deus deve ser para os nossos adolescentes, bem como para nós mesmos. Parte de seu chamado diário como pai é dar aos seus filhos razões para buscarem o conhecimento deste Deus maravilhoso.

Interprete as circunstâncias da vida relacionando-as a Deus

Devemos interpretar as circunstâncias da vida relacionando-as a Deus. Por quê? Porque a vida não é determinada pelas circunstâncias. Vivemos a partir de como *interpretamos* essas circunstâncias e como reagimos a elas. Precisamos interpretar para saber como *responder*. A chave da interpretação correta das circunstâncias da vida é a Pessoa e o caráter do Deus da Bíblia, e a única coisa que capacita nossos adolescentes a interpretarem corretamente a vida é estarem deslumbrados por Deus. Quanto mais eles estiverem deslumbrados por bens materiais, amizades, relacionamentos, habilidades e conquista de resultados, menos eles estarão equipados para interpretar a vida corretamente. Quando apreciamos mais aquilo que não tem valor duradouro do que aquilo que é eternamente valioso, não conseguimos interpretar corretamente a vida. Parte do nosso chamado é ajudar nossos adolescentes a passarem pela vida interpretando suas circunstâncias e condições corretamente.

Temos uma ilustração maravilhosa dessa verdade na vida de José. Coisas terríveis aconteceram com ele ao longo de sua vida. Ele foi traído repetidas vezes. Contudo, no fim de seus dias, ele pôde dizer aos irmãos: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (Gn 50.20). O que preservou José de tornar-se um homem amargo, irado, cínico e duro? Por que ele não se vingou de seus irmãos quando teve a oportunidade?

Porque ele tinha uma lente bem focada para interpretar sua experiência de vida: a glória do Deus da Bíblia. Se você quer que os seus filhos interpretem a vida corretamente, você precisa lhes dar uma visão deslumbrante de Deus.

Nenhum de nós é obrigado a pecar. Pecamos porque encontramos prazer no pecado. Parte de nossa tarefa, portanto, é ajudar nossos adolescentes a entenderem que os prazeres do pecado são passageiros. As alegrias concretas e os prazeres duradouros pertencem ao povo de Deus. Como disse Agostinho, "Fomos feitos para Deus e não teremos descanso até descansarmos nEle".

Se vamos expor essa visão aos nossos adolescentes, nós mesmos temos que estar deslumbrados por Deus. Você não consegue dar aquilo que não tem. Devemos interpretar nossas vidas pela lente da glória de Deus e precisamos ser pessoas maravilhadas por Deus, de tal modo que nossos corações transbordem da maravilha da Sua glória.

Pelo que observei em conversa com inúmeros pais, eles raramente expõem a glória e maravilha de Deus aos seus adolescentes; entretanto, alimentam os ídolos dos adolescentes dando-lhes uma superabundância de bens materiais. Pais e filhos não encontram tempo para estarem juntos nas refeições, quanto mais para orarem juntos ou terem um culto de família. As atividades intensas os mantêm correndo em todas as direções. O povo de Deus caminha a par da cultura secular, que procura significado e realização numa busca insana por prazeres, posses e desempenho. Em algum momento, precisamos chegar à conclusão de que a vida não está nessas coisas, mas em conhecer e amar a Deus. Você e eu precisamos ser pessoas pessoalmente deslumbradas por Deus para que, ao falarmos com nossos adolescentes, nossos corações transbordem das Suas maravilhas. Não troque a verdade por uma mentira, adorando e servindo coisas criadas ao invés de adorar ao Criador.

A vida cristã começa com glória. Paulo nos diz que Deus mesmo fez Sua luz brilhar em nossos corações a fim de iluminar o conhecimento da glória de Deus na face de Cristo Jesus (2Co 4.6). Quando vemos a face de Cristo, ficamos maravilhados, queremos conhecê-lO pessoalmente e surge, então, a fé. Até então, estávamos cegos (2Co 4.4). "E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2Co 3.18). A palavra "contemplar" tem o sentido de meditar, refletir, observar. Nós observamos, meditamos, contemplamos a glória do Senhor e somos transformados segundo a Sua imagem.

Você sabe como ficar deslumbrado com a glória de Deus? Olhe para Jesus Cristo. Nós nos aproximamos de Deus e somos transformados à imagem de Cristo quando olhamos para Ele. Quanto mais você O contemplar, quanto mais você meditar nEle, quanto mais você encher sua mente com verdades sobre Ele, quanto mais você O observar em ação nos Evangelhos, tanto mais você O conhecerá. À medida que observamos a glória de Cristo, percebemos que é para isso que fomos criados e nisso está a vida verdadeira.

Seus adolescentes precisam de algo pelo qual valha a pena viver e também morrer. Somente uma coisa é tão grande *assim*: nosso maravilhoso Deus. Procure encontrar o caminho para mostrar aos seus filhos a glória de Deus e você os ajudará a fazerem escolhas corretas, pois é impossível fazerem escolhas sábias sem que

entendam quem é Deus. Também é impossível serem sábios nas amizades ou controlados no comportamento sem que entendam quem é Deus. Dê aos seus adolescentes uma visão deslumbrante de Deus!

Comunique-se com os Adolescentes



Tedd Tripp[1]

A vida dos adolescentes é bastante complexa. Forças poderosas competem por sua atenção. Com freqüência, eles se sentem inseguros. Preocupam-se com sua aparência. Gastam muito tempo arrumando seus cabelos e roupas. Trocam de roupa de três a quatro vezes antes de sair e treinam em frente ao espelho, conversando consigo mesmos: "Será esse o meu sorriso mais agradável?", "É esse o meu melhor perfil?", "Será que as pessoas vão gostar de mim?", "Terei muitos amigos?".

Os adolescentes sentem-se vulneráveis diante do mundo dos adultos. Em dado momento, os adultos dizem: "Se você quer ser tratado como um adulto, comporte-se como tal". Quando os adolescentes agem como adultos, estes dizem: "Pare de tentar se mostrar, você ainda é uma criança". Por esse motivo, os adolescentes nunca sabem exatamente o que é esperado deles. Bombardeados de todos os lados, eles são instáveis em seu mundo das idéias e não sabem o que pensar ou por que pensar. Às vezes, colocam à prova algumas de suas idéias dizendo durante o jantar algo que excede os limites. E esperam que os pais mostrem por que aquelas idéias estão erradas. Muitas vezes, pegos desprevenidos pelos comentários absurdos de seus filhos, os pais reagem exageradamente.

Os adolescentes são emocionalmente instáveis. Num primeiro minuto, sentem-se maravilhosamente felizes. No minuto seguinte, sentem-se como se o seu mundo tivesse acabado pela terceira vez no mesmo dia. Suas vidas são como montanhas-russas emocionais; é difícil encontrar solo firme.

Eles enfrentam tentações e problemas semelhantes aos dos adultos: um amigo que comete suicídio, os desejos e oportunidade para a prática do sexo, o acesso às drogas e ao álcool, o conhecimento de que um amigo está sofrendo abusos ou a lembrança das próprias experiências de agressão ou abuso. Os adolescentes,

[1] Tradução e adaptação de *Communicate with Teens*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 23, n.3, Summer 2005, p. 28-37.
Tedd Tripp é pastor titular da *Grace Fellowship Church em Hazleton*, Pennsylvania.

porém, enfrentam esses problemas pela *primeira* vez em suas vidas.

Os adolescentes estão apreensivos quanto ao seu futuro. Questionam-se a respeito da possibilidade de alcançarem um futuro promissor. Quem serão meus amigos? Será que encontrarei alguém para amar? Encontrarei alguém que me ame?

Precisamos interagir com os nossos adolescentes com uma grande dose de sabedoria e cuidado. Precisamos nos comunicar com eles.

Perigos comuns ao lidarmos com os adolescentes

Os adolescentes provocam uma variedade de reações nos adultos – algumas vezes boas, e outras vezes nem tanto. Em algumas situações, eles estimulam nossas piores reações. Confira se você se identifica com alguma das seguintes ciladas:

1. Espionagem: Você se lembra do desenho animado "Tom e Jerry", onde um sempre perseguia o outro e acabavam entrando em encrencas? Muitos pais desenvolvem esse tipo de relacionamento com seus adolescentes. Os adolescentes fazem o possível para escapar de seus pais e estes, por sua vez, tentam pegá-los o tempo todo. Eles entram num jogo de gato e rato! Certa vez, uma mãe escondeu-se no meio de arbustos em frente à casa da amiga da filha para ver se a filha estava lá, namorando escondido. Para sua infelicidade, a filha e a amiga descobriram-na. A mãe ficou arrasada. É muito fácil cairmos nessa cilada de espionagem quando desenvolvemos um relacionamento de gato e rato com nossos filhos.

2. Descompromisso: Tempos atrás, perguntei a outro pastor: "Qual é o maior problema que você identifica ao lidar com os pais crentes e seus adolescentes?". Sem hesitar, ele respondeu: "Os pais renunciam". Os pais desistem do compromisso de procurar ser uma influência edificante para seus adolescentes. Eles limitam seu envolvimento à simples tarefa de estabelecer os horários de voltar para casa e estipular as conseqüências do não cumprimento das regras. Os adolescentes são mais influenciados por seus amigos do que por seus pais. Os pais costumam pensar: "Eles não se importam comigo ou com o que eu penso. Basta um pedido meu e eles fazem exatamente o contrário". Ao invés de permanecerem no campo de batalha na época mais importante da vida dos seus filhos, os pais desistem da tentativa de serem uma influência positiva sobre eles.

3. Autoritarismo *versus* influência: Quando falo em autoritarismo, não estou me referindo ao exercício apropriado da autoridade, mas ao excesso de severidade: "Você não consegue escapar de mim por nada neste mundo! Estarei sempre um passo à sua frente. Seu castigo será ainda pior da próxima vez!". Em lugar de sermos mais autoritários, precisamos acompanhar nossos adolescentes e exercer uma influência mais positiva sobre eles. Precisamos ser pessoas a quem eles dão ouvidos, pessoas que lhes mostram amor e os ajudam a serem bem-sucedidos naquilo que querem realizar, e assim ganham o direito de falar com eles. Se eu dissesse que o Presidente nunca toma uma decisão sem me consultar e que ele sempre faz o que eu sugiro, quanta autoridade eu teria no governo? Nenhuma. Mas eu teria uma grande influência por ter a atenção do Presidente. Queremos nos tornar pessoas de influência sobre nossos adolescentes. Queremos que eles se disponham a ouvir o que dizemos. Na trajetória da infância à

idade adulta, a autoridade dos pais diminui, porém sua influência deveria aumentar.

4. Palavras duras*:* Provérbios 12.18 diz que "há palavras que ferem como espada, mas a língua dos sábios traz a cura". Certa noite, eu estava conversando com um casal em sua casa. A filha desceu a escada vestida como uma mulher de rua. Seu pai dirigiu-se rispidamente a ela: "Aonde você pensa que vai? Você parece uma prostituta!". Ela respondeu: "Vou sair!". E bateu a porta. Ele se virou novamente para mim para continuarmos nossa conversa educada. Foi horrível. Havia razão para os pais ficarem preocupados aquela noite? Sim, havia. Algo precisava ser dito e feito, mas as palavras foram ríspidas, destrutivas. Aquele pai não falou com a língua do sábio que traz cura.

5. Atenção concentrada em coisas menos significativas: Os pais têm a tendência de centrar a atenção em questões de gosto e moda. Os adolescentes querem vestir-se a seu jeito. Geralmente, precisamos deixá-los fazer isso. Mas é preciso escolher cuidadosamente quais batalhas travar. Precisamos nos concentrar em aspectos que têm um significado moral e colocam em risco as verdades bíblicas. Quando eu era adolescente, os rapazes usavam barba e deixavam os cabelos à altura dos ombros. A geração do meu filho rapa a cabeça e deixa um cavanhaque. Cada geração quer diferenciar-se da anterior. Não se perca em discussões sobre gosto e moda que não têm um significado ético e moral em longo prazo.

Os objetivos dos pais para os anos da adolescência

O que desejamos concretizar nos anos da adolescência de nossos filhos? Como faremos para atingir os objetivos? Queremos ver os nossos adolescentes internalizarem o evangelho de Jesus Cristo como sua fé pessoal e viva. Queremos vê-los agarrados à verdade e andando de tal forma que se nós, pai ou mãe, desviarmo-nos da fé, eles continuarão a ser fiéis. Para tanto, precisamos cultivar sua interação com a verdade da Palavra de Deus. Com muita freqüência, usamos as nossas palavras quando deveríamos usar as palavras da Bíblia. A Bíblia diz que a palavra que sai da boca do Senhor não volta vazia, mas cumpre os Seus propósitos (Is 55.11). *Meus* discursos podem se perder, mas o Espírito de Deus trabalha por meio da Sua Palavra.

Imagine-se chegando à sua casa de noite e encontrando seus filhos assistindo a um programa impróprio na TV. Se você for discutir com eles se deveriam estar assistindo àquilo ou não, com certeza vai perder. Eles dirão: "Ah, pai, eu ouço coisas muito piores que essas no ônibus ou na escola. Se você não quer que eu ouça este tipo de palavras, não me mande mais para a escola!". Você pode, porém, levá-los às Escrituras e dizer: "Eu sei que vocês ouvem isso no ônibus e que estas palavras estão em toda programação da TV. Mas qual a sua reação diante disso?". Então, leia com eles as palavras de Paulo aos Efésios.

> Mas a impudicícia e toda sorte de impurezas ou cobiça nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos; nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças. Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs; porque, por essas coisas, vem

> a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto, não sejais participantes com eles. Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz (porque o fruto da luz consiste em toda bondade, e justiça, e verdade), provando sempre o que é agradável ao Senhor. E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha. (Ef 5.3-12)

O que significa levar a sério essa passagem bíblica? O texto de Efésios 5 acaba de desqualificar noventa por cento da programação da TV no horário nobre! Você pode dizer aos seus filhos: "Sua discussão não é comigo, queridos. Eu não escrevi esse livro. Essa é a Palavra de Deus. Essa é a maneira como Deus vê aquilo com que nos entretemos. Precisamos viver de acordo com o que Deus diz. Vocês querem o bem ou o mal?".

Imagine sua filha adolescente falando de forma desrespeitosa e grosseira com suas irmãs mais novas. Você poderia dizer: "Não quero ouvi-la falar dessa maneira. Quem você pensa que é, madame?". Quando repreendemos nossos filhos usando a mesma forma desrespeitosa ou grosseira, criamos animosidade entre nós. Porém, você poderia dizer: "Vamos conversar sobre o que você acabou de falar e como falou". Veja o que Deus diz em Tiago 3:

> Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras. Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins. (Tg 3.13-16)

Essa passagem desaprova a maneira grosseira de falar. Ela ajuda a evitar discussões inflamadas com seus adolescentes, pois desafia a ambos, e ainda oferece esperança: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Tg 4.6).

A Palavra de Deus desafia-nos a pensar nas palavras que pronunciamos. O seu falar refletiu a sabedoria do alto, que é pacífica, gentil, submissa, cheia de misericórdia e bom fruto, imparcial e sincera? Ou foi sabedoria terrena, cheia de inveja, ambição egoísta, confusão e toda prática do mal? Jesus é misericordioso. Vamos pedir ajuda a Ele! Ajude os seus adolescentes a avaliarem sua linguagem por meio dos critérios da Palavra de Deus. Ajude-os a encontrarem auxílio vindo de Deus. Em todas as áreas, pastoreie e cultive as interações dos seus adolescentes com a Palavra de Deus.

Pastoreie os adolescentes nos períodos de dúvida

Os anos da adolescência são, com freqüência, anos de luta com questões de fé. Isso é também verdadeiro para os adolescentes criados em lares cristãos. Quando crianças, eles acreditam em tudo o que você lhes conta sobre Jesus, seus milagres e tudo mais. Eles acreditam porque papai e mamãe dizem que é verdade. À medida que crescem, porém, eles descobrem que algumas pessoas inteligentes lá fora não acreditam naquilo em que você crê. Eles lutam com a pergunta: "Será que acredito nessas coisas porque fui ensinado assim

ou porque *eu* realmente creio nelas?". É enfrentando perguntas maduras que se chega a uma fé matura.

Pastoreie seus adolescentes nos inevitáveis períodos de dúvida. Não os desafie: "Como você pode questionar a Pessoa e a existência de Deus depois de tudo o que lhe ensinamos?". De preferência, diga: "Quais são suas perguntas? Vamos conversar a respeito delas. Sua mãe e eu não somos cristãos porque fechamos nossas mentes. Cremos que nossa fé é uma fé racional. Você terá problemas para compreender a vida se não crer naquilo que lhe ensinamos ao longo dos anos. Nós também tivemos que aprender isso". Ajude-os a refletirem nessas coisas. Como em qualquer corrida de revezamento, você corre ao lado do outro corredor até ter certeza de que ele pegou firme o bastão e, então, deixa que ele vá adiante sozinho.

Pastoreie seus adolescentes com palavras agradáveis. As palavras agradáveis promovem instrução. Provérbios 16.24 diz: "Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo". Elas são edificantes, prazerosas, construtivas. Os pais, com freqüência, sentem que seus filhos estão se afastando deles e aumentam as chances disso acontecer falando de forma destrutiva. Precisamos tomar outro rumo. É necessário usar palavras agradáveis, doces para a alma e que trazem cura para os ossos. Queremos desenvolver relacionamentos que levem à mutualidade como adultos diante de Deus. *Você está criando filhos para se tornarem adultos e irmãos na comunhão cristã*!

Questões básicas

O primeiro capítulo de Provérbios descreve três questões básicas para os anos da adolescência. Estude esse capítulo e discuta essas questões básicas com seus adolescentes. Primeiro, a opinião de Deus é a mais importante. Ele nos vê e mede tudo o que fazemos. Segundo, os filhos precisam ouvir seus pais e guardar as palavras sábias que eles dizem. Terceiro, temos que ser cuidadosos na escolha das nossas amizades.

1. Tema ao Senhor.

> O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos des-prezam a sabedoria e o ensino. (Pv 1.7)

Deus nos vê e nos mede. Esse é o ponto de partida da sabedoria. Vivemos em tempos perigosos e nem sempre a Igreja chama nossa atenção para aquilo que mais precisamos ouvir. Por exemplo, o evangelicalismo moderno enfatiza a imanência de Deus. Deus está conosco. Ele é nosso amigo e companheiro. Uma verdade maravilhosa está contida na imanência de Deus. Mas não temos enfatizado da mesma maneira a transcendência de Deus. Deus é um Deus Santo. Ele é soberano. Ele é um Deus que devemos adorar com reverência e temor. Precisamos enfatizar a transcendência do nosso Deus poderoso e majestoso a quem os sábios temem.

O evangelicalismo moderno freqüentemente perde esse aspecto. Por exemplo, ao invés de sermos levados à presença de um Deus glorioso e tremendo, é bastante comum reduzimos o louvor a um entretenimento. Nos últimos cinqüenta anos, nos círculos evangélicos, temos jogado fora a mais rica coleção de hinos que a igreja já teve. Em muitos casos, os hinos têm sido substituídos por cânticos cujo ritmo marcamos com os pés ou com palmas, mas que carecem da profundidade, beleza e majestade dos hinos das gerações passadas. Isso é parte de um distanciamento da

noção de um Deus transcendente que é glorioso, majestoso, santo, tremendo, maravilhoso, um Deus que deve ser temido, louvado e reverenciado. Nossos filhos precisam dessa verdade. Eles precisam conhecer o GRANDE Deus que os ama. O temor do Senhor é o primeiro passo em direção à sabedoria.

Minha esposa e eu fomos abençoados com três filhos, que nasceram em um período de cinco anos. Eles caminharam juntos na vida. Quando nossos filhos eram pequenos, lemos com eles as histórias do Antigo e Novo Testamentos. Mais adiante, quando começaram a questionar muitas coisas, lemos as epístolas. Reunidos em volta da mesa da cozinha, dissecamos as epístolas de Paulo e compilamos seus ensinos, trabalhando naqueles argumentos meticulosamente arrazoados. Quando nossos filhos eram adolescentes, lemos os profetas. Qual é o tema dos profetas? Eles falam de julgamento, da santidade de Deus. Falam de um Deus que é puro e santo, que não tolera o pecado, não deixa passar nada e está disposto até mesmo a lançar o povo da aliança fora da Terra Prometida para preservar somente um remanescente fiel. Ele não aceita escárnio nem zombaria, e não faz vista grossa ao pecado. Noite após noite, em nossa leitura, deparávamos com cenas de julgamento. Às vezes, eu até me questionava: "Será a melhor coisa a fazer?". Certa noite, estávamos sentados à mesa e um silêncio santo envolvia-nos ante uma dessas terríveis cenas de julgamento. Um dos filhos quebrou o silêncio e disse: "Pai, em vez de termos adesivos de carro dizendo 'Sorria, Deus te ama', deveríamos ter adesivos que dissessem 'Trema, Deus é fogo consumidor'". Há verdade nisso, não é mesmo? De fato, o amor de Deus não pode ser compreendido sem entendermos a ira do Deus santo.

Por que Cristo, pendurado no madeiro entre o céu e a terra, bradou em alta voz "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" Por que Deus derramou Sua ira sobre o Seu filho? Porque Ele é um Deus santo. Ele não pode fazer vista grossa ao pecado. De modo nenhum Ele pode nos aceitar no céu a não ser que o nosso pecado seja expiado. Por amor a nós, Deus derramou Sua ira sobre o Seu Filho a fim de poder nos receber no céu. Ele desviou o rosto de Seu Filho a fim de poder voltá-lo para nós. Não podemos entender a morte de Cristo sem entendermos a ira do Deus santo contra o pecado e sem entendermos um pouco do temor ao Senhor. Seus filhos adolescentes precisam desesperadamente aprender sobre o temor ao Senhor. Por essa razão, é tão importante apresentá-los a um Deus grande e glorioso, para que Deus possa ser do tamanho que Ele deve ser em suas vidas – não pequeno e insignificante na órbita tangencial da vida, mas ocupando lugar de honra. O temor do Senhor é princípio da sabedoria.

2. Lembre-se das palavras dos seus pais

> Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe. Porque serão diadema de graça para a tua cabeça e colares para o teu pescoço. (Pv 1.8,9)

Mais adiante em Provérbios, Salomão desenvolve esta idéia.

> Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe; ata-os perpetuamente ao teu coração, pendura-os ao pescoço. Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo. Porque o mandamento é lâmpada, e a instrução,

luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida; para te guardarem da vil mulher e das lisonjas da mulher alheia. (Pv 6.20)

Salomão recomenda com insistência ao filho: "Lembre-se das palavras dos seus pais". Durante os anos da adolescência, precisamos nos conectar com nossos filhos e dizer coisas como: "Querido, eu amo você. Tenho um compromisso com você. Por favor, não permita que estes anos o distanciem de mim". Você não precisa usar estas palavras, mas é preciso estimular os adolescentes a enxergarem a sabedoria que há em se agarrarem àquilo que os pais falam e ensinam e a não se afastarem deles.

Se você não falar com seus filhos, quem o fará? Esta não é certamente a mensagem da nossa cultura. Infelizmente, até um ministério cristão dirigido aos jovens pode afastar os filhos de casa e da família. Margy foi com um grupo de alunos de nossa escola a uma grande conferência cristã para jovens. O palestrante, um jovem rapaz, levantou-se e disse: "Quero que todos vocês mais velhos saiam da sala. Esses adolescentes não falarão comigo abertamente se vocês estiverem presentes". Então, todos os adultos maduros e sábios, com anos de experiência, deixaram a sala. Todos, exceto Margy. Aquele palestrante deveria ter se levantado e dito: "Jovens, olhem para essas pessoas mais velhas que trouxeram vocês aqui. Vamos agradecer ao Senhor por elas. Elas têm se sacrificado para que vocês possam receber uma educação cristã, têm renunciado a carros novos e férias em lugares privilegiados. Vamos agradecer a Deus por elas". Mas, ao invés disso, qual foi a sua mensagem? "Vamos tirar esses velhos daqui, pois eles não nos entendem." Essa não é a mensagem que nossos adolescentes precisam ouvir. O ministério de jovens da igreja precisa concentrar-se em construir uma ponte até as famílias, certificando-se que está ministrando junto com os pais, como deve estar. Nossos filhos precisam enxergar a importância de aderirem à orientação paterna e à sabedoria.

3. Dissocie-se do mal.

Filho meu, se os pecadores querem seduzir-te, não o consintas. (Pv 1.10)

Nossos jovens enfrentam a sedução de pecadores. Os perversos tentam conduzi-los a toda forma de mal: perversão e permissividade sexual, uso de drogas, roubo, desrespeito às autoridades, negligência ao dirigir, mentiras e muito mais. Precisamos preparar nossos filhos para reconhecerem esses perigos e reagirem diante deles. Procure treiná-los em situações do tipo: "Como você sai de uma conversa que está se tornando arriscada? Como você sai de um carro quando os jovens que estão com você decidem ir a lugares impróprios ou fazer coisas nas quais você não deve tomar parte? Como você sai da situação e diz: 'Deixem-me descer aqui. Ligarei para os meus pais. Conseguirei uma carona para casa. Até mais, rapazes.'". Ajude os adolescentes a desenvolverem convicções e estratégias que possam usar para se livrarem de situações perigosas.

Lembre-se de que os pecadores que tentam seduzir seu filho para todas as formas do mal não são velhos de capa preta. São os outros jovens com quem ele convive: jovens que entram na sua casa e chamam vocês de tios – os adolescentes da escola, do grupo de jovens da igreja, do time de futebol e da vizinhança. Você pensa que a maioria desses adolescentes são bons companheiros. Porém, não pressuponha que você será sempre capaz de

identificar ou reconhecer aqueles que representam maior perigo para os seus adolescentes.

Certa vez, meu irmão Paul e sua esposa viajaram no final de semana. Eles fizeram acertos para que seus filhos ficassem com outras famílias da igreja. O filho mais velho foi para a casa de um amigo após sair do trabalho, na sexta-feira à noite. Mas quando chegou lá, viu que algo deu errado no que haviam planejado. Os pais de seu amigo também tinham ido passar o final de semana fora e o rapaz convidou mais amigos para se juntarem a eles. Esses adolescentes estariam no controle da casa durante todo o fim de semana. Logo alugaram filmes pornográficos. O filho de Paul ama ao Senhor, e suplicou que os amigos não fossem adiante com aquilo. Mas, logicamente, seguiram em frente. Mais tarde, Paul perguntou ao seu filho: "O que você fez enquanto eles estavam assistindo aos filmes?". Ele disse: "Fiquei na cozinha comendo salgadinhos. Quando eles terminaram, juntei-me a eles novamente". Ele teve sabedoria para sair daquela situação. Precisamos treinar nossos filhos para fazerem isso.

Qual é a "sedução" de estar com pecadores? O que eles oferecem ao seu adolescente? Encontramos algumas dicas nessa passagem.

> Se disserem: Vem conosco, embosquemo-nos para derramar sangue, espreitemos, ainda que sem motivo, os inocentes; traguemo-los vivos, como o abismo, e inteiros, como os que descem à cova; acharemos toda sorte de bens preciosos; encheremos de despojos a nossa casa; lança a tua sorte entre nós; teremos todos uma só bolsa. Filho meu, não te ponhas a caminho com eles; guarda das suas veredas os pés. (Pv 1.11-15)

Você entende o que é isso? É camaradagem. É o sentimento de pertencer. É uma promessa de coisas boas. Precisamos oferecer uma alternativa, ou seja, precisamos fazer da nossa casa um lugar onde nossos adolescentes desejem estar. Precisamos dar as boas-vindas aos seus amigos, compreendê-los e participar dos seus interesses o quanto pudermos. Precisamos conversar com eles e tomar parte com eles na vida diária. Precisamos ter momentos nos quais também podemos influenciar os seus amigos. Há tantos jovens sem estrutura familiar em nossa cultura. Não faltarão adolescentes em sua casa!

Tínhamos – e ainda temos – um balanço de corda em frente à nossa casa. Dois ou três adolescentes balançavam na corda enquanto outros esperavam a sua vez. Margy e eu sentávamos na varanda, muitas vezes, e dizíamos: "Quem poderia acreditar nisso?". Nunca faltaram jovens à nossa volta.

Quando outros adolescentes vêm à sua casa, é inevitável que alguém derrame uma lata de Coca-Cola em sua sala de estar. Eles sentam com os pés nos móveis e quebram algumas de suas coisas. Mas que diferença faz? Um dia seus filhos chamarão um caminhão de entulho e jogarão seus tesouros no lixo. Eles guardarão poucos dos tesouros da sua vida como lembranças da infância deles! Que diferença faz se as suas coisas se desgastarem pelo reino de Deus? É um preço baixo a pagar para influenciarmos nossos adolescentes e seus amigos.

Nas vizinhanças de nossa casa, há algumas cascatas. Quando nossos filhos eram adolescentes, fazíamos tochas com latas, corda, querosene e cabos de vas-

soura, e descíamos montanha abaixo, até às cascatas, à noite. Perto das cascatas, há construções de pedra de mais de duzentos anos e enormes arcos de pedra. Nossos filhos sentiam-se como Gandalf caminhando com as tochas. Durante vários anos, demos as boas-vindas ao Ano Novo com uma turma de adolescentes, lá embaixo nas cascatas, tocando violão, cantando, lendo passagens da Bíblia e conversando com eles sobre assuntos variados. Nunca houve falta de adolescentes e tínhamos influência sobre tantos outros, além dos nossos filhos.

O que pode incentivar os adolescentes a escolherem o temor do Senhor, a lembrança constante das palavras dos pais e os amigos bem escolhidos?

O sentimento de pertencer e a comunicação

Precisamos cultivar em nossos lares um forte sentimento de pertencer. Nossos lares devem ser lugares onde os filhos tenham aceitação garantida, sejam acolhidos e sintam-se participantes. Nossos lares devem ser lugares onde interagimos com eles. Não podemos deixar que eles adquiram seu senso de identidade a partir de outras pessoas ou lugares fora do lar.

Devemos organizar a vida de forma que tenhamos tempo para estar com nossos filhos durante seus anos de adolescência. Esses anos passam voando. Não se permita estar tão ocupado com suas conquistas a ponto de não ter tempo para se envolver com seus filhos e investir neles.

Certa vez, no verão, levamos nossos filhos para umas férias ciclísticas. Partimos de bicicleta de nossa casa no nordeste da Pensilvânia, fomos até as Cataratas do Niágara e voltamos, percorrendo em torno de mil quilômetros. Levamos nossas barracas, os sacos de dormir e tudo mais em nossas bicicletas. Andávamos em torno de oitenta a cento e vinte quilômetros todos os dias. Antes de entrarem em suas barracas à noite, eles tinham que registrar em seus diários o percurso do dia. Quando voltamos para casa, lemos o que eles escreveram nos diários, um dia de cada vez, após o culto da família. Os seus registros revelavam que eles tinham participado de algo especial naquele verão. Eles chamaram esse evento de "alta aventura". E essa "alta aventura" teve como base a família.

Se quisermos criar esse sentimento de pertencer, teremos que nos envolver na comunicação. A maioria das pessoas pensa que comunicação é a habilidade de expressar nossas idéias com palavras. Porém, a mais fina arte da comunicação é ser capaz de extrair as idéias de outra pessoa. "O insensato não tem prazer no entendimento, senão em externar o seu interior" (Pv 18.2). Quantas vezes somos insensatos em nossas conversas? Temos prazer apenas em expor os nossos pensamentos em lugar de entender a outra pessoa.

Certa noite, tive uma conversa com um dos meus filhos, que me deixou de calças curtas. Eu tinha algo a lhe dizer. Fui até o seu quarto, na hora de dormir, falei o que eu queria e depois disse: "Vou orar por você antes de ir. Estou feliz que tivemos essa chance de conversar, e agora vou dormir". Orei por ele e fui me deitar. Alguns minutos depois, ele estava batendo à porta. "Papai, você está acordado?" Eu respondi: "Claro, entre". Ele disse: "Papai, só queria dizer que quando você saiu do quarto, você disse que ficou feliz porque tivemos a oportunidade de conversar. Eu só queria dizer que eu não disse nada". Eu respondi: "Perdoe-me. Eu tive uma boa oportunidade para falar. Você

teve um bom tempo de escuta". Ele disse: "Mais ou menos". Então perguntei: "Se você tivesse dito alguma coisa, o que seria?". E ele me respondeu: "Eu não sei. Não importa agora. Eu só queria dizer que eu não disse nada".

Comunicar-se com os seus adolescentes não é sempre uma tarefa fácil. Você tem que se esforçar para acertar. Quanto a mim, agi como um insensato naquela noite. Eu poderia ter dito tudo o que queria, mas num contexto de extrair de meu filho suas idéias. Em lugar disso, eu quis apenas desafogar meu peito para que pudesse ir logo dormir. Não fui cruel nem grosseiro com minhas palavras, mas fui um tolo. Eu lhe ofereci um monólogo ao invés de engajá-lo em um diálogo.

"Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha" (Pv 18.13). Quantas vezes fazemos isso? Você diz ao seu adolescente: "Já sei o que você vai pedir. A resposta é não!". "Mas, pai, nem tive a oportunidade de fazer minha pergunta." "Você não precisa fazer sua pergunta! Antes que a palavra chegue à sua boca, eu já a conheço. Não é isso que a Bíblia diz?" Nossos filhos nunca saem dessas conversas pensando "Fantástico! É ótimo ter um pai que pode ler as mentes". Quando eles estão no aquecimento, nós já estamos driblando e fazendo o gol. "Antes de eu terminar minha pergunta, você já disparou o seu *Não*." Desta forma, seu filho sente-se alheio a você, como se nem pudesse abrir caminho até aos pais. É um lugar perigoso para se estar. Faça o contrário com seus filhos. Abra oportunidades de comunicação. Abra espaço para a interação. "Como águas profundas, são os propósitos do coração do homem, mas o homem de inteligência sabe descobri-los" (Pv 20:5). Muitas vezes, parece existir um vácuo, mas os adolescentes realmente têm águas profundas no coração. Aprenda a trazê-las à tona.

Margy está aconselhando uma moça cuja família não a insere nas conversas. Não queremos tomar o lugar da família, mas ajudar na comunicação. Nesse processo, Margy costuma pedir à moça para pensar em algumas questões antes de voltar na semana seguinte para um novo encontro. Ela vai para casa e escreve páginas incrivelmente profundas de análise criteriosa sobre ela e sua família. Existem águas profundas no coração daquela jovem, porém seus pais não têm sido capazes de trazê-las à tona. É preciso fazer perguntas abertas, perguntas isentas de julgamento, que convidem à conversa e interação.

Podemos estabelecer uma semelhança com a encarnação. O que Deus fez na encarnação é impressionante. Ele poderia ter permanecido bem longe no céu e simplesmente falado conosco em nuvens, relâmpagos, fogo e raios. No entanto, Cristo veio e habitou conosco. Ele se fez carne como nós, habitou num corpo como o nosso, com as limitações que nós temos. Experimentou tudo quanto experimentamos, sentiu fome, sede e cansaço no poço de Jacó em João 4. Chorou no túmulo de Lázaro. Também foi tentado, conforme Hebreus diz, em todas as áreas como nós o somos, porém sem pecado. Por isso é dito: "Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados" (Hb 2.18). Em certo sentido, a capacidade de Cristo para nos entender e ajudar está ligada ao fato de que Ele experimentou a vida da mesma forma como nós a experimentamos. Além disso, Ele fez perguntas, e muitas delas estão registradas nas Escrituras. Ele também escutou e respondeu às perguntas das mais diversas pessoas. Ele não se

distanciou em seus sermões, mas interagiu e foi ao encontro das pessoas onde elas estavam.

Nosso desejo é fazer isso com os adolescentes. Queremos ser capazes de entender aquele adolescente que pensa ser atraente colocar piercings no corpo. Se quisermos comunicar a esse jovem as verdades bíblicas que ele precisa ouvir, precisamos ser capazes de enxergar pelos seus olhos para vermos o seu mundo. A encarnação é uma ilustração maravilhosa de alguém que, com amor infinito, colocase ao nosso lado e nos compreende. É isso que precisamos fazer com nossos filhos.

Imagine que você tem um adolescente de treze anos que precisa de tênis novos. Você já foi a diversas lojas e viu todos os tênis disponíveis na cidade. Ele experimenta outro modelo, e você diz: "Acho que estão bonitos". Ele olha para os tênis. "Acho que estão bons." Você diz ao vendedor: "Vamos levar esses". No dia seguinte, ele calça os tênis, não gosta e parece extremamente triste. Você poderia dizer: "Para que se importar muito com os tênis? De qualquer maneira, eles não durarão mais do que alguns dias. O que seus amigos diriam se eu lhes contasse que você está chorando por causa de um par de tênis? Não seja chorão! Esses tênis de que você não gostou custaram mais do que o meu primeiro carro! Os seus colegas de escola são especialistas em tênis, por acaso? Vamos lá, cale-se e coloque os tênis!". Você conseguiu se comunicar? Você sabe que ele não vai dizer "Obrigado, pai. Eu estava mesmo sendo um chorão. Obrigado, pai, você é o maior!". Isso fica só nos seus sonhos! Seja o que for que ele fizer com o problema dali em diante, você não terá mais nenhuma participação. Há um muro de gelo entre vocês. Talvez ele vá se queixar para os irmãos. Talvez vá dizer aos amigos: "Olha que tênis ridículos meu pai me fez comprar! Odeio esses tênis. Meu pai não entende disso!". Seja lá o que for que ele fizer com o problema, você ficará de fora.

A Bíblia fala sobre esse tipo de situação? Sim, mas não acharemos resposta procurando por "calçados" na nossa concordância. A Bíblia fala sobre nosso senso de identidade e como ele está ligado ao relacionamento com Deus. "Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude" (Cl 2.9,10 NVI). Minha identidade descansa na realidade de ter sido levado a um relacionamento com o Deus vivo por meio de Jesus Cristo, que habita em mim. Não é porque meus amigos gostam dos meus tênis. Ajude seus filhos a desenvolverem um senso de identidade enraizado naquilo que jamais mudará – o relacionamento com o Deus vivo. Os adolescentes conseguem entender isso? Sim!

Certa vez, tivemos um retiro para preparar os adolescentes para o novo ano escolar. Nosso filho mais velho estava com quinze anos. Meu irmão Paul falou sobre a plenitude de Cristo em nós (Cl 2.9,10). Seis anos se passaram. Estávamos andando de carro, meu filho já estava na faculdade. De repente, do nada, ele disse: "Pai, lembra aquele retiro quando o tio Paul nos falou sobre a plenitude de Cristo em nós?". Eu respondi: "Sim, lembro". Ele continuou: "Sabe, aquela mensagem me acompanhou naqueles dias de escola e na faculdade". Os adolescentes conseguem entender esse assunto? Sim!

Incidentes como o dos tênis podem ser oportunidades para você conversar sobre esses assuntos. Como você pode tirar vantagem da situação? Você pode perguntar

ao adolescente: "Você está chateado com os tênis, não está?" "É." "Achei que você não tinha realmente gostado quando os compramos ontem à noite, mas você não quis me dizer, certo?" "É." "O que você não gosta neles?" "Eles são ridículos. O Cris comprou um par de tênis como esse, e o João riu dele com todos." "Entendi. Você está com medo de que os meninos vão rir de você hoje." "É." O que você está aprendendo com isso? No mundo deste adolescente, neste momento, estes tênis são a coisa mais importante que existe. "Eu vou entrar na escola e os meus tênis vão gritar para todos ouvirem: 'Ridículo! Ridículo!'" Evidentemente, escapa às proporções reais da vida. Porém, se eu não conseguir entender aquilo com que ele está lutando, perderei a oportunidade de falar as verdades que ele precisa ouvir. Meu desejo é que o meu filho entenda que a vida e o senso de bem-estar como pessoa não estão enraizados no que ele calça nos pés, mas no relacionamento imutável com Deus por meio de Cristo Jesus.

Pecado e comunicação

A comunicação com os nossos adolescentes costuma envolver regras, correção e disciplina. As regras expressam aquilo que esperamos, o que permitimos e o que não permitimos. A correção é quando dizemos a eles que falharam no cumprimento das regras. A disciplina assegura que paguem as conseqüências por não terem cumprido as regras. Tudo isso é excelente. Precisamos de regras, correção e conseqüências devidamente estabelecidas em nossas famílias. No entanto, há outras dimensões da comunicação nas quais precisamos nos engajar junto com nossos filhos. Eles precisam de encorajamento. Quando erram, precisam saber que Deus é misericordioso para com os pecadores. Eles podem se voltar *para* Ele, e não *contra* Ele. Eles precisam saber que Deus se aproxima daqueles que têm o coração quebrantado e salva os de espírito contrito. Também precisam de encorajamento para saber que onde falharam no passado, poderão encontrar graça, socorro e força no futuro. Eles precisam de correção. Às vezes precisamos suspender a linha de prumo das Escrituras. "Esta é a vertical. Isso é o que Deus diz que é certo. E, neste momento, você não está alinhado na vertical. Você precisa voltar ao alinhamento com Deus." Eles precisam desta função corretiva da Palavra de Deus.

Algumas vezes, eles precisam de repreensão. "Você não pode desejar que seu irmão ou sua irmã morra! Há limites para a liberdade de expressão em nossa família. Dizer isso é errado, maldoso e repreensível!" Porém, você não pode abrir a sua boca somente para repreender. Se fizer assim, suas repreensões se tornarão insignificantes. Precisamos adaptar a conversa às necessidades do momento. O apóstolo Paulo coloca a questão da seguinte maneira: "admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos" (1 Ts 5.14). Cada uma dessas condições requer um estilo de comunicação diferente. O insubmisso precisa de uma advertência. O desanimado precisa ser consolado, encorajado. Quem está fraco precisa de ajuda. Quando você ajuda o preguiçoso, alimenta a sua preguiça. Ele precisa ser advertido. Se você advertir o desanimado, pode acabar com ele. Ele precisa ser encorajado. Precisamos discernir as necessidades de comunicação do momento. A necessidade é de correção? Ou de repreensão? É de encorajamento? Não se faça culpado de ter apenas uma

forma de expressão com seus filhos. Às vezes eles precisam ouvir uma súplica. É preciso rogar e implorar, não como um mendigo, mas como um pai que compreende a intensidade do momento e se derrama, suplicando ao filho que ande nos caminhos da sabedoria.

Quando nossos filhos eram adolescentes, eu insistia em lhes mostrar os perigos da pornografia, pois sabia que, mais cedo ou mais tarde, eles se depariariam com ela. Eu queria que eles tivessem suas convicções bem firmadas antes de enfrentarem o problema. Sabe o que aconteceu? Um de nossos filhos, Aaron, tornou-se um militante contra a pornografia. Na faculdade, quando os colegas assistiam a filmes impróprios na TV ou vídeo, ele entrava e dizia: "O que vocês estão fazendo é errado e pecaminoso; eu me recuso saber disso e fingir que nada está acontecendo". Então ele saía. Isso é bíblico, não é? A Bíblia diz: "não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as" (Ef 5.11). Se mais cristãos reprovassem as obras infrutíferas das trevas, expondo-as à luz, talvez o mal não desfilasse por aí tão livremente como acontece em nossa cultura.

Aaron casou-se com uma velha amiga da igreja, Danielle. Antes do casamento, as mulheres da igreja fizeram um chá de cozinha e Aaron marcou sua presença no final, como é costume para nós. Uma mãe ficou muito emocionada. "É tão lindo. Eles se amam, amam a Deus e vão se casar. Danielle, dê um abraço bem demorado em Aaron!" Ela respondeu: "Não posso". Ela não podia porque Aaron e ela tinham feito uma aliança um com outro de que eles não se abraçariam daquele jeito até que se casassem. Eles compreendiam como seus corpos funcionavam e como um abraço demorado poderia levá-los aonde eles não queriam ir. Então, decidiram não fazê-lo. Somos muito gratos por eles terem feito esse tipo de escolha.

Nossos filhos precisam de instrução. As moças, mesmo nas igrejas evangélicas, vestem-se de maneira inconveniente, usando mini-blusas e mostrando o corpo mais do que deveriam. As meninas adolescentes pensam que são mais apreciadas pelos meninos quando elas se vestem sedutoramente. Elas não percebem que o tipo de atenção que ganham é uma atenção degradante, e não uma apreciação. Precisam de orientação sobre os rapazes. Os meninos adolescentes precisam de orientação sobre as moças. Precisamos ensinar os caminhos e as verdades de Deus. Precisamos orar por eles e com eles.

Fé e comunicação

Vários anos atrás, Margy e eu fomos para Israel. Na volta, nossa filha Heather, de vinte e poucos anos, foi nos buscar no aeroporto em Nova York. Ela tinha planos para a conversa em nosso percurso até em casa. Enquanto estávamos em Israel, um jovem rapaz expressou interesse por ela. Ele queria nos conhecer e pedir nossa bênção sobre o relacionamento deles. Passado o cansaço da viagem, conversei com eles por quase três horas e lhes falei sobre como estruturar seu relacionamento para honrarem a Deus. Depois orei com eles. Derramei meu coração diante de Deus intercedendo por eles, expressando minhas preocupações e aspirações espirituais em relação a eles. Orei, propositalmente, na presença deles. Eu queria que eles me ouvissem orar. Seus filhos precisam ouvi-lo orar por eles. Mostre a sua fé. Deixe sua fé falar em voz alta.

Alguns dizem: "Não se deve orar para que os outros ouçam. Não seja hipócrita nem exibicionista mostrando a sua religio-

sidade". Mas Jesus orou no túmulo de Lázaro. "Pai, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam..." Esta oração tinha o propósito de gerar fé em Seus discípulos. Semelhantemente, os adolescentes precisam ouvi-lo orar por eles.

Como encontrar graça e força para fazer tudo isso? A Bíblia nos dá a resposta.

> Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo. (2 Pe 1.3-4)

Quero encorajá-lo. A graça, a força, a visão, a energia, a coragem para fazer todas as coisas que Deus nos chama a fazer – mesmo na tarefa de criar os filhos – já nos foram dadas em Cristo. É muito melhor do que uma promessa. É a declaração de um fato. A realidade na qual vivemos é a de que tudo quanto é necessário para executarmos essa tarefa já é nosso em Cristo. Algo que aconteceu no passado e tem efeito continuado no presente: a graça, a força, o encorajamento, a energia, o entendimento, a habilidade, tudo quanto é preciso para a vida e a santidade foi-nos dado por meio dAquele que nos chamou. A confiança de que conseguiremos fazer aquilo que Deus nos pede para fazer não está em nós mesmos. Se olharmos para dentro de nós, encontraremos um grande vazio. Em Cristo, há graça, força e habilidade para fazermos aquilo que Deus requer de nós. Que o Senhor nos abençoe e fortaleça nossas famílias.

Quando os Filhos Partem

Os problemas que podem surgir e como solucioná-los.

Wayne A. Mack[1]

De modo geral, este artigo lida com um tema que preocupa particularmente aqueles que estão na meia idade. À medida que chegamos à meia-idade e prosseguimos rumo à terceira idade, muitas preocupações e dificuldades novas surgem, enquanto outras se intensificam. A diminuição das habilidades físicas torna-se uma realidade sempre presente. A premência do desejo sexual começa a desvanecer. Todo tipo de dores e problemas físicos tornam-se mais freqüentes e desgastantes. Os degraus e os montes parecem ficar mais íngremes. Cresce o número de amigos acometidos de várias doenças.

Entre as questões que estão particularmente associadas aos períodos da vida chamados de meia-idade e terceira idade, este artigo trata especificamente da reação dos pais quando os filhos alcançam a maturidade e deixam o lar por razões profissionais, educacionais, matrimoniais ou outras. Quando comecei a investigar sobre o assunto, defrontei-me com o problema de encontrar fontes para pesquisa. Muito já foi escrito sobre os problemas da meia-idade e da terceira idade. As bibliotecas que visitei tinham prateleiras cheias de livros sobre os diferentes problemas que as pessoas idosas enfrentam. A esposa do escritor Clarence Hamilton disse que depois de visitar bibliotecas e ser lembrada de todos os problemas dos idosos, ela começou a sentir que ficar mais velho e ficar mais problemático são sinônimos, e teve vontade de sair e pular no lago mais próximo, enquanto ela ainda conseguiria pular.

Ainda que a maioria dos livros sobre idosos dê maior ênfase aos problemas dessa faixa etária do que a quaisquer outros aspectos, alegramo-nos com o fato de que esses livros existem. No entanto, pouco

[1] Tradução e adaptação de Mack, Wayne A. , *When the Children Leave Home: The Problems it Brings and How to Solve Them* publicado em *The Journal of Pastoral Practice*, Vol. I, No. 2, 1977, pp. 34-48.
Wayne Mack ministrou na *Christian Counseling and Educational Foundation*, no *Westminster Theological Seminary* e *The Master's College* na área de aconselhamento bíblico. Atualmente dirige o ministério *Strengthening Ministries International*, e reside na Àfrica do Sul. Dr. Mack é casado há mais de 40 anos, tem quarto filhos e doze netos.

tem sido escrito sobre a meia-idade e a questão do "ninho vazio". O quadro está começando a mudar, porém as ofertas ainda são escassas. Portanto, o material ilustrativo para este artigo constitui-se do pequeno conjunto de recursos que pude encontrar, unido às minhas observações pessoais e pastorais, e aos dados colhidos em questionários respondidos por várias pessoas que passaram por essa experiência.

Os problemas que surgem com a partida dos filhos

Sentimento de inutilidade

O sentimento de inutilidade é uma realidade mais viva para a mulher. Na maioria dos casos, sua vida foi inteiramente dedicada a alimentar, vestir, amamentar, proteger, prover, encorajar, instruir e cuidar dos filhos. Essas atividades preencheram quase todas as suas horas durante os últimos vinte ou trinta anos e, agora, tudo mudou. Os filhos não estão mais presentes. Ela está sem emprego. Em grau menos intenso, esse sentimento pode atingir também o homem. Ao longo dos anos, ele lutou, trabalhou e se sacrificou para dar o necessário aos seus filhos. Ele quis prover o melhor para eles; agora, porém, isso não é mais sua responsabilidade. Os filhos podem muito bem sustentar a si mesmos e o incentivo que antes ele tinha para todo o seu trabalho acabou.

Um autor expressa-se da seguinte maneira: "Há uma diferença. Uma mudança ocorreu. Certo dia você olha para o seu filho de 20, 21 ou 22 anos (talvez mais novo, talvez mais velho) e se dá conta de que ele deixou para trás a personalidade de adolescente e se tornou um jovem adulto. Você pode sentir angústia bem como orgulho nesse momento porque ele o faz lembrar, especialmente no caso de um filho único ou caçula, que você perdeu um emprego. A menos que ainda haja filhos menores em casa, você já não é mais o pai ou a mãe responsável pelos cuidados".

Uma pessoa respondeu ao questionário dizendo que quando os filhos se foram, "ficou um vácuo, um vazio. Fiquei deprimida por algum tempo, mas a saúde física também não estava bem nessa fase e, em parte, pode ter contribuído". Outra respondeu: "Gradativamente, você se acostuma com a idéia de que será menos necessária". E ainda outra escreveu: "É um sentimento deprimente porque ninguém mais precisa de mim; se por um lado eles ainda me amam, por outro não sou essencial em suas vidas".

Helene Arnstein expressa os sentimentos de muitos pais nessa fase quando diz: "Temos um sentimento de desapontamento. Na verdade, enfrentamos uma crise de identidade pessoal. Uma mulher pode sentir que ela gastou tanto tempo de sua vida sendo mãe, que perdeu grande parte de sua personalidade. Quem sou eu se não sou mãe? O que devo fazer com minha vida agora? Com um terço de sua vida pela frente e sem filhos mais para criar, qual é o passo seguinte?".

Solidão

Em quase todos os questionários devolvidos, a solidão foi mencionada com um dos maiores problemas. Uma pessoa disse: "Um dos problemas principais é a solidão. Quando meu filho mais novo ainda era pequeno, eu estava constantemente ocupada com como criá-lo e coisas semelhantes".

Outra pessoa relatou que "depois de toda a empolgação e alegria de ver uma filha casar-se debaixo da direção de Deus, sua ausência em casa foi uma grande perda. Sentíamos muita falta das conversas e

da sua presença nas refeições. A adaptação de sermos dois, em vez de quatro, afetou a comunhão às refeições e em outras oportunidades de conversa. Sentíamos falta de dois filhos preciosos acostumados a estar em casa parte do dia". De fato, essa pessoa afirmou que a parte mais difícil de todo o ocorrido foi "acostumar-se a não ter os filhos em volta para boas conversas, diversão e comunhão". Outra pessoa respondeu em palavras quase idênticas, dizendo que a parte mais difícil foi "estar sozinho a maior parte do tempo. O grande problema era o sentimento de solidão".

Aceitação de um novo papel na vida do filho

Durante a fase de crescimento do filho, os pais necessariamente orientavam, supervisionavam, aconselhavam e assumiam a responsabilidade geral por todos os aspectos de sua vida. Eles sofriam quando o filho sofria, lamentavam quando a criança sentia dor ou ficava desapontada, e se alegravam quando o filho estava alegre. Quando a criança comeu a primeira sopinha, foram eles que deram a comida em sua boca. Quando ela deu os primeiros passos, eles estavam lá encorajando e apoiando. Quando caiu pela primeira vez, eles estavam lá para levantá-la e secar as lágrimas. Eles estavam lá instruindo, encorajando, apoiando, orientando – às vezes diretamente, outras vezes indiretamente – quando o filho memorizou o primeiro versículo, fez sua primeira oração, entrou na escola, jogou na escolinha de futebol, veio para casa com um olho roxo, cantou no coral infantil, foi esnobado e ridicularizado por seus colegas e veio para casa aos prantos. Eles estavam lá nessas e em outras experiências nas quais o filho dependia deles e se voltou para eles em busca de ajuda, conselho e conforto. Ao longo de todos esses anos, eles foram o "palco central" na vida do filho.

Agora, a situação mudou. O filho já não precisa mais deles como antes precisou. Nem mesmo quer buscar a ajuda deles como um dia quis. Está evidente agora que eles precisam se colocar nas laterais do palco. Essa mudança de uma influência mais direta sobre a vida do filho para uma influência quase exclusivamente indireta em sua vida é muito difícil para alguns pais. De fato, é uma mudança que alguns pais parecem nunca concretizar. São muitos os pais que causam atritos e ressentimentos por ainda insistirem na tentativa de gerenciar a vida de seus filhos depois que estes já saíram de casa.

Às vezes o controle é feito por meio de conselhos verbais não solicitados, desde o tipo de carro que o filho deveria comprar até como ele deveria criar os próprios filhos, ou então o tipo de cereal que deveria ser comprado para o café da manhã, e ainda a necessidade de usar botas quando está chovendo ou usar um casaco quando está frio. Outras vezes, é feito de uma forma mais maliciosa como, por exemplo, quando os pais tentam controlar seus filhos pelo dinheiro. Em seu livro *Getting along With Your Grown Up Children* (Relacionando-se com Seus Filhos Adultos), Helene Arnstein dá algumas ilustrações claras de como isso acontece. Em uma dessas ilustrações, ela conta de um jovem casal que recebeu uma quantia de dinheiro dos pais da moça quando eles se casaram. Ficou subentendido, apesar de não ter sido afirmado verbalmente, que o dinheiro deveria ser usado na compra de móveis. Quando os pais chegaram para a primeira visita ao casal, ficaram chocados ao descobrir que o dinheiro não havia sido usado para aquela finalidade e deram um sermão sobre administração do dinhei-

ro e o valor dos bens duráveis de boa qualidade. O resultado foi que os pais ficaram irados, decepcionados e feridos, e os filhos também ficaram bastante entristecidos porque eles não tinham esbanjado o dinheiro, mas haviam feito o que consideravam sábio. Eles haviam decidido guardar a maior parte do dinheiro para o nascimento do primeiro filho. Porém mais do que isso, eles estavam aborrecidos porque o dinheiro, que eles pensavam ter sido um presente de amor, parecia agora um suborno pelo qual os pais da esposa poderiam controlar a vida do casal.

Outra maneira pela qual alguns pais tentam controlar as vidas de seus filhos é ameaçando-os de serem cortados do testamento a menos que façam isso ou aquilo de acordo com a vontade dos pais. Algumas vezes a exigência fica subentendida, outras vezes ela é declarada. Ao longo de minha experiência pastoral, tenho encontrado pessoas cujos pais as têm advertido, em diversas ocasiões, a respeito dessa possibilidade. O motivo não era porque os filhos levassem uma vida imoral, mas simplesmente porque os pais ainda sentiam a necessidade de que os filhos se submetessem à vontade deles. Com freqüência, isso causa danos irreparáveis no relacionamento pais-filho, e também no relacionamento marido-esposa, pois se o marido cede à pressão dos pais, ele perde o respeito pessoal e a estima de sua esposa.

Sensação de frustração e fracasso quando os filhos não se tornam aquilo que os pais desejavam e esperavam

Os pais podem ter esperado que a filha fosse para a faculdade e se formasse em pedagogia, voltasse a morar na cidade natal, começasse a lecionar, freqüentasse a igreja de origem e participasse de todas as atividades, conhecesse o "príncipe encantado" – um jovem cristão com todos os tipos de qualidades e habilidades — e tivesse filhos adoráveis e bem comportados. De modo geral, que ela vivesse feliz para sempre.

Apesar dos sonhos dos pais, durante seu primeiro ano de faculdade, a filha conheceu um rapaz que nunca terminou nem o ensino médio, apaixonou-se perdidamente por esse jovem, perdeu o interesse pela igreja, descuidou de sua aparência, voltou para casa no final do ano e anunciou que queriam se casar no verão seguinte. Além disso, ela declarou que seria necessário largar a faculdade e mudar para o outro extremo do país, para algum lugar que ele ainda não conhecia, para fazer alguma coisa ou talvez nada. Ele não fazia a mínima idéia do que faria ou de como sustentaria sua família e, pior que isso, ele parecia não se importar. De repente, os planos e aspirações para a filha caíram por terra, e uma sensação de frustração e fracasso instalou-se. Onde nós erramos? O que devíamos ter feito diferente? O que acontecerá a ela? Que tipo de vida ela poderá ter com esse vagabundo? E milhares de outras perguntas passaram pela cabeça. Logicamente, esse é um exemplo suave do que acontece repetidamente na vida de muitos pais quando os filhos saem de casa numa condição ou com objetivos que são, não apenas diferentes, mas diretamente opostos aos que os pais desejaram e pelos quais oraram e se esforçaram.

Ajuste às mudanças que a partida dos filhos causa no relacionamento conjugal

Na maioria dos casos, os filhos começaram a chegar entre o primeiro e o terceiro ano de casamento. É difícil que o

casal lembre como era a vida antes da chegada dos filhos. Às refeições, os filhos estavam lá para fazer perguntas sobre os acontecimentos do dia ou do dia seguinte. Eles proviam material inesgotável para conversas. Quando os filhos não estavam tagarelando, os seus problemas, as vitórias, as amizades, a escola, as roupas e tudo mais fornecia combustível para incrementar as conversas entre marido e esposa. Nunca deixava de existir algo sobre o que falar. A presença dos filhos trazia sua dose de dores de cabeça, mas estas eram, de longe, superadas pela diversão, entretenimento, vida e aventura que eles proviam.

Os filhos podem ser uma poderosa força de coesão. Por um lado, eles unem o marido e a esposa; mas por outro lado, podem evitar que o marido e a esposa consigam estabelecer um bom relacionamento conjugal. A esposa que não é dada a relacionamentos interpessoais profundos pode usar os filhos como uma desculpa para não se doar verdadeiramente ao marido e não vir a conhecê-lo intimamente como pessoa, deixando de se tornar, como Pedro diz, "co-herdeira do dom da graça da vida" e de se abrir e permitir que seu marido a conheça de verdade. Ela está sempre tão ocupada ou tão preocupada com as crianças, suas necessidades, suas dores e seus sofrimentos que ela não tem tempo, energia nem disposição para se envolver profundamente com o marido como pessoa. O mesmo, é claro, pode ser dito do marido. O resultado, mesmo que eles não o identifiquem de imediato, é que eles provavelmente sejam um pouco mais do que estranhos que têm tido uma ligação durante tantos anos devido a uma causa comum. Há casais que nunca tiraram férias sem os filhos. Na verdade, eles raramente permitiram que os filhos estivessem fora de suas vistas. Conheço um casal que saiu para passar a noite fora. A menos de cem quilômetros de casa, porém, a esposa estava tão arrasada que o marido fez um retorno e eles voltaram para casa. Sei de outros casais que saíram, porém detestaram cada momento e ficaram constantemente preocupados com os "coitadinhos" em casa. O momento mais feliz foi quando a noite ou as férias chegaram ao fim e o carro já estava na direção de casa.

Tal apego aos filhos é anormal. É perigoso para os filhos, para o indivíduo que se comporta dessa forma e para o relacionamento marido-esposa. Chegará o dia em que os filhos sairão, a menos que os pais sejam tão egoístas que, de uma forma ou de outra, mantenham os filhos na barra de suas saias. Naquele dia, eles ficarão a dois. No entanto, como nunca aprenderam a conhecer e curtir um ao outro anteriormente, é pouco provável que sejam bem-sucedidos no relacionamento.

Nem todos os relacionamentos marido-esposa são tão anormais como os que eu acabei de descrever. Contudo, em todas as situações nas quais existiram filhos e eles partiram, há a necessidade de ajustes no relacionamento marido-esposa. A vida não será mais exatamente como antes e o relacionamento marido-esposa não poderá continuar exatamente como antes.

Aceitação de um novo membro na família

O problema do relacionamento com os sogros é essencial tanto do ponto de vista dos sogros, como do ponto de vista do novo casal (genro ou nora). As piadas sobre esse grau de parentesco estão entre as favoritas. Na maioria dessas piadas, a so-

gra é a malvada e o genro é sua vítima. Por exemplo, quando um homem tenta definir o que é uma "mistura de emoções", ele diz: "Quando minha sogra despenca por um penhasco no meu Citroen 0km".

Na realidade, os problemas com os familiares não se limitam à sogra e ao genro. Eles cobrem toda a gama de relacionamentos que se estabelecem pelo casamento. Não é difícil considerar alguém de sua carne e sangue como parte da família; no entanto, de repente, alguém que não é parte da família torna-se um membro do círculo mais íntimo. Ele ou ela compartilhará dos segredos mais profundos da família. Ele ou ela tomará (ou usurpará) o seu lugar na vida de outro membro da família e, de fato, conviverá com esta pessoa mais intimamente do que você jamais conviveu. Ele ou ela, apesar de não ter o direito por nascimento nem por esforços pessoais, participará dos bens da família por ocasião de seu falecimento. A aceitação tão íntima desse recém-chegado (ou intruso?) representa um verdadeiro problema.

Alguns outros problemas que os pais enfrentam nessa fase

É hora de acostumar-se a fazer tudo para dois em vez de três ou quatro ou cinco. Por muitos anos, a mulher cozinhou, lavou, passou, comprou para um maior número de pessoas a ponto disso se tornar parte de sua natureza. Por outro lado, os filhos, provavelmente, tinham suas responsabilidades tais como levar o lixo, tirar o pó, varrer a casa, lavar a louça, cortar a grama, manter os canteiros, entre outras. Alguém terá que executar essas tarefas agora.

Em segundo lugar, é preciso decidir se a casa que foi comprada para acomodar o grupo maior deve ou não ser mantida. Alguns sentem que devem mantê-la para que os filhos tenham sempre o sentimento de que podem vir para casa. Outros acreditam que os filhos devem sentir que estão criando um novo lar e os pais podem modificar a casa ou vendê-la. Alguns reformam a casa, transformando os quartos em quarto de costura, jardim interno ou sala de TV. Outros estão convictos de que é realmente má mordomia manter uma casa grande por causa dos períodos tão curtos nos quais os filhos voltam para visitá-los. Alguns gostam da responsabilidade de limpar, pintar, cuidar do jardim e dos canteiros, e ainda têm a devida capacidade física para essas tarefas. Outros querem estar livres de tais responsabilidades e se mudam para um apartamento ou compram uma casa menor, que exija menos cuidados.

Algumas vezes, esses problemas misturam-se a um terceiro: o fato de que o marido, provavelmente, já atingiu o seu ápice profissional. Com algumas exceções, suas chances de obter grandes avanços em sua profissão não são muito promissoras. A ênfase costuma estar no jovem e, ocasionalmente, passa-se a impressão de que o mais idoso logo será colocado na reserva (ou talvez ele esteja muito sensível nesta área). Recentemente, quando uma certa empresa dispensou os homens mais idosos que haviam trabalhado ali durante anos e contratou quatro jovens na casa dos vinte anos para ocuparem posições de executivos, um homem comentou: "Estou começando a me sentir como um político ancião com a idade de trinta e nove anos" (*Getting along with Your Grown Up Children,* p. 12).

Acrescente aqui as mudanças que estão começando a acontecer, ou melhor, que

estão acontecendo rapidamente no contexto físico, e você verá por que a partida dos filhos é, para alguns, um acontecimento cataclísmico.

Como se preparar para lidar com os problemas criados ou intensificados pela partida dos filhos

Se estiverem preparadas com antecedência para essa fase da vida, as pessoas serão capazes de ajustar-se a ela e resolver os problemas causados pela partida dos filhos. Em Gênesis 41, o faraó foi advertido que em sete anos haveria um tempo de fome. Ele foi avisado de que os próximos sete anos seriam anos de fartura. Quando o faraó soube que sete anos de fome viriam, ele foi sábio o suficiente para planejar com antecedência. Quando o tempo de fome chegou, ele e seu país estavam preparados.

Quase todos os pais são avisados com mais do que sete anos de antecedência de que chegará o momento quando os filhos partirão. Do ponto de vista humano, é mais racional os pais esperarem por esse acontecimento do que o faraó esperar por um tempo de fome. Faraó tinha apenas dois sonhos e as interpretações de José em que se basear para prosseguir. Os pais têm a declaração da Bíblia de que o homem deixa pai e mãe para se unir à sua esposa, têm sua experiência pessoal e a experiência de milhares de anos para adverti-los de que chegará o dia quando o ninho ficará vazio.

Os pais podem se preparar para esse tempo estabelecendo com seus filhos relacionamentos íntimos, mas não sufocantes. As mães devem cuidar dos filhos, mas não oprimi-los. Os pais devem apoiar os filhos, mas não coibi-los. Paulo adverte contra provocar nossos filhos à ira, para que eles não fiquem desanimados, zangados, cansados ou frustrados e para que seu ânimo não esmoreça e eles se sintam abatidos (Cl 3.21; Ef 6.4).

Quando os filhos partem de casa, muitos pais colhem aquilo que semearam. Durante anos, eles provocaram e afastaram seus filhos por pura negligência (Pv 29.15), por parcialidade (Gn 37), por irritá-los (1Sm 19 e 20), por falta de apreciação e equilíbrio (elogiar, bem como corrigir; valorizar diversão e alegria, bem como trabalho e respeito), por hipocrisia (padrões duplos; uma coisa em casa e outra fora de casa) ou por serem excessivamente severos. Nenhum desses filhos recebeu orientação suficiente, disciplina e apoio, a fim de que crescesse sabedor de que os pais realmente se importavam com ele. Ou houve tanta supervisão e disciplina na vida de um filho que nunca lhe foi permitido crescer em direção à maturidade pessoal. Quando chega o dia de partirem de casa, esses filhos estão hostis ou completamente apáticos e indiferentes em relação aos pais.

Muitos pais procuram-me quando sentem a hostilidade ou apatia de seus filhos já crescidos e perguntam o que podem fazer para construir um relacionamento melhor com eles. Em momentos como esses, sinto uma urgência quase incontrolável de responder: "Vocês estão dez, quinze ou vinte anos atrasados, pois um bom relacionamento entre pais e filhos é algo que se constrói desde o nascimento da criança". Contudo, mordo minha língua e tento assegurá-los de que quando existe a disposição para mudar, muito pode ser feito para aliviar e resolver esse problema que causa tanto sofrimento aos pais. Sei que os anos em que as ervas daninhas alastraram-se podem ser recuperados, porém é muito melhor estabelecer um bom relacio-

namento ao longo de todo o caminho. Uma pessoa que respondeu ao questionário escreveu que a comunicação entre ela e os filhos sempre foi e ainda é maravilhosa. Essa mulher e seus filhos ainda compartilham de grande alegria na companhia uns dos outros e não se trata de uma realidade nova para eles. Ela se preparou para a partida dos filhos, desenvolvendo previamente um relacionamento íntimo com eles.

Os pais também podem se preparar para a partida dos filhos pensando e conversando a respeito do assunto. Antes de ir para a cruz, nosso Salvador preparou Seus discípulos contando a eles exatamente o que aconteceria (Mt 16.21; Jo 13-17 e especialmente Jo 16.1). Ele descreveu detalhadamente os eventos que se seguiriam e também lhes disse que a razão por que estava dizendo tudo aquilo era para que eles não ficassem escandalizados (fossem pegos desapercebidos e vacilassem ou tropeçassem e caíssem). Os discípulos, logicamente, não queriam ouvir tudo aquilo. Aparentemente, eles tinham a noção errada de que se não falassem sobre coisas desagradáveis, elas não aconteceriam. Eles estavam errados e, mais adiante, puderam ver o quão errados estavam. Eles se recuperaram, mas aquele momento teria sido mais fácil se eles tivessem encarado e conversado livre e francamente sobre aqueles fatos antes que eles acontecessem.

Além disso, as pessoas podem se preparar para a partida dos filhos desenvolvendo um relacionamento íntimo com seu cônjuge. Esse é o relacionamento mais duradouro. De fato, antes dos filhos chegarem, havia apenas o marido e a esposa; e agora que os filhos se foram, há apenas o marido e a esposa. Portanto, a pessoa sábia trabalha a fim de tornar esse relacionamento um sucesso maior do que qualquer outro relacionamento. Essa é, com certeza, a ênfase bíblica. Compare Gênesis 2.18, 21-24; Efésios 5.25-31; 1Pedro 3.7; Deuteronômio 24.5. Quando o relacionamento conjugal é bom, é natural que se sinta a falta dos filhos, mas não é uma calamidade terrível e capaz de despedaçar a vida. O relacionamento humano mais duradouro, importante e pleno ainda está intacto, e há ainda mais tempo agora para se dedicar a ele. No entanto, quanta diferença faz se este relacionamento foi negligenciado durante os anos em que o casal estava criando os filhos!

Finalmente, é possível preparar-se para esse tempo cultivando interesses que, mais tarde, possam ser desenvolvidos ou aprimorados. Algumas pessoas não têm nenhum interesse ou diversão fora do contexto do trabalho ou da família. Algumas mulheres não têm qualquer atividade exceto aquelas diretamente ligadas à criação dos filhos. Isso afeta sua habilidade de criar os filhos de forma apropriada, pois "o coração alegre é bom remédio" (Pv 17.22). Quando os filhos se vão, as coisas que ocupavam o tempo e interesse do casal igualmente se vão, e não há nada para preencher o vazio. As mulheres mais introvertidas, e talvez um pouco ranzinzas, ficam depressivas e, às vezes, torna-se impossível conviver com elas. As pessoas precisam reconhecer que elas não estão planejando e se preparando apenas para a felicidade do momento, mas estão construindo o futuro. Quanto mais idosas as pessoas ficam, mais difícil é realizar alguma mudança. Provérbios 22.6 fala sobre esse assunto quando diz que as pessoas envelhecem e não se desviam do que

aprenderam nos anos de mocidade. Isso é verdadeiro não apenas na área espiritual, mas em todas as áreas da vida.

Há um ditado antigo que diz: "Não se pode ensinar truques novos a um cachorro velho". Nem sempre isso é a verdade, mas com certeza é mais difícil ensinar a um cachorro velho truques novos. Portanto, a atitude mais sábia é preparar-se para a idade mais avançada, aprendendo, ainda na mocidade, atividades prazerosas que possam ser realizadas mais tarde. É freqüente ouvir pessoas dizerem: "Se eu tivesse sabido antes aquilo que eu sei agora, eu teria feito isso e aquilo". Muitas mulheres, por exemplo, lamentam o fato de não terem aprendido a dirigir um veículo quando eram mais jovens. Conheço uma mulher idosa que aprendeu a dirigir, com grande dificuldade, porém muitas outras ainda são completamente dependentes do transporte provido por terceiros. Muitas das coisas que elas gostariam de fazer são impossíveis porque seus maridos não estão sempre disponíveis para levá-las ou elas detestam incomodar outros pedindo para transportá-las para algum lugar.

Em boa parte da Bíblia, o valor da operosidade é exaltado. "Negociai até que eu volte" (Lc 19.13) foi a recomendação de um senhor a seus servos, ilustrando a ordem do Senhor Jesus. Ele também advertiu que a pessoa preguiçosa ou negligente enfrentaria tempos difíceis (Mt 25.24-28). No livro de Provérbios, o sábio menciona igualmente os benefícios de manter-se ocupado e as frustrações da ociosidade. Provérbios 19.15 adverte que "o ocioso vem a padecer fome". Por outro lado, este livro nos diz que "o desejo que se cumpre agrada a alma" e que "em todo trabalho há proveito" (Pv 13.19; 14.23). O livro de Eclesiastes fala de maneira similar quando diz que "doce é o sono do trabalhador" (Ec 5.12).

Uma pessoa que se ajustou bem à partida dos filhos escreveu: "Tenho tido pouco tempo vago, como nunca antes. Meu trabalho tem-se tornado mais e mais envolvente. Gosto disso, pois assim não tenho tempo para pensar em mim mesma, nos problemas ou na idade que vai avançando. Acredito que para todos nós o trabalho diligente e com objetivos é a melhor solução para uma vida bem ajustada. Meu trabalho dá uma tremenda satisfação".

Outra pessoa, que perdeu seu marido alguns anos antes do último filho sair de casa, mencionou que se manter ocupada tem sido de ajuda para superar esses dois momentos difíceis. Ela mencionou que quando seu marido faleceu, ela estava constantemente ocupada provendo para os filhos, ajustando-se ao mundo dos negócios e administrando as finanças. Estava ocupada demais para pensar e sentir pena de si mesma. Agora que seu marido e filhos não estão mais presentes, ela se mantém ocupada com atividades significativas. "Tenho pouquíssimo tempo livre e agradeço a Deus por isso."

Essas duas mulheres preencheram seu tempo livre voltando a trabalhar regularmente em um emprego. Às vezes, isso é de grande ajuda não apenas financeiramente, mas também emocionalmente. Há, entretanto, outras maneiras de usar o tempo livre objetivamente. Há todo um leque de possibilidades que se abre diante da pessoa que deseja viver. Não é tempo para se afastar da vida, mas para expandir as atividades e relacionamentos. Não é tempo para um pessimismo sem fundamento, mas para um otimismo realista. Paulo dá alguns conselhos sábios em Filipenses 4.8:

"tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável,... tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama,... seja isso o que ocupe o vosso pensamento". Certamente, ele não quer dizer que não devemos encarar os problemas que temos, pois ele está fazendo justamente isso no contexto em que insere esse versículo. Paulo quer dizer que devemos enxergar nossas oportunidades bem como nossos obstáculos, o que muitas vezes não fazemos. Somos como Raquel em Gênesis 30. Ela havia sido muito abençoada, tinha um marido que a amava e, aparentemente, era uma mulher bastante atraente e que possuía bens deste mundo em abundância. No entanto, havia uma coisa que ela não tinha, mas desejava tanto que se tornou deprimida e teve vontade de morrer por não alcançar o que queria. Era nisso que pensava constantemente e desejava ansiosamente.

Quando os filhos partem, as pessoas precisam reconhecer que cada fase da vida tem suas próprias compensações. Os anos da meia-idade e da terceira idade não são um poslúdio do viver verdadeiro; eles são, em si, um viver verdadeiro. Toda pessoa deveria ter alvos específicos e apropriados para alcançar, e graus de crescimento específicos e apropriados para atingir. Este é um tempo em que a profundidade e a extensão das experiências anteriores deveriam acrescentar uma nova dimensão à vida.

A noção antiga de que a habilidade de aprender está restrita aos jovens já há muito tempo foi provada como falsa. Alguns voltam a estudar nessa época da vida e fazem cursos de interesse pessoal. Alguns terminam a faculdade, outros aproveitam a oportunidade para um estudo bíblico mais concentrado e para o serviço cristão. Uma pessoa disse que ela descobriu "uma grande alegria em servir ao Senhor, servir aos outros, realizar um trabalho de maior qualidade e assumir responsabilidades com amor e prazer". Ela também disse que agora tem "mais tempo para corresponder-se com os amigos e familiares. A vida está muita rica e plena". Outra pessoa disse que agora é possível ter "uma vida social com amigas da mesma idade. Faço um verdadeiro esforço para manter o contato com elas. Se elas não me ligam, eu ligo e sugiro algo que podemos fazer juntas. Visito minha família e os amigos, faço compras, tenho convidados para jantar, vou a concertos e compareço a todos os cultos na igreja. Há mais tempo livre para servir ao Senhor sem tantas responsabilidades com a família". Outra pessoa tem achado a fase de meia-idade mais prazerosa, pois ela e seu marido têm mais tempo para se conhecerem melhor. Eles estão descobrindo coisas novas um no outro e têm mais tempo de intimidade sem interrupções. Eles não precisam se preocupar se os filhos estão sozinhos em casa, o que lhes permite ter atividades de acordo com a espontaneidade do momento: saem para jantar com muito mais freqüência e estão livres para viajar sempre que desejam. O fato de não terem mais que sustentar os filhos lhes dá condições de fazerem viagens de férias a várias partes do mundo. Eles estão aproveitando imensamente os benefícios dessa fase. Essa mesma pessoa escreveu que agora tem tempo para apreciar a música, ouvir pregações gravadas, ler livros, fazer visitas e ter momentos especiais de comunhão com o Senhor. Além disso, ela disponibiliza sua casa para reuniões dos irmãos da igreja e também investe seu tempo em correspondência com a família e os amigos que

moram em várias partes do mundo. Com essas cartas, ela cumpre um ministério cristão, pois tem oportunidades freqüentes de dar seu testemunho.

A Bíblia diz que "a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1Tm 4.8). A verdade desse versículo, e de muitos outros, certamente ficou comprovada nas respostas que recebi ao questionário. Um relacionamento verdadeiro com Deus por meio de Jesus Cristo não imuniza uma pessoa contra os problemas da vida. Tornar-se um cristão não é um encantamento mágico que mantém afastadas todas as dificuldades, porém relacionar-se justa e intimamente com Jesus Cristo certamente capacita a pessoa para encarar os problemas sob um prisma diferente e com um senso de tranqüilidade e confiança (Is 26.3, 4; 43.1-3; Jo 14.27; 2Co 12.7-11; Fp 4.6, 7). Essa verdade demonstrou-se de forma muito incisiva no caso de duas irmãs. Uma delas, cristã piedosa, disse que a maior ajuda para ela nesse momento era o relacionamento que gozava com Cristo. A outra não é cristã. Ela tem uma boa instrução, um marido leal e muito bem empregado, e mora numa casa adorável com a maioria dos confortos que este mundo pode oferecer. Quando lhe foi pedido para responder ao questionário, ela concordou inicialmente; mais tarde, porém, disse que se ela descrevesse a forma como se sente a respeito de algumas dessas coisas, eu poderia pensar que seria melhor ela estar internada num hospital psiquiátrico. Ela trava batalhas terríveis, mas enfrenta tudo sozinha porque nunca entregou a si mesma e suas necessidades a Cristo. Uma mulher descreveu os maiores fatores de ajuda para ela nesse momento como sendo o marido maravilhoso de sua filha, o próprio marido, o seu trabalho visto como uma terapia e, acima de tudo, o fato dela conhecer o Senhor. Outra pessoa declarou que o fato de conhecer o Senhor e poder recorrer a Ele foi a maior ajuda durante esse tempo. Ainda outra afirmou que sua maior ajuda foi o Senhor e sua Palavra, que a auxiliaram a se erguer e viver mais plenamente para Ele.

Quando as pessoas levam a sério o fato de serem avós, essa nova fase da vida pode envolver significado e entusiasmo. Provérbios 13.22 diz que "o homem de bem deixa herança aos filhos de seus filhos". Sem entrar em detalhes de interpretação desse versículo, podemos dizer que a Bíblia ensina que os avós devem se interessar pelos netos. De modo semelhante, Provérbios 17.6 declara que "coroa dos velhos são os filhos dos filhos".

Verdade seja dita, alguns avós são arrogantes e ofensivos no dar conselhos sobre a criação de filhos. O abuso dessa posição privilegiada não deve, no entanto, fazer com que as pessoas fiquem hesitantes em cumprir essa responsabilidade e privilégio que foram dados pelo próprio Deus. Bons avós podem ser uma grande influência na vida de uma criança e esse papel pode acrescentar sentido à vida dos avós. Algum tempo atrás, uma menina de nove anos escreveu numa redação sobre as avós: "Uma avó é uma senhora que não tem mais crianças e então ela gosta das menininhas de outras pessoas. Um avô é uma avó-homem. Ele passeia com os meninos e eles conversam sobre pescaria, tratores e coisas assim. Quando eles lêem para nós, eles não pulam palavras e não se importam se é a mesma história novamente. Todos deveriam tentar ter uma avó, especialmente se você não tem televisão, pois as avós são os únicos adultos que têm

tempo". Recentemente, um menino de dez anos fez um cartão de Dia das Mães para sua avó. Esse cartão expressa os sentimentos que muitas crianças têm em relação aos avós e a importância do lugar que eles podem ocupar na vida de seus netos. Ele disse: "As vovós são maravilhosas, queridas, carinhosas, amáveis e nos ajudam. Minha avó é cristã. Ela me dá Bíblias e roupas. Não é legal? Eu amo você – e o vovô, também". A declaração de uma mulher que desejava tornar sua vida mais significativa por causa dos quatro netos, refletiu sua compreensão sobre a importância de seu papel na vida dos netos. Ela disse que gostaria de ser uma mãe compreensiva, e não controladora. Ela queria apoiar sua filha espiritual, mental e fisicamente (sua filha tinha passado recentemente por uma longa fase de doença), e fazer o que fosse possível por seus quatro netos, conforme fizera durante a doença da mãe. Essa senhora encontrou verdadeiro significado em ser necessária, porém, ela também foi uma grande ajuda para sua filha, seu genro e especialmente para os netos.

Talvez aqueles que têm maior dificuldade quando seus filhos partem são os que se sentem desapontados porque os filhos não são o que eles gostariam que fossem ou ainda porque lhes parece que os filhos os abandonaram completamente nesse momento. Várias coisas podem ser ditas para encorajar esses pais.

a. Primeiro, eles devem examinar seus desejos com respeito aos filhos para ver se são realistas. Talvez estejam esperando demais dos filhos. Talvez estejam fazendo exigências que são extremamente egoístas ou sem importância.

b. Segundo, devem reconhecer que embora os filhos possam tê-los abandonado por um certo tempo, eles provavelmente voltarão quando tiverem perdido um pouco de seu egocentrismo e tido tempo para firmar melhor sua identidade e independência. Geralmente, após certo tempo, os filhos enxergam a singularidade da intimidade na família e reconhecem que nenhuma outra pessoa, além do cônjuge, importa-se tanto com eles quanto seus pais. Os pais também devem lembrar que outros familiares, amigos e compromissos de trabalho podem exigir o tempo dos filhos.

c. Terceiro, devem dar exemplo de um comportamento maduro. Eles não devem esperar que os filhos façam o contato, escrevam aquela carta ou façam aquele telefonema. Devem evitar totalmente esse tipo de imaturidade e expressar seu interesse com freqüência.

d. Quarto, devem lembrar que o roteiro completo da vida de seus filhos ainda não foi escrito. Somente Deus conhece desde o começo até o fim (Is 46. 9-10). A parábola do filho pródigo precisa ser fonte de encorajamento e esperança para o coração dos pais cujos filhos estão afastados. Aquele filho, "caindo em si", retornou trazendo alegria para o coração de seu pai (Lc 15.11-24). Agostinho, John Newton e milhares de outros caíram em devassidão e degradação antes de serem libertados pelo poder de Cristo. Conheço muitos jovens que fugiram de casa e se envolveram com drogas e uma vida desregrada para, mais tarde, serem transformados por Jesus Cristo e restabelecidos à sociedade e às suas famílias. Agora são membros de uma igreja e buscam alcançar outros jovens para Cristo. Alguns anos atrás, nada disso era uma verdade na vida desses jovens. Eles mudavam de uma comunidade para outra viajando pelo país, procurando

desesperadamente por significado e verdade na vida. Cristo os encontrou e eles se tornaram literalmente novas criaturas em Cristo Jesus.

A partida dos filhos pode certamente aumentar as turbulências da vida. No entanto, se houver preparação apropriada para esse tempo e se procurarmos manter atitudes e atividades apropriadas, a fase do ninho vazio pode ser tão satisfatória e divertida como qualquer outra. Concluo com algumas citações que demonstram a afirmação anterior. Alguém disse: "Com a ajuda do Senhor, creio que esse tempo da minha vida é tão produtivo e prazeroso como os demais que passaram". Outra pessoa declarou: "Esse tempo tem sido muito produtivo, prazeroso, feliz e de grande satisfação por causa de uma vida rica e plena".

Apêndice

Questionário

(Por favor, seja franco e aberto. Suas respostas não serão identificadas.)

1. Como você se sentiu quando seus filhos partiram do lar? Em geral, como você reagiu à situação nos aspectos emocional, físico e social?

2. Quais foram alguns dos novos problemas que você começou a enfrentar ou quais os problemas antigos que se tornaram maiores e mais intensos?

3. Como você se preparou para esse momento? Alguma vez, de forma consciente, você pensou sobre essa fase e tentou preparar-se para ela?

4. Como você poderia estar mais preparado? Fazendo uma retrospectiva, qual preparo teria sido necessário para tornar esse tempo mais produtivo e prazeroso?

5. Quais foram algumas das mudanças que, de modo geral, a meia-idade ocasionou em sua vida? Se você tem filhos que partiram de casa (casamento, faculdade, trabalho), que mudanças essa partida causou em sua vida? Como afetou sua vida?

6. O que foi mais difícil nessa situação?

7. O que foi de maior ajuda para você durante esse período e desde então?

8. O que você fez para preencher o tempo que era antes dedicado aos filhos? Sem os filhos, como você gasta seu tempo de lazer? Mencione, em especial, como você usava seu tempo de maneira diferente quando mais jovem.

9. A meia-idade alterou seu propósito de vida? A partida dos filhos alterou seu propósito de vida? Em caso afirmativo, como? Se não, qual é o seu propósito de vida?

10. Que papel você deve exercer na vida de seus filhos agora?

11. Como os filhos podem ajudar a tornar esse momento menos difícil?

12. Quais são as compensações dessa fase da vida? Que vantagens essa fase apresenta sobre as anteriores?

13. Que alvos você estabeleceu para si mesmo durante essa fase?

14. O que você está fazendo nesse momento para se preparar para a idade mais avançada? E para a eternidade?

Como os Bons Desejos Transformam-se em Maus Desejos

Robert D. Jones[1]

Nos vários círculos evangélicos que tenho oportunidade de conhecer, onde o aconselhamento bíblico é praticado, encontro crentes comprometidos com um ministério pessoal Cristocêntrico e que acolhem o lembrete em bom e alto som de que o evangelho tem tudo a ver com a obra do Redentor Jesus reconquistando para Si os corações. Ministrar a Palavra de Deus à maneira de Deus significa que precisamos lidar com as palavras e ações pecaminosas, bem como com as crenças e motivações, e também com os nossos desejos pecaminosos que querem assumir o controle do coração. Os conselheiros bíblicos consideram essa visão exegeticamente fiel, teologicamente esmerada e, na prática, transformadora de vidas.

O "Diagrama Trono-Cruz-Escada"

No aconselhamento individual e também nas aulas que ministro, uso um diagrama simples, que chamo de "Diagrama Trono-Cruz-Escada". Costumo desenhá-lo associado a textos bíblicos como Mateus 6.19-24 ou Tiago 4.1-3, que ensinam como os desejos, mesmo legítimos, assumem proporções exageradas quando se apoderam do controle do coração.

Por exemplo, o Senhor Jesus nos diz que a ansiedade e o medo surgem quando transformamos nossos bens materiais – que em si mesmos não são coisas más – em nosso tesouro principal ou em objetos de adoração.

> Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração... Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de

[1] Tradução e adaptação de *How Good Desires Go Bad.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 2, Spring 2006, p. 42-46.
Robert D. Jones é professor de aconselhamento bíblico no *Southeastern Theological Seminary* em Wake Forest, na Carolina do Norte.

> aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. (Mt 6.19-24)

Semelhantemente, o apóstolo Tiago pergunta: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?". A resposta?

> De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres. (Tg 4.1-3)

Tiago atribui a causa dos conflitos aos desejos desmedidos, que guerreiam em busca de autogratificação. O "Diagrama Trono-Cruz-Escada" pode ser usado numa situação de aconselhamento após conversar com o aconselhado sobre alguns de seus desejos específicos que se revelam dominadores.

Passo um: Cristo reina no coração

Comece pelo desenho de um trono onde Jesus Cristo (simbolizado pela Sua cruz) reina [Figura 1]. Essa ilustração representa o coração de um crente no qual o Senhor Jesus reina. 2 Coríntios 5.15 resume essa situação da seguinte forma: "E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou". Não nos surpreende a admoestação do Senhor: "Por que me chamais 'Senhor, Senhor', e não fazeis o que vos mando?" (Lc 6.46).

Figura 1



Quem é esse Salvador simbolizado pela cruz? Ele é o Cordeiro que foi morto e ressuscitou por nós para quitar nossa dívida impagável de pecado. Seu amor altruísta faz-nos justos diante de Deus. Ele é o Refinador empenhado em nos transformar – progressivamente agora, cataclismicamente no final – daquilo que éramos e agora somos, para aquilo que Deus nos destinou a ser. Nosso Redentor provê tudo quanto necessitamos para viver uma vida santa de alegria verdadeira e contentamento.

Passo dois: Nossos desejos

Escreva as letras A, B, C, e assim por diante, abaixo do trono [Figura 2]. Cada letra representa um desejo específico que o seu aconselhado pode ter. Ter desejos é humano. Todos nós temos muitos desejos, e eles nos motivam a fazer o que é certo ou o que é errado. Eles podem ser bons ou maus. Considere os seguintes exemplos:

A. Quero que minha esposa me ame, que converse comigo e me aprecie.

B. Quero que meus filhos me obedeçam de todo o coração e com boa vontade.

C. Quero que meus alunos gostem de mim e me respeitem.

Em alguns casos, posso acrescentar um pouco de humor:

D. Quero que meus alunos permaneçam em êxtase aos meus pés, ansiando insaciavelmente pelas próximas sílabas que sairão da boca de seu professor.

E. Quero que o time do meu coração ganhe o campeonato.

Baseando-se em conversa prévia, liste alguns dos desejos de seu aconselhado, escrevendo abaixo de cada letra uma frase breve:

A. Quero que minha esposa me ame, mostrando-se mais romântica.

B. Quero que meus filhos me obedeçam, mantendo seu quarto e banheiro arrumados.

C. Quero alívio dessa dor crônica nas costas.

D. Quero que meu chefe me valorize, estabelecendo um aumento de salário.

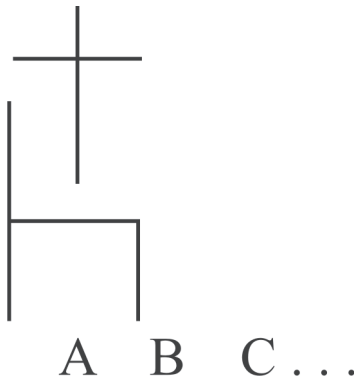
Certifique-se de que incluiu os desejos que parecem ser problemáticos, ou seja, aqueles que estão se tornando exigências.

Considere o caso de Jairo, um operário que está sob pressão tanto de conflitos com seu supervisor quanto de rumores de demissões iminentes. Seus desejos são simples e objetivos:

A. Quero um chefe que me respeite na frente dos meus colegas e não me rebaixe quando ele achar que cometi um erro.

B. Quero segurança no emprego, preferencialmente neste emprego ou num outro emprego melhor.

Figura 2

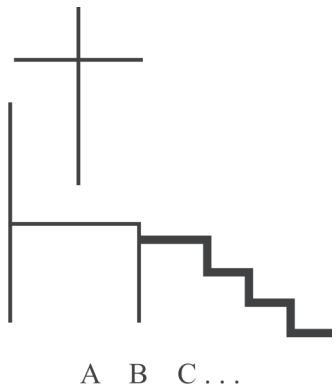


Sim. Podemos mostrar empatia. Ambos os desejos de Jairo são compreensíveis e dizem respeito a coisas boas. Mas ambos também são capazes de cativar seu coração e destruir sua vida e seus relacionamentos.

Passo três: Nossos desejos assumem o controle

Relembre ao aconselhado a verdade bíblica vista instantes atrás: mesmo nossos desejos bons podem se tornar exagerados, controladores e dominadores.

Figura 3



O que acontece com um desejo controlador? Desenhe uma escada que sobe até o topo do trono.

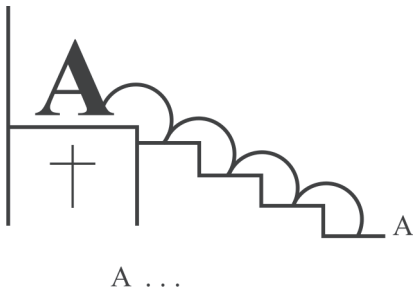
Pergunte ao aconselhado: “Você se lembra de ter tido na infância um brinquedo chamado ‘Mola Maluca’?” (Descreva o brinquedo se ele não sabe do que se trata, ou tenha um na sua sala para demonstrar a ilustração). Normalmente, você coloca a Mola Maluca no topo da escada e assiste enquanto ela rola escada abaixo, degrau a degrau. Nossos desejos fortes são semelhantes à Mola Maluca – porém, em sentido contrário. O desejo controlador rola furtivamente dos degraus inferiores do nosso coração até o topo do trono,

até encobrir a cruz. Esse desejo controlador empurra Jesus para fora do Seu lugar, tirando-O do governo do coração. O desejo brilha cada vez mais no topo do trono, enquanto o Salvador diminui. Os desejos, A ou B ou C, encobrem a cruz, competindo com o domínio funcional de Cristo na nossa vida e apagando-o. Nós crescemos e Jesus diminui. "Seja feita minha vontade própria" é a palavra final.

Escolha um dos desejos do aconselhado (A) e desenhe-o subindo as escadas, degrau por degrau, até chegar ao topo do trono e ocupar o lugar da cruz. Nesse ponto, o desejo passa a competir com Jesus e Ele é destituído de Seu lugar de Senhor. O desejo vence. Jesus perde.

Você pode também usar uma outra brincadeira infantil como ilustração – "Rei do Monte". Quando eu era criança, costumávamos procurar um terreno onde houvesse um monte de entulho ou de areia. Eu corria para o pico e ficava lá em cima, com toda a minha glória, braços bem abertos, pés firmemente plantados, e desafiava os outros a me tirarem do pico. Quando tentavam me empurrar ou puxar, eu precisava contra-atacar lutando para manter meus amigos lá em baixo. Enquanto eu estivesse em pé, meu reinado permaneceria seguro. De forma semelhante, parte da arte do viver cristão diário é

Figura 4



aprendermos a permanecer firmes diante dos desejos exigentes que tentam nos desequilibrar e tirar Cristo do Seu trono. Você deve empurrar continuamente para baixo quaisquer desejos que almejem destronar o Rei Jesus. A graça de Deus ensina-nos a dizermos não a nós mesmos.

> Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.
> (Tt 2.11-14).

Coloque em prática

A esta altura, que conselho bíblico podemos oferecer ao nosso aconselhado? Que orientação podemos dar a Jairo para ajudá-lo a lidar com os desejos que facilmente se tornam exigências, gerando amargura, ansiedade e fofoca?

1. Conheça os seus desejos.

Pense preventivamente. Seja esperto. Identifique aqueles desejos que, com maior freqüência, têm a tendência de subir ao trono. Eu quero que meus filhos arrumem o quarto. Jairo quer que o seu supervisor o respeite e não o rebaixe diante de outros na fábrica.

O exemplo de nosso Senhor no Jardim do Getsêmani deixa-nos uma lição. Além de encarar o fato de que Seus três

amigos mais íntimos falharam em perseverar com Ele em oração, Ele enfrentou um desafio ainda maior. Você deve estar lembrado de Sua oração notável: "Pai, se possível, passe de mim este cálice. Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mt 26.39). Os pronunciamentos proféticos do Antigo Testamento de que os inimigos de Deus beberiam do cálice de Sua ira, ajudam-nos a entender os horrores do "cálice" ao qual Jesus se refere. Não é nada menos que o cálice do terrível julgamento de Deus contra as nações. Não é de admirar que nosso Senhor – o Deus-Homem – suplicou pelo cumprimento desse desejo intensamente humano de não sofrer a ira do Deus Todo-Poderoso derramada sobre os pecadores. Mas, espere! Nosso modelo é o que vemos em Jesus: Ele submeteu o Seu desejo legítimo à vontade de Deus, Seu Pai: "Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres". O desejo de agradar e honrar Seu Pai era o Seu maior desejo, superando todos os outros desejos, mesmo que legítimos. Seguir a Jesus significa dominar nossos desejos naturais, motivados pelo Espírito a dizermos "todavia" – não o meu desejo, mas a Sua vontade.

2. Avalie a dinâmica de como um desejo se torna uma exigência.

Como esse desejo específico tornou-se uma exigência em sua vida? Como esse desejo o controla agora? De que maneira ele ocupa os seus pensamentos? Como ele rouba o seu tempo? Como ele consome o seu dinheiro? Como você peca para conseguir o que você quer ou pensa que necessita desesperadamente? E como você peca quando as suas exigências não são satisfeitas? Um conselheiro ou amigo pode ajudá-lo a enxergar essas conexões. Eu grito, resmungo ou faço chantagens para meus filhos arrumarem o quarto. Jairo espalha fofocas sobre seu chefe entre os colegas e deixa de fazer o seu trabalho de todo o coração.

3. Arrependa-se.

Aqui temos que ser específicos: Deus não nos pede que nos arrependamos de um desejo que em si mesmo é bom, mas que nos arrependamos de dar espaço para que ele nos domine de forma a se tornar uma exigência propulsora. Na maioria dos casos, o desejo não é inerentemente mau. Não há nada de errado em querer que seu cônjuge o ame; porém, há algo seriamente errado em querer que seu cônjuge o ame a ponto de você excluir o seu amor por Cristo. Em outras palavras, você precisa buscar a Deus para destronar qualquer desejo, mesmo que seja legítimo, que concorra com Cristo e tome o Seu lugar. Você precisa da misericórdia e do poder divinos para se libertar desses desejos.

4. Peça perdão a Deus por você ter permitido que esse desejo viesse a ser uma exigência dominadora em sua vida.

As misericórdias de Deus renovam-se cada manhã. Jesus morreu pelo que você fez no passado e também pelo que você exige e faz agora. Sua morte vicária não provê expiação apenas para nossas palavras e ações pecaminosas, mas também para as crenças (mentiras) e motivações (cobiça) pecaminosas. Jesus provê perdão para os desejos que anseiam subir ao trono.

Como arrepender-se e pedir perdão a Deus? "Pai celestial", eu oro, "sei que gritar com meus filhos é errado. Pior que isso, vem do próprio egoísmo do meu coração. Quero que meus filhos me obedeçam, não porque é melhor para eles e agrada ao

Senhor, mas porque é conveniente para mim. Quero minha paz e tranqüilidade, e meu anseio por essa paz e tranqüilidade controla minha reação ao vê-los correndo pela casa ao invés de arrumarem o quarto. Tenho permitido que um outro deus tome o lugar do Senhor, o único Deus vivo e verdadeiro. Por amor do Seu nome, por favor, perdoe-me por viver para mim mesmo e não para o Senhor."

"Senhor", Jairo ora, "tenho permitido, de forma pecaminosa, que o desejo de que meu chefe me trate melhor se torne uma espécie de ídolo, que acaricio e idolatro como um tesouro para o qual vivo. Perdoe-me, por amor de Jesus, não apenas por fofocar sobre ele, mas também por deixar que a opinião dele ofusque minha visão de Jesus e capture meu coração. Ajude-me a entronizar novamente Jesus no meu coração. Obrigado pelo Seu amor que dura para sempre e porque nesse meu mundo incerto, eu posso confiar no Senhor."

O arrependimento produz fruto: orar antes de falar com meus filhos, trabalhar com eles para ajudá-los a desenvolverem um plano de arrumação do quarto, buscar o seu perdão e também convidar meus filhos e minha esposa para que, de maneira mansa e respeitosa, exerçam uma cobrança com respeito à minha ira. O resultado de tudo isso são relacionamentos melhores no contexto familiar.

Jairo também fará os devidos acertos com aqueles que ele ofendeu. Ele buscará o perdão de seu chefe pela falta de diligência, tomará a decisão de esforçar-se mais no trabalho para agradar a Deus, confessará aos amigos as fofocas que fez sobre o chefe e pedirá perdão a eles. Todas as manhãs, Jairo orará por ele e pelo seu chefe, pedindo a Deus que o capacite e abençoe o seu chefe. O resultado será uma mudança de atitude que trará benefícios tanto para ele quanto para o seu chefe.

5. Em oração, submeta o desejo dominador ao senhorio de Jesus Cristo.

Fixe seus olhos na glória e majestade de Deus. Renove o compromisso de agradar, adorar, confiar e obedecer a Ele. Somente o Espírito Santo pode capacitá-lo a manter um determinado desejo na perspectiva correta, deixando que permaneça a boa essência e esta exerça o papel de anseio apropriado rumo à busca por Jesus com todo o seu ser. Mesmo não sendo uma "necessidade", no sentido psicológico moderno, desejar o amor de seu cônjuge é, de fato, um desejo muito bom. Esse desejo motivará você a orar por seu cônjuge, para que ele ou ela se torne tudo quanto Deus deseja (não pedindo de forma egoísta, conforme Tiago 4.3). O mesmo desejo incentivará você quando o seu cônjuge necessitar de uma confrontação sábia, mansa e firme e permitirá que encoraje outros maridos e esposas a amarem seus cônjuges e demonstrarem empatia mesmo quando não houver merecimento. E, no final do dia, ele será uma ótima lembrança de como nosso Criador planejou as coisas, bem como a lembrança de que, no momento, as coisas não são como deveriam ser. Haverá a lembrança cheia de esperança de que coisas melhores virão quando contemplarmos o Senhor Jesus face a face.

A última coisa que queremos é que os bons desejos do nosso aconselhado se anulem ou se desfaçam. De fato, você deveria certamente questionar meu amor por minha esposa caso eu não tivesse o desejo de que ela me amasse. Entretanto, esses desejos devem ser avaliados debaixo

do senhorio de Cristo. Quando eles começam a ter vida própria, sem Jesus, eles se tornam destrutivos. A pessoa que anseia pela aprovação de um amigo, mas não a tem, pode ficar irada com seu amigo (ou mesmo com Deus) e julgar que ele não está se comportando devidamente. Ou tal pessoa pode ficar deprimida por não ter a bênção que ela acredita ser necessária para ser feliz. Ela perde a esperança, e não consegue viver sem a aprovação do amigo. Ou, se atualmente ela tem a aprovação do amigo em alguma medida, poderá viver com medo de perdê-la e estremecer ao simples pensar que seu amigo poderá criticá-la ou algum dia – talvez hoje – voltar-se contra ela. É possível até que venha a manipular ou sufocar seu amigo com o intuito de não perder sua aceitação. O coração é enganoso.

Como podemos aplicar o "Diagrama Trono-Cuz-Escada" ao aconselhado preocupado com agradar pessoas? Mostre-lhe que sua ira, medo, depressão, manipulação ou controle excessivo procedem de um desejo que se tornou uma exigência sutil ou mesmo evidente. Mostre como o aconselhado elevou o seu desejo ao lugar de ídolo funcional em seu coração, tirando Jesus do trono. Deus nos chama a identificar e expor esse desejo, a nos arrependermos de colocá-lo em posição de domínio no coração e a subordiná-lo em seu lugar legítimo – sob o governo de nosso Senhor Jesus. Nosso anseio por qualquer boa dádiva deve ser secundário ao nosso amor pelo Doador de toda boa dádiva.

O ponto principal do "Diagrama Trono-Cruz-Escada" é simples: enquanto seus desejos por coisas boas permanecem submissos a Jesus Cristo, eles são não somente legítimos, mas também apropriados. Porém esses desejos perdem toda a perspectiva correta quando eles sobem a escada do seu coração, competindo com Jesus a ponto de expulsá-lO de Seu lugar. Esse diagrama pode auxiliar no processo de buscar a ajuda de Deus para identificar, destronar e submeter quaisquer desejos que possam subir a sua escada e se opor ao seu desejo maior: conhecer, amar e seguir o seu Salvador.

O Que É "Sucesso" para os Pais de um Adolescente?

Paul David Tripp[1]

Você pode estar entre os muitos pais que estabelecem um único objetivo ao passarem pelos anos da adolescência de seus filhos: *sobreviver.* Mas esse objetivo focaliza apenas *você* conseguir atravessar um momento difícil. Para passarem por esses anos, os pais procuram estabelecer alvos de comportamento, lidando com seus filhos à moda do slogan da Nike: "Simplesmente faça!". No entanto, os pais que querem apenas regular e controlar o comportamento não dão aos filhos muita "bagagem" para levarem consigo ao saírem de casa.

Naturalmente, os pais precisam de regras para controlar o comportamento de seus filhos, mas isso não é suficiente como alvo. O simples cumprimento de regras é comportamentalismo, dissociado do coração e repudiado ao longo de toda a Bíblia. O simples cumprimento de regras foi o pecado dos fariseus, que Cristo condenou terminantemente. Contudo, mesmo os pais cristãos podem contribuir para criar novos jovens fariseus que não têm noção da necessidade do evangelho em sua vida. Sem dúvida, os adolescentes sabem muito bem cumprir regras exteriores.

Boa parte dos adolescentes que crescem em lares cristãos abandona a fé quando entra na universidade. Na verdade, suspeito que esses adolescentes nunca tiveram uma fé viva. Eles tinham a fé dos seus pais, mas não uma fé pessoal. O verdadeiro coração do adolescente, mascarado por anos de regras e controle dos pais, revela-se nos anos da faculdade.

Os últimos anos de permanência de um filho em casa é um tempo de oportuni-

[1] Tradução e adaptação de *What Is "Success" in Parenting Teens?*, artigo extraído de uma entrevista com Peter Hastie em Junho de 2000, com a permissão do *National Journal Committee* da Igreja Presbiteriana da Austrália.
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.14, n.3, Summer 2005, p. 13-20.
Paul David Tripp é presidente de Paul Tripp Ministries, conselheiro e parte do corpo docente da Christian Counseling e do Seminário Teológico de Westminster em Glenside, Pensilvânia.

dades sem precedentes. À medida que o mundo se descortina diante do adolescente, e ele experimenta maior liberdade, seu coração fica exposto. Isso significa que os pais devem aproveitar todas as oportunidades como parte do estágio final de preparo dos filhos. Envolvermo-nos profundamente com os nossos adolescentes é um alvo fundamental para esses anos.

Infelizmente, a cultura ocidental tem uma visão muito cética dos anos da adolescência. A tendência geral é enxergar os adolescentes como uma coleção de hormônios rebeldes e furiosos revestidos de pele. Logicamente, não se pode conversar com hormônios. Mas essa abordagem é uma negação sutil de Deus e do Seu evangelho. Ela diz que o evangelho não funciona para esse grupo específico de pessoas. Essa é uma teologia danosa e errada.

Culpamos o mundo por influenciar os adolescentes. Dizemos que os problemas de comportamento dos adolescentes resultam da associação com outras pessoas (por exemplo, a pressão do grupo) ou das circunstâncias (por exemplo, os hormônios). Mas a Bíblia diz de inúmeras formas que o comportamento provém do coração Essa transferência de culpa vem do caos do pecado lá no Jardim do Éden. A Bíblia diz que nossos relacionamentos e circunstâncias são meras ocasiões em que o coração se expressa. Os adolescentes são governados pelo próprio coração.

O que você quer dizer quando usa a palavra "coração"?

A antropologia bíblica é simples. Deus diz que as pessoas consistem de duas partes: o homem exterior (seu corpo material) e o homem interior (a parte espiritual ou imaterial). A Bíblia usa diversas palavras – mente, emoção, vontade, espírito – para descrever o coração. Em certo sentido, "coração" é um termo de grande abrangência, uma expressão bíblica que resume o homem interior e todas as suas funções.

A Bíblia atribui muitas funções importantes ao coração. Com ele sentimos, pensamos, temos propósitos, desejamos e cremos. Também com ele recebemos ou rejeitamos a Deus. Se o coração está no volante do ser humano, se é ele que nos conduz a fazer o que fazemos, então é bastante óbvio que o foco dos pais tem que ser o coração do adolescente.

Cristo usa o exemplo da árvore para explicar o funcionamento do coração. Você olha para a árvore e seus frutos, e diz: "Isso é uma macieira, pois tem maçãs". Se não fosse uma macieira por natureza, não produziria maçãs. No exemplo de Cristo, a árvore é o coração e o fruto é o comportamento com suas conseqüências.

Imagine que eu tenha em meu quintal uma macieira que produz maçãs farinhentas e murchas, ano após ano, e diga para minha esposa: "Vou consertar nossa macieira". Saio e corto fora todas as maçãs velhas. Em seguida, amarro maçãs vermelhas e suculentas em toda a árvore. Agora, a uns 20 metros de distância, a macieira parece uma árvore boa e saudável. Mas todos nós sabemos o que acontecerá. Aquelas maçãs também apodrecerão. Se uma árvore produz constantemente maçãs ruins, então algo está errado com seu sistema, a começar pelas raízes. Não resolveremos o problema amarrando maçãs boas na árvore ruim. Esse é o problema de boa parte da criação de filhos atualmente, até mesmo em lares cristãos. Grande parte do que se chama de "criação bíblica" nada mais é do que "amarrar maçãs boas em árvore ruim".

Seis semanas depois, ou talvez seis meses ou seis anos, o filho estará de volta no mesmo lugar onde estava antes.

Você está dizendo que muitos pais cristãos são comportamentalistas?

Sim. Mas o problema é que eles não se dão conta disso. Muitos pais estão sofrendo e percebem que algo está errado com o que eles estão fazendo. O problema real é que não usam um modelo de criação de filhos que atinge o coração. Se você for a uma livraria evangélica, nem mesmo verá a palavra "coração" na maioria dos livros sobre criação de filhos. Esses livros falam em técnicas e estratégias para controlar o comportamento. São livros "comportamentalistas" apesar de se disfarçarem de cristãos.

O assustador a respeito desses livros e estratégias é que eles costumam ser temporariamente eficazes. Posso controlar o comportamento de um filho por meio de uma variedade de métodos. Se eu lançar culpa suficiente sobre meu filho, isso produzirá efeito nele. Se eu manipular meu adolescente com algo que ele queira, um par de tênis novo ou uma bicicleta nova, conseguirei um bom efeito temporário. Se eu o ameaçar, ele poderá ceder. Mas o problema é que nenhuma dessas estratégias tem efeitos duradouros. A pessoa interior, o coração do adolescente, não mudou. No minuto em que a ameaça ou o incentivo acabarem, meu filho voltará ao que estava fazendo. Isso acontece com a população em geral, e também na Igreja.

Como as provações dos anos da adolescência podem revelar o que está realmente acontecendo no coração dos pais?

Tenho quatro filhos, todos adultos. Eu gostaria de poder dizer que as únicas vezes em que fiquei irado no passado foi quando algum deles quebrou uma lei de *Deus*. No entanto, a verdade é que, freqüentemente, eu me irava não porque eles cometiam um pecado, mas porque o pecado deles estava atrapalhando meus planos. O que costuma prejudicar a criação dos adolescentes é a idolatria dos pais.

Como pai, vivo freqüentemente em busca de conforto, apreciação, sucesso, respeito e controle. Estas coisas, em si mesmas, não são erradas. Todavia, elas não podem dominar o meu coração. Se isto acontecer, quando surgir uma crise com o adolescente é possível que eu entenda como pessoal algo que não é pessoal e assuma a posição de antagonista. Nesse momento, ficarei furioso porque o adolescente impede-me de fazer ou ter aquilo que mais desejo. Escolherei a solução rápida só porque quero encerrar logo o assunto. Sem perceber como chegar sabiamente ao coração do adolescente, transformarei em um momento de ira aquilo que era uma oportunidade dada por Deus para ministrar.

A chave para sermos usados por Deus na vida de nossos filhos é começar pelo nosso coração. Pense, por um momento, no seguinte cenário. Digamos que minha paixão por bens materiais domine meu coração. Tenho muito orgulho do meu carro, da casa e da mobília. Meu filho adolescente entra na sala e comunica que tirou o carro da garagem e arrebentou com ele. Ao soltar essa notícia terrível, ele está nervoso, senta-se em cima do meu aparelho de som novo e o quebra. Ele derrama sua lata de Coca-Cola em meu tapete novo. Nesse momento, se minha vida encontra razão nas coisas materiais, terei um ataque de raiva. Mas Deus usa os acidentes como esse para me revelar verdades sobre meu filho e sobre mim mesmo para

que eu possa me tornar parte do que Deus deseja fazer na vida do meu adolescente.

Meu problema imediato não foi o pecado *do meu filho*, mas a *minha* idolatria. A verdadeira crise para mim, naquele momento, não foi a atitude negligente do meu filho, mas o fato de que ele arruinou os meus ídolos. Os pais confessam sua idolatria de formas indiretas a toda hora: "Faço tudo isso por você e essa é a gratidão que recebo?". Outro pai fala como se o adolescente tivesse conspirado deliberadamente contra ele: "Como você ousa fazer isso para mim!". O pai toma a ofensa como pessoal porque o filho o impediu de servir ao ídolo que domina sua vida. Algumas vezes, essa é uma luta muito grande para os pais. Os anos da adolescência, porém, trazem oportunidades sem precedentes. O primeiro passo importante que posso dar é sondar a idolatria na minha vida. Então, à medida que a descubro, posso confessá-la. Posso encontrar a misericórdia de Deus e abandonar meu pecado. Em seguida, posso começar a tratar o pecado do meu adolescente clara e amorosamente (Mt 7.1-5).

Se os pais não lidarem com sua idolatria em primeiro lugar, todas as estratégias para lidar com seus adolescentes não ajudarão. Estipular alvos também não ajudará, pois você sempre acabará servindo àquilo que controla o seu coração. É como a lei da gravidade: opera continuamente. A Bíblia chega ao âmago desse problema com sua visão radical da natureza humana. Deus declara que adoração não é uma mera *atividade* dos seres humanos; adoração é uma *identidade*. Somos adoradores e a adoração, para nós, é algo inevitável. Estamos sempre adorando uma coisa ou outra. Se eu não estou servindo (adorando) a Deus ao lidar com meu adolescente, então estou servindo outras coisas.

Qual é o problema no coração quando os adultos começam a se ressentir dos seus adolescentes?

Nos anos da adolescência, ocorre uma mudança dinâmica nos relacionamentos. Enquanto um filho é ainda criança, ele está envolvido basicamente naquilo que eu programo. Tenho total controle. Ele vai aonde eu o levo ou mando ir. Os únicos amigos que vêm em casa são aqueles que eu aprovo. No entanto, quanto mais o mundo do adolescente se amplia, mais essa realidade muda. Esse pecador adolescente tem uma tremenda habilidade de bagunçar o *meu* mundo. Suas escolhas podem, cada vez mais, colidir com as minhas. O adolescente luta na tentativa de encontrar o sentido da vida e formar uma identidade de adulto. Todo adolescente é também um pecador à procura de aprender como viver no mundo de Deus e na graça de Cristo – com boas perspectivas de aprender sobre santidade pessoal e os perigos do pecado. Essas dinâmicas têm um enorme impacto sobre a minha vida como pai. Se os pais não reagirem com santidade, está explicado por que, algumas vezes, eles terão ressentimento dos filhos.

Os adolescentes são completamente diferentes daqueles doces bebezinhos que seguramos um dia em nossos braços. Adorávamos ouvi-los arrulhar. Eles estavam sempre bonitinhos. Parece irônico que aquela pequenina pessoa, que me trouxe tanta alegria, é o mesmo jovem rapaz com quem agora eu me magôo. Talvez eu esteja tão irado com ele, que não quero nem mesmo me sentar ao lado dele para uma refeição juntos. Ele trouxe desconforto ao

meu mundo e eu não gosto de pensar que minha vida foi virada de cabeça para baixo. Gosto de um mundo previsível e controlado. Magôo-me profundamente por ter perdido o nível anterior de conforto e controle.

Quando fico irado e frustrado com meu filho adolescente, isso revela a qualidade e consistência do meu amor-próprio, um dos terríveis efeitos do pecado. Paulo lembra que Jesus veio "para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2Co 5.15). Jesus disse que o egoísmo expressa o pecado e o pecado o faz ficar absorto em si mesmo.

O que realmente desejo para os meus filhos adolescentes? De maneira geral, quero filhos pré-santificados e que eduquem a si mesmos! Quero filhos que eu possa levar a um restaurante sem precisar passar vergonha e que façam seus deveres de casa sem que eu precise ficar insistindo. Quero uma vida fácil para mim mesmo. Francamente, eu nunca pensei que ao me tornar pai eu teria de colocar minha vida de lado em prol dos meus filhos. Mas é exatamente isso que Deus pede que eu faça. Minha redenção não custou apenas a glória de Cristo, ela também lhe custou a vida. Cristo é o modelo de como eu devo viver como alguém redimido por um amor de alto custo.

Que tipo de atitudes e abordagens os pais deveriam ter ao lidar com seus adolescentes?

Primeiro, defina "uma vida bem-sucedida" em termos de relacionamento familiar, não em termos profissionais. Atualmente, o trabalho tem desvalorizado a importância dos relacionamentos familiares. Essa tendência teve início com a Revolução Industrial. Há duzentos anos, quando a produção tinha o campo como base, se a família estivesse em crise, o armazém fechava até se resolver o problema, pois o negócio era conduzido pela família. Mas quando mudamos o local de trabalho e deslocamos os homens de casa, a produção começou a ditar o estilo de vida. Que homem, hoje em dia, telefonaria para o seu chefe e diria "Vou me atrasar duas horas, pois estou com problemas em casa que precisam ser resolvidos neste momento"? Ao invés disso, você diz para sua esposa: "Não posso falar sobre isso agora, pois tenho que ser pontual no trabalho".

À medida que o trabalho e a família se separaram, os homens começaram a definir sucesso em termos de seu desempenho profissional, ao invés do desempenho em seus lares. Atualmente, as mulheres também definem sucesso em termos de desempenho profissional. É triste pensar que nossa sociedade raramente enfatiza a importância dos relacionamentos familiares quando define uma vida de sucesso. Mas nós precisamos fazer isso. Precisamos chegar a dizer: "Nada do que eu jamais alcançarei ou farei estará acima do projeto que Deus tem para mim na formação interior de meus filhos. Nada é mais importante que isto". Essa decisão exige escolhas difíceis.

Quando dou palestras, dirijo-me especificamente aos homens para os desafiar: "Alguns de vocês estão tão ocupados com suas carreiras que raramente estão em casa, e quando estão ali, estão tão esgotados fisicamente que vocês nada têm a oferecer aos seus filhos. Vocês nem conhecem seus filhos. Quero lhes propor um desafio. Vá até o seu chefe e peça um rebaixamento de função. Ganhe um salário menor; mude-se da casa dos sonhos

para uma casa menor; venda seu carro novo e compre um mais antigo. Esteja disposto a fazer aquilo que Deus o chamou a fazer na vida de seus filhos". Numa cultura em que o casal participa do orçamento familiar, esse desafio precisa cada vez mais ser feito também às mulheres, que igualmente sacrificam a família pela carreira.

Fiz esse apelo numa conferência e um homem ficou muito irado, embora eu não tenha tido conhecimento disso na ocasião. Dois anos mais tarde, ele me procurou durante o intervalo de outra conferência. À medida que se abriu comigo, ele começou a chorar e disse: "Dois anos atrás, ouvi esse apelo que você acabou de fazer hoje à noite e fiquei muito irado. Pensei: *Que direito você tem de dizer isso?* Eu estava assustado com suas palavras. *Ele está falando de mim. Durante toda minha vida estive tão afastado de casa que nem conheço meus filhos.* Finalmente, certa manhã, fui até meu chefe e disse: 'Quero lhe falar sobre meu cargo'. Meu chefe disse: 'Olhe, nós já o promovemos o quanto podíamos e o mais rápido que podíamos'. 'Não, não, apenas me ouça: eu não quero promoção', respondi prontamente. O chefe ficou pasmo. Ele perguntou: 'Do que você está falando?' Respondi: 'A coisa mais importante na minha vida não é esse emprego, mas os cinco filhos que Deus me concedeu. Sou o instrumento de Deus na formação de seu caráter. Mas, nesse momento, eu nem mesmo conheço meus filhos'. Meu chefe disse: 'Nunca ouvi uma conversa desse tipo antes e, possivelmente, nunca mais ouvirei. Estou muito tocado. Acharemos um cargo onde você possa trabalhar 40 horas por semana. Você poderá bater cartão e ter menos obrigações, mas não poderei remunerá-lo como antes'. Então eu concluí: 'Está certo!'. Vendemos a casa dos nossos sonhos, livramo-nos de dois carros de luxo e compramos uma mini-van. Já se passaram dois anos e nenhum dos nossos filhos veio me dizer: 'Pai, gostaria tanto de morar numa casa maior' ou 'Pai, gostaria tanto que tivéssemos carros novos'. No entanto, repetidas vezes eles vêm me dizer: 'Pai, temos nos divertido tanto com você. É maravilhoso tê-lo por perto'. Agora, pela primeira vez, eu posso dizer que sei exatamente onde meus filhos estão. Tenho acesso ao coração de cada um e sei o que preciso investir na vida deles. Estou sendo verdadeiramente pai".

Obviamente, há muitas outras atitudes cruciais, porém eu começaria com "faça do papel de pai e de mãe uma prioridade".

Se desejamos desempenhar um papel vital no desenvolvimento espiritual dos adolescentes, o que fazer na prática para compreendê-los?

O mais útil a ser lembrado é que o seu adolescente é mais parecido com você do que se supõe. Com muita freqüência, cremos que os adolescentes constituem uma classe separada de pessoas, como se fossem alienígenas que caíram do céu. Contudo, há pouquíssimas lutas na vida de meu filho que eu não reconheça também em meu coração. Por exemplo: imagine que meu filho vai "se dar mal" porque ele procrastinou e agora não conseguirá terminar a tempo o trabalho para a escola. Eu já não fiz a mesma coisa? Claro que sim! Reconhecendo isso, eu não posso ir a ele e dizer: "Como você se atreveu a fazer isso? Como pôde? No meu tempo, eu nem pensaria em fazer uma coisa dessas". Em vez disso, chego a ele como um irmão pecador.

Conhecendo o meu coração, minha maneira de lidar com meu filho estará ba-

seada no evangelho, e não na lei. Aqui está a minha oportunidade de apontar a Cristo: "Filho, há um resgate providenciado para nós na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Há esperança para nós dois. Eu preciso disso tanto quanto você. Estou ao seu lado. No entanto, não espere que eu escreva um bilhete para o professor para livrá-lo do seu compromisso". É uma abordagem completamente diferente. A abordagem do tipo "Eu sou mais justo do que você" bloqueia os adolescentes assim como o bloqueia quando alguém faz isso a você. A melhor maneira de compreender um adolescente é compreender a si mesmo.

De que maneira a Bíblia é útil em nos preparar para enfrentarmos o desafio dos anos da adolescência?

A Bíblia é transcultural e alcança as gerações de todas as épocas. Costumamos dividir os seres humanos em sub-culturas e acreditamos que somos muito diferentes uns dos outros. Em alguns aspectos talvez sejamos, mas a Bíblia lança sua rede de tal maneira que apanha a todos.

A Bíblia dirige-se às lutas típicas dos jovens de todas as culturas. Ela funciona numa situação em que um filho diz a seu pai: "Esqueci de dar água ao camelo". Também funciona quando o filho diz: "Pai, esqueci de colocar gasolina no carro". Ela ultrapassa as diferenças. Não é difícil olhar para o texto bíblico e descobrir que ele faz sentido quando define as lutas típicas dos jovens. Essas lutas são oportunidades para os pais sábios.

O livro de Provérbios é muito claro quando nos relembra que os adolescentes não costumam estar famintos por sabedoria e correção. Nenhum dos meus filhos jamais disse: "Pai, você é realmente um homem sábio. Amo sentar-me aos seus pés e beber de sua sabedoria". Ou: "Pai, quando você me corrige, você me mostra o seu amor. Você gostaria de me corrigir com maior freqüência?". A sabedoria e a capacidade de se deixar ensinar são cruciais para agradarmos a Deus e, no entanto, meu adolescente não está faminto por essas coisas.

Agora tenho a minha descrição de tarefa: vender ao meu adolescente algo que ele não está buscando. Como homem sábio, decido fazê-lo. Quero lhe mostrar que a sabedoria é algo lindo, maravilhoso. Quero lhe vender a sabedoria de modo que ele se torne um consumidor ávido. Existem oportunidades maravilhosas em cada área de lutas dos adolescentes.

Os adolescentes têm uma tendência bastante legalista. Eles enxergam a vida em preto e branco, adoram discutir os limites e pressionam fortemente para conseguirem o que desejam. Eles não amam muito a lei de Deus, pois ela é como uma cerca para eles e os mantém longe das "coisas boas" que eles desejam. No entanto, você não resolve o problema do legalismo juvenil discutindo onde os limites estão. O filho que insiste em olhar do outro lado da cerca acredita numa mentira significativa: as "coisas boas" estão do outro lado, mas Deus e os pais mantêm-no afastado delas. Eu quero que meu adolescente entenda que nada que ele venha a desejar nesse mundo pode ser comparado à sabedoria.

> Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela. O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e

> honra. Os seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz. É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm. (Pv 3.13-18)

Mostre ao seu adolescente a glória do chamado divino para nós. Você pode imaginar como seria viver numa cidade onde todos fossem mansos e gentis, não acontecessem mais roubo nem existissem mais inveja, homicídios e adultérios, ninguém cobiçasse e todos fossem pacientes? Este é o mundo de Deus! Então, em cada uma das áreas em que os adolescentes passam por lutas, os pais têm oportunidades maravilhosas de investimento.

A Bíblia é vital para lidarmos com os adolescentes. Nos primeiros capítulos de Provérbios, um pai dá conselhos a seu filho: "Filho meu, atenta para as minhas palavras"; "Filho meu, não te esqueças dos meus ensinos". Como pai, eu decidi ler aqueles primeiros oito capítulos de Provérbios vez após vez. Literalmente, li aqueles capítulos centenas de vezes. Inúmeros temas vieram à tona repetidamente. Sei que se eu precisar repetir algo várias vezes ao meu filho, isso significa que identifiquei uma área de luta em sua vida. Semelhantemente, os temas de Provérbios nos dão um tremendo quadro das tentações típicas na vida de um jovem. Eles me dão um padrão para refletir a respeito das situações que encontrarei à medida que eu atravessar os anos da adolescência dos meus filhos.

Quais deveriam ser os alvos espirituais básicos para os pais enquanto lidam com seus adolescentes?

Com certeza, mais do que simplesmente controlar o comportamento. Muito do que se faz na criação dos filhos não passa de uma reação. Não há alvos planejados. Alguma coisa acontece e eu reajo a ela. No entanto, a Bíblia espera que a nossa atuação vá muito além da "criação reativa". Ela estabelece alvos mais profundos. Quando ajudo meus filhos a lidarem com questões de namoro, de uso do carro ou de comportamento na escola, estas circunstâncias pessoais são oportunidades dadas por Deus para ajudá-los a avaliarem e mudarem os alvos no coração. Para cada um de meus filhos, tentei olhar além da situação em questão e identificar o alvo que desejava atingir no coração.

Um dos alvos é ensinar meu filho a compreender e participar na batalha espiritual. A Bíblia nos diz que as coisas mais importantes que acontecem na vida não são visíveis e que há um inimigo real que quer o controle de cada coração. Essa batalha trava-se em todas as situações da vida. Portanto, meu desejo é que o meu adolescente vá além do nível superficial de roupas, amigos e esportes, e enxergue a importância do pecado e da tentação em todas as situações da vida.

O que controla o coração? Nossos ídolos. Os adolescentes precisam ser desafiados sobre o que os governa. Eles costumam ter três ídolos de maior destaque: aparência, bens materiais e aceitação. Meu desejo é que eles entendam o que realmente está acontecendo no coração e na vida.

Como devemos treinar nossos filhos para que façam uma diferença em nossa cultura?

Quando você tenta encaixar a cosmovisão bíblica dentro da cultura ocidental e seu sistema de valores, simplesmente não funciona. É como tentar passar um elefante pelo buraco de uma agulha. Os pais se frustram porque entendem que há algo

errado, mas simplesmente não conseguem definir o que não está funcionando.

A Bíblia nos dá uma cultura. A cosmovisão cristã é uma cultura própria. Não estamos simplesmente evitando que nossos filhos façam coisas erradas segundo a cultura do mundo como, por exemplo, usar drogas, fazer sexo sem proteção, embriagar-se. Estamos tentando "aculturá-los" de uma maneira diferente. Como é isso? Mantemos o foco em questões de identidade: Afinal, quem sou eu? Como defino minha identidade? Como encaro os bens materiais? Qual é o conceito de sucesso para mim?

A definição bíblica de sucesso é amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo. Com certeza, sucesso não é o tamanho da sua casa nem o título na porta do seu escritório. Não é o quanto você tem porte atlético ou é bonito. Esses não são indicadores bíblicos de sucesso. De fato, você pode ter uma vida que é um absoluto fracasso para Deus, mas ser extremamente bem-sucedido em termos do mundo.

Temos que redefinir "sucesso". Mas nunca consigo viver apenas no mundo de Deus, pois vivo no habitat da cultura humana. Essa tem sido sempre uma luta para a Igreja. Quando Israel entrou na Terra Prometida, Deus advertiu: "Vocês irão se misturar em casamento, fazer negócios com essas pessoas e adorar os seus ídolos". E foi isso o que aconteceu. Havia uma grande luta cultural.

Não é suficiente treinar seus filhos para viverem isolados do mundo. Essa é uma escolha egoísta e uma segurança falsa. Deus diz que Ele me quer *no* mundo, mas não *do* mundo. Também não é seguro assimilar a cultura, pois eu me torno como os demais. Precisamos ser capazes de viver com sucesso dentro da cultura, sem assimilarmos os valores que são contrários aos de Deus.

Quero ensinar meus filhos a pensarem de forma teocêntrica e lhes transmitir a habilidade analítica para entenderem a cultura. Quero ajudá-los a diferenciar entre luz e trevas. Quero lhes mostrar quando podem participar com a sociedade e quando devem se afastar. Veja bem, não é suficiente ser passivo como pai e dizer: "Bom, pelo menos os meus filhos não estão fazendo grandes 'aprontações'; eles não estão se dopando nem se envolvendo em promiscuidade sexual". Nossos filhos podem exteriorizar um bom comportamento, mas podem ter o coração dominado pelos valores essenciais da cultura que os cerca.

Isso aconteceu com o povo de Israel. Eles prestaram homenagens a Baal enquanto estavam a caminho de oferecer sacrifícios a Jeová. Infelizmente, fazemos a mesma coisa. Adoramos o Citroen que dirigimos enquanto estamos a caminho do culto de adoração a Deus. Escolhemos um lugar no estacionamento da igreja onde o carro possa ser visto por todos e, em seguida, entramos e cantamos hinos de louvor Àquele que supostamente é o nosso Deus.

Por que os pais cristãos sentem-se freqüentemente frustrados em seus esforços para cultivar nos adolescentes um coração voltado para Deus?

Cultivar nos adolescentes um coração voltado para Deus é uma das tarefas mais difíceis que um ser humano pode ter para executar. Temos que reconhecer que não há esperança sem Deus. Se eu pudesse transformar o coração humano pelo tom da minha voz, pela força da minha personalidade, pela lógica dos meus argumentos ou pela sabedoria das minhas estraté-

gias de educação, então Jesus não precisaria jamais ter vindo ao mundo. Como pai, cheguei a algo com que não posso lidar sozinho e isso me deixa irado, frustrado e desanimado. Quero o "efeito instantâneo": dê-me apenas três passos para produzir santidade em meus filhos. Porém, a Bíblia não faz isso. Ela nos dá um Redentor.

Aqui estão algumas realidades assustadoras. Não importa o quão corretamente eu aja com meu filho, *ele* tem que se relacionar com Deus ou não haverá esperança para ele. Não importa o quão corretamente eu aja com minha filha, *ela* tem que se relacionar com Deus ou não haverá esperança para ela. Eu não posso fazer isso por eles. Nos momentos de frustração, procuro fazer com meus filhos aquilo que cabe a Deus fazer. Procuro forçá-los, lanço culpa sobre eles, penso em tudo que posso fazer para transformá-los. Esqueço-me de que somente Deus pode transformar um coração. Como pai, chega o momento em que devo reconhecer que meus filhos precisam de um relacionamento pessoal com Deus ou nunca chegarão a amar verdadeiramente a Deus e depender dEle. Os pais precisam aceitar aqui sua incompetência. Quando desistirem de suas tentativas de ser Deus, começarão a ser *instrumentos* de Deus.

Às vezes, na tentativa de fazer a obra de Deus, entro em conversas arrasadoras com meus filhos adolescentes. Quando fazemos isso, os filhos ficam muito irados. Damos forças a que fiquem exasperados e os expomos à amargura. Certa vez, recebi em meu escritório um pai que agarrou firmemente o rosto de seu filho e disse: "Nem que seja a última coisa que eu faça, vou fazer com que você me respeite". Imagine se você fosse aquele jovem. Você não ficaria ali sentado, pensando: "*Isso é realmente proveitoso"*. Você pensaria: "*Claro, até parece que isso algum dia vai acontecer!"*. Aquele pai frustrado tentava fazer o que só Deus poderia fazer. E isso nunca produz respeito. Pelo contrário, estimula justamente a rebeldia da qual você está procurando se livrar. Aquele pai declarou guerra ao filho.

Quando finalmente você se der conta de que não consegue mudar o coração de seu filho, ponha-se de joelhos. Comece a orar por seus filhos e confesse seu pecado a Deus e aos seus filhos como jamais você fez antes. Como pai, desejo ser um instrumento útil nas mãos do Redentor porque sei que somente Cristo pode renovar o coração de meu filho.

Como os pais podem ajudar seus filhos a partirem de casa cheios de gratidão pelo preparo que receberam para a vida?

Os pais devem lembrar que o melhor clima para um relacionamento é o clima de honestidade e humildade. A restauração acontece quando os pais se dispõem a serem honestos sobre as próprias lutas. Pais que falam muito, mas agem pouco, enlouquecem os filhos. Esses pais estabelecem os padrões, mas eles mesmos nunca os seguem. Como você pode falar da graça de Deus e ser uma pessoa irada e amarga? Passado algum tempo, seu filho mal pode esperar pela primeira oportunidade para sair de casa.

A cada dia, posso pregar o Evangelho declarando o quanto necessito dele. Certa vez, estava conversando com meu filho de dezessete anos de idade. Eu havia sido impaciente com ele e disse: "Não será nenhuma surpresa para você eu dizer que sou um pecador. Há momentos em que penso mais em mim mesmo do que em você. Um desses momentos foi ontem à

noite". E meu filho respondeu: "Eu faço o mesmo com você, pai, e eu te perdôo". Depois dessa troca, sentimos um amor genuíno entre nós. No entanto, teria ocorrido algo bem diferente se eu tivesse dito: "Você deveria se sentir muito feliz por ter um pai como eu. Estou sempre fazendo tudo por você. Porque você estraga tudo depois de tanto que já fiz por você?". Teria sido um jogo completamente diferente se eu tivesse dito isso.

O ponto é o seguinte: se eu estiver disposto a admitir que necessito de Cristo, então demonstrarei diante de meu filho aquilo que ele também deve fazer. Ele não verá apenas a sua necessidade, mas também as mudanças que Cristo é capaz de operar em mim. Quando prego o Evangelho por meio da minha vida, isso é poderoso. Todavia, perdemos oportunidades quando acreditamos que nossa autoridade ficará comprometida se admitirmos nosso pecado. De qualquer maneira, minha autoridade é representativa; não está baseada em minha retidão. Minha justiça está baseada em Cristo. Quando sou um exemplo disso para meus filhos, então sou um instrumento nas mãos de Cristo.

Pastoreando o Coração da Criança

Tedd Tripp (São José dos Campos: Fiel. 3. ed. 2002. 228 p.)



Resenha por David A. Powlison[1]

Admito ser tendencioso: gosto do livro de Tedd Tripp. Gostei tanto que escrevi o prefácio ainda na fase de preparo do original. À medida que me aprofundo novamente em seu conteúdo, continuo a gostar desse livro. Algumas das razões são pessoais: *Pastoreando o Coração da Criança* revelou as minhas falhas como pai e ao mesmo tempo encorajou-me em meus sucessos, deu-me esperança e guiou-me com um toque hábil.

Algumas de minhas razões são pastorais: *Pastoreando o Coração da Criança* lida com aspectos que não são tratados em nenhum outro livro sobre educação de filhos. Ele revela algumas áreas negligenciadas pelos pais, áreas potencialmente repletas de muitas das mais profundas alegrias e satisfações na criação de filhos.

Tripp, acertadamente, escreve: "A maioria dos livros sobre este assunto [criação de filhos] são escritos para ajudá-lo a cumprir melhor a tarefa de fornecer influências formativas e construtivas para seu filho" (p. 35). E ele também oferece ajuda na tarefa de formação construtiva.

Tripp, porém, não se limita a este aspecto, pois a Bíblia tampouco se limita a ele. Destacando-se entre os demais autores de livros sobre criação de filhos, Tripp declara-se "interessado também em ajudar os pais a enfrentarem um combate corpo a corpo no menor campo de batalha do mundo — o coração da criança" (p. 35). Ele mostra a criança como adoradora de Deus ou de falsos deuses, trabalha essas questões de modo prático e ensina aos pais como conversar com seus filhos sobre os assuntos mais profundos. Também ajuda os pais a ajudarem seus filhos na compreensão da realidade do mundo e de si mesmos de uma perspectiva bíblica, e no entendimento do amor de Cristo. Professores, conselheiros e pastores – aqueles que exercem metafórica ou literalmente

[1] Tradução e adaptação de *Shepherding a Child's Heart.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.14, n.3, Spring 1996, p. 51-52.

a tarefa de pais – também podem certamente tirar proveito dessas mesmas habilidades.

Os parágrafos seguintes dão uma idéia de como Tripp vê as crianças:

> Tomemos um exemplo bem conhecido: um lar onde há dois ou mais filhos. As crianças estão brincando e surge uma briga por certo brinquedo. A pergunta clássica é: "quem pegou primeiro?" Esta pergunta deixa de lado questões vitais. "Quem pegou primeiro?" é uma questão de justiça. A justiça que opera em favor da criança que foi mais rápida em pegar o brinquedo. Se olharmos para esta circunstância em termos do coração, as questões mudarão.
>
> Com este ponto de vista, você tem dois ofensores. As duas crianças revelam uma dureza de coração, uma para com a outra. Ambas estão sendo egoístas. As duas crianças estão dizendo: "Eu não me importo com você ou com a sua felicidade. Estou interessado somente em mim mesmo. Quero este brinquedo. Ele é a condição para minha felicidade. Vou tê-lo e serei feliz, não importa o que isso significa para você".
>
> Em termos das questões do coração, você tem dois filhos pecando. Os dois estão preferindo a si mesmos e não um ao outro. Os dois estão quebrando a lei de Deus. É claro, as circunstâncias são diferentes. Um está tomando o brinquedo do outro. Um deles está levando a vantagem. As circunstâncias são diferentes, mas a questão do coração é a mesma, ou seja, "eu quero a minha felicidade, mesmo às suas custas".
>
> Você percebe, então, como as atitudes do coração direcionam o comportamento. Isto é sempre verdade. Todo comportamento está ligado a alguma atitude do coração. Portanto, a disciplina deve se dirigir às atitudes do coração.
>
> A compreensão disto faz coisas maravilhosas em favor da disciplina. Ela faz do coração o alvo da questão, e não somente o comportamento. Essa compreensão focaliza a correção em coisas mais profundas do que somente na mudança de comportamento. O ponto de confronto é o que está acontecendo no coração. Sua preocupação é desmascarar o pecado de seu filho, ajudando-o a entender como seu comportamento reflete um coração pecador. Este fato o leva à cruz de Cristo e ressalta a necessidade de um Salvador. Fornece oportunidade de mostrar as glórias de Deus, que enviou Seu Filho para transformar corações e libertar as pessoas aprisionadas ao pecado.
>
> Esta ênfase é a linha fundamental deste livro: o coração é a fonte da vida. Portanto, criar filhos diz respeito a pastorear o coração. Você precisa aprender a educar, voltar-se para o coração a partir do comportamento visível, expondo aos seus filhos as questões do coração. Em resumo, você deve aprender a envolvê-los e não a reprová-los. (p.17-18)

As crianças não brigam apenas por brigar. Elas brigam por alguma razão. Os

pais podem aprender a lidar tanto com o comportamento quanto com as razões.

Pastoreando o Coração da Criança elucida as duas partes de Efésios 6.4: tanto a comunicação cuidadosa, pessoal, honesta e carinhosa entre os pais e a criança, o tipo de comunicação que "coloca a verdade na mente" (*noutheteo*), como também os efeitos da disciplina misericordiosa que "treina" para identificar o bem e o mal (*paideuo*). "Seus filhos precisam ser conhecidos e entendidos; por isso, a comunicação abundante é necessária. Eles também necessitam de autoridade. Precisam que os limites sejam claros e a correção seja previsível; por isso, a vara é necessária." (p. 132) Tripp argumenta convincentemente tanto contra o autoritarismo quanto contra a permissividade dos pais: "O propósito de sua autoridade nas vidas de seus filhos não é mantê-los debaixo do seu poder, mas capacitá-los a serem pessoas autocontroladas que vivem livremente sob a autoridade de Deus" (p.8).

Pastoreando o Coração da Criança conduz os pais ao longo de suas responsabilidades crescentes, sensibilizando-os para as questões próprias das diferentes fases desde a infância até a adolescência. Ele é prático e praticável. O prefácio traça elogios, mas são elogios verdadeiros. Aqui está um resumo do que pensei e continuo pensando a respeito do livro: [2]

> Este é um livro escrito por um perito. Tedd Tripp sabe do que está falando e com quem está falando.
>
> Ele conhece as crianças, os pais... e conhece os caminhos de Deus.
>
> A maioria dos livros sobre criação de filhos oferece conselhos para moldar e refrear o comportamento de seus filhos ou para que eles se sintam bem a respeito de si mesmos. Tanto o controle sobre os filhos quanto a realização pessoal dos filhos são considerados os alvos a serem alcançados pelos pais. No primeiro, prevalece a vontade dos pais; no segundo, a vontade dos filhos.
>
> *Pastoreando o Coração da Criança* contém algo bem diferente. O livro ensina quais devem ser os seus alvos como pai e mostra como alcançá-los na prática. Ele o instrui a engajar a criança naquilo que é de fato importante e a atingir o coração do seu filho por meio de palavras e ações. Também ensina como falar com seu filho e o que falar, e mostra como a comunicação e a disciplina trabalham juntas quando os pais amam com sabedoria. E ainda ensina como os seus objetivos mudam ao longo da infância e à medida que seu filho alcança a adolescência. *Pastoreando o Coração da Criança* irá humilhá-lo, motivá-lo a se tornar um pai diferente e ensiná-lo por meio de princípios e exemplos.
>
> Na verdade, muitos livros sobre criação de filhos não oferecem um entendimento claro sobre a natureza dos filhos e dos pais. Seus conselhos são construídos sobre uma base estranha à Palavra e à realidade humana. Alguns bons

[2] NT. A edição brasileira de *Pastoreando o Coração da Criança* não inclui o prefácio de David Powlison.

conselhos misturam-se com maus conselhos porque a visão básica está errada, outros bons conselhos cambaleiam ou se perdem porque os elementos de equilíbrio para uma criação de filhos sábia são negligenciados. O livro de Tedd Tripp é diferente. A pedra angular está alinhada com precisão. *Pastoreando o Coração da Criança* entende você e seus filhos de acordo com a verdade e pode, portanto, conduzi-lo por caminhos retos e sábios. Tripp transmite a visão bíblica e mostra como colocá-la em prática. Você tem tudo quanto necessita. Tedd Tripp é um pai experiente, pastor, conselheiro e diretor de escola. Mais do que isso, ele é um homem que ouve atentamente a Deus e se empenha para mostrar o que isso significa na criação de filhos. Dê ouvido aos seus conselhos e se esforce para pastorear de fato o coração de seus filhos.